



♧ 41 Anos ♧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*



ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 21 ANO XXI 2019



NAVEGAR EDITORA

*Copyright* © 2019 Academia Guarulhense de Letras  
Revista nº 21 Ano XXI 2019 - Edição dos 41 anos

Todos os direitos desta edição, reservados para:  
*ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL*

---

**ISBN: 978-85-863-0256-5**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

21ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL Guarulhos - SP: A Academia 2019 Vários autores - ISBN 978-85-863-0256-5 1. Contos brasileiros - coletâneas. 2. Coletâneas brasileiras 3. Poesias brasileiras - coletâneas <p style="text-align: right;">CDD - 869.9308 869.9108</p>
--

---

**Ficha Técnica**

Coordenação Editorial: *Valdir Carleto*  
Revisão: *Clovis Domingues, Fábio Cardoso dos Santos, José Augusto Rodrigues Pinheiro, José Roberto Jerônimo e Valdir Carleto.*  
Diagramação: *José Roberto Jerônimo*  
Fotos e ilustrações: *Acervos da AGL e de autores*  
Capa: *Rubenal Hermano Santos*

---

*Editora: Navegar Gráfica Distribuidora e Editora Ltda.*  
*Endereço: R. Cel. Emídio Piedade, 659 - São Paulo - SP*  
*CEP 03018-010 - Fone 11-3482-5055*  
*Site: [www.navegareditora.com.br](http://www.navegareditora.com.br)*  
*E-mail: [navegar@navegareditora.com.br](mailto:navegar@navegareditora.com.br)*

---

*Academia Guarulhense de Letras - AGL*  
*Endereço para correspondência:*  
*Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro*  
*Guarulhos - SP - CEP 07115-020*  
*Site: [www.academiagarulhense.org.br](http://www.academiagarulhense.org.br)*





*41 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**DIRETORIA 2019 / 2020**

**Presidente:**

Antonia Conceição Vaz Duarte

**Vice-presidente:**

Valdir Carleto

**Secretário geral:**

Teresinha Silva Maltez de Souza

**1ª Secretário:**

Mauro dos Santos Oliveira

**2ª Secretário:**

José Roberto Jerônimo

**Tesoureiro geral:**

Fábio Cardoso dos Santos

**1ª Tesoureiro:**

José Augusto Rodrigues Pinheiro

**2ª Tesoureiro:**

Jacques Miranda de Oliveira

**Conselho Fiscal**

**Presidente:** Armando Attilio Colacioppo Sobrinho;  
e Bismael Batista de Moraes e Fernando Canto Berzaghi.

**Suplentes:**

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira, Gil Campos de  
Farias e João Carlos Biagini

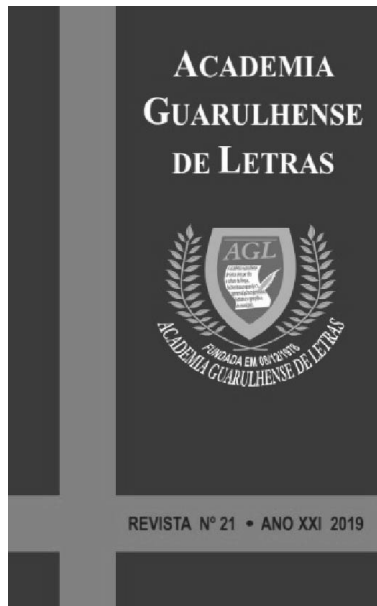
**Orador oficial:**

José Augusto Rodrigues Pinheiro

## EXPLICAÇÃO DA CAPA

*O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999 e atualizado com o brasão da Academia Guarulhense de letras.*

*Como registra o Acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.*



## ACEITA-SE PERMUTA

*Exchange is accepted - Si piede permuta  
On demande l'échange - Man bitter um austausch  
Si praga l'intercambio*






*41 Anos*
  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

*João Bosco da Silva*

### PREFÁCIO

*Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

### PARTE I - Artigos

ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE .....	15
ARISTIDES CASTELO HANSSEN .....	25
BISMAEL BATISTA DE MORAES .....	35
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS .....	41
FERNANDO CANTO BERZAGHI .....	49
ISABEL BORAZANIAN .....	59
IVO DE SOUZA .....	69

JOÃO CARLOS BIAGINI .....	79
JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO .....	89
JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO .....	99
LINEU ROQUE ACEIRO .....	109
MARLENE A. TORRIGO .....	117
MAURO SANTOS OLIVEIRA .....	127
PLÍNIO TOMAZ .....	137
SÍLVIO RIBEIRO .....	147
TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA .....	157
VALDIR CARLETO .....	167

## **PARTE II**

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ...	177
--	-----

## **PARTE III**

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI .....	201
--	-----

## **PARTE IV**

HINO DA AGL - LETRA E PARTITURA .....	205
---------------------------------------	-----

## **PARTE V**

GALERIAS .....	209
----------------	-----




*41 Anos*
  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

## PREFÁCIO

### A INFORMÁTICA DECRETOU O FIM DO LIVRO

O “repórter Esso” decretou o fim dos jornais. A televisão decretou o fim do rádio e a TV por assinatura decretou o fim das salas de cinema. E agora, a mais recente “verdade”: a informática decretou o fim do livro. Esses decretos não pegaram. Muito menos este último pegará.

A arte da escrita, nascida diretamente das narrativas que mantiveram os conhecimentos sob proteção das sucessivas gerações, permitiu que esses saberes se consolidassem, se ampliassem até o quase milagre dos dias de hoje, com o infinito de saberes acumulados em imensas bibliotecas e a ampliação do saber.

É aqui que surge a informática, ampliando o milagre da comunicação para muito além dos gestos e das falas, agora ameaçando o desaparecimento dos livros e das comunicações em papel. Como se fosse uma verdade definitiva como as anteriores, esta última é facilmente reconhecida como impossível de ser cumprida. Os livros continuam a ser editados, desta vez inteligentemente

aproveitando-se das facilidades dos novos recursos, para seu aprimoramento e divulgação.

E aqui estão os confrades da Academia Guarulhense de Letras, se comunicando pelos reduzidos espaços dos e-mails e, ao mesmo tempo, escrevendo livros que serão impressos e eventualmente apresentados de forma virtual, mas preservando nas bibliotecas para que não se percam no infinito das nuvens, onde quintilhões de mensagens sérias – disputando espaço com tolices – estão hoje disponíveis para quem quiser vê-las ou ouvi-las. Mesmo depois de ter lido um jornal de papel, ouvido o rádio, visto televisão aberta ou ido ao cinema.

Assim imaginam os membros da AGL eterna, enviando por sua edição anual do boletim que está em suas mãos, e na internet, os sinais de que o saber e a escrita permanecem vivos.

*Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*  
*Acadêmico Efetivo*





❧ *41 Anos* ❧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE I - ARTIGOS**



**ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE**

## AS GÊMEAS QUE VIERAM DE LONGE

As gêmeas fraternas, com semelhanças e diferenças acen-tuadas, chegaram de repente, sem muito alarde: Celina e Celiane, do alto de seus sete anos de idade, da mesma terra do pai de Sabat, que agora as recebia, Belterra - PA<sup>1</sup>.

Os futuros pais adotivos zelaram pelas crianças desde o início do processo de adoção. Guardaram segredo de Estado, não comunicaram a ninguém o desejo, nem a decisão de aceitar alguém como filho. A notícia veio sem aviso prévio para as duas famílias. Surpresa geral também para os amigos. Cada um reagiu como pôde: uns aceitaram rapidamente, outros custaram a digerir a novidade.

Alter do Chão era o novo lar das lindas meninas. Novo era tudo o que encontrariam pela frente: lugares, pessoas, coisas, sabores, cheiros, valores e diferentes modos de ver o mundo.

---

<sup>1</sup> Belterra é um município brasileiro do Estado do Pará. Localiza-se na meso-região Baixo Amazonas, microrregião Santarém e dista cerca de 106 km do município de Santarém. Sua população estimada, no ano de 2013, era de 16.808 habitantes. Possui uma área territorial de 4398 km<sup>2</sup>.

Em Santarém, trocariam de casa, de família, de vizinhos, de roupas, de escola e até de dentes.

Cada estímulo novo suscitava uma enxurrada de perguntas e revelações surpreendentes, sem falar do prazer e encantamento de ver cada coisa pela primeira vez.

Celina e Celiane eram puro deslumbramento. Podia-se perceber a marcha das meninas em busca de um pensamento lógico, até assistindo a um comercial ou a um noticiário de TV. Improvisavam belas coreografias, acompanhando as músicas e detonavam perguntas contundentes que brotavam da ávida curiosidade de quem via as coisas com os ares da inocência.

– O que é resgate, vovó?

– É recuperar, pagar, livrar.

– Já sei: é salvar alguém da água, do fogo. - respondeu Celina.

– Acho que é libertar a pessoa do assalto. - retrucou Celiane.

– É isso mesmo! - concordou a senhora de Guarulhos.

Às vezes a vovó ficava em apuros com as inquisidoras; temia passar conceitos errados.

Tina e Sabat conseguiram a guarda das meninas, depois da longa espera de dois anos, na inscrição do cadastro nacional de adoção.

Chegaram numa sexta-feira do Çairé<sup>2</sup>. Alter do Chão estava em festa! Em festa pulsava o coração de Tina e Sabat. A presença das lindas moreninhas de cabelos negros e escorridos e olhos muito vivos ocupou plenamente o lugar da falta, do desejo. O ser humano é um ser desejanter. “Todo desejo nasce da ausência.” (Jacques Lacan, psicanalista francês)

Certamente os próximos çairés teriam um colorido e um brilho a mais: a maternagem!

A excitação era grande e o temor também: será que dariam conta da dupla tarefa? Quais as questões imediatas a resolver? E as questões futuras? Estariam preparados para tal ou iriam aprender durante o processo?

Uma confusão de emoções tomou conta do casal, principalmente da forma sufocante com foi feito o contato.

A assistente social ligou para a casa dos Cruz e comunicou a boa nova: venham buscar as crianças em duas horas; caso contrário, serão encaminhadas para outro lugar, talvez um abrigo.

Alegria, pânico e muita discussão, na casa da rua Copacabana, na bela Alter do Chão<sup>3</sup>!

Tina e Sabat ficaram aflitos, pois a notícia os pegou de chofre. Sem cama para as pequenas gêmeas, dormiram na rede, porém embaladas com muito amor. Afeto represado durante anos. Sonho de juventude satisfeito em dose dupla.

Tina sempre foi arrebatada por suas emoções e ações. Teve

---

<sup>2</sup> O Çairé é uma manifestação folclórica e religiosa encontrada na ilha de Alter-do-Chão, a 30 quilômetros de Santarém, no Oeste do Pará. Atualmente acontece no mês de setembro. A festa atrai milhares de turistas que, durante três dias, cantam, dançam e participam de rituais religiosos e profanos, resultantes da miscigenação cultural entre índios e portugueses. Consta que a festa foi criada pelos índios como forma de homenagear os portugueses que colonizaram o médio e o baixo Amazonas. Sua origem está no fato de que os colonizadores que aportavam em nossas terras exibiam seus escudos. Os índios então faziam o seu “Çairé”, como foi chamado o símbolo que é carregado nas procissões, imitando o escudo usado pelos portugueses. O escudo dos índios era feito de cipó, recoberto de algodão e outros adornos, enfeitado de tiras de várias cores e rosetas de pano colorido.

<sup>3</sup> Alter do Chão é um dos distritos administrativos do município de Santarém, no estado do Pará. Localizado na margem direita do rio Tapajós, dista do centro da cidade cerca de 37 quilômetros através da rodovia Everaldo Martins (PA-457). É o principal ponto turístico de Santarém, pois abriga a mais bonita praia de água doce do mundo, segundo o jornal inglês The Guardian, ficando conhecida popularmente como Caribe Brasileiro.

experiências significativas, muito cedo na vida: foi estudar e lecionar na França aos 18 anos. Aos 19 anos, casou-se pela primeira vez e aos 32 anos já era professora efetiva da Unicamp.

Agora, na maturidade, no segundo casamento, aceita ser mãe de duas meninas. Surpresa para todos, mas previsível para quem a conhece bem.

A adoção foi uma maratona, relatou a feliz mãe. No auge da discussão, Vânia, a irmã do marido, ficou atônita com a confusão e a urgência das ações.

Ela veio participar da festa do Çairé, para fazer um trabalho escolar sobre o evento e afastou-se de fininho, aturdida com a grande atrapalhação. O Çairé é a maior festa popular de Alter do Chão, onde se misturam elementos do sagrado e do profano.

Tina atendeu a ligação da assistente social, avisando sobre o tempo exíguo para buscar as gêmeas. Esse fato precipitou um contumaz debate, em que cada um dos cônjuges queria impor atropeladamente seus pontos de vista.

Vânia assistia a tudo completamente confusa, não compreendendo o equívoco da situação.

O conflito tirou a futura tia de Belém da sua situação de conforto – de caçulinha da família e cuidada por todos. Agora era o caos. Que envolvimento ela poderia ter com essa adoção da qual acabava de ser informada?

Tina gritava para que Sabat reagisse favoravelmente, esperava dele uma maturidade de estufa.

A impressão que passava para quem assistia a tudo é que o desejo da adoção era de longe o de Tina. Sabat estava com dificuldade de digerir a paternagem, pois Cristina, exaltada, num misto de alegria e medo, falava alto, sendo contundente e incisiva nas ordens.

O casal dirigiu-se a Santarém e buscou as crianças. Logo

duas. Dá para entender que a coisa não é tão simples.

Por dois anos, o casal Cruz esperou pela incrível oportunidade de serem pais. Agora o sonho se fazia realidade.

Aprendiam a ser pais no dia a dia: nas miudezas dos afetos, na singeleza de um toque, num olhar, na ajuda de um banho, no auxílio de uma tarefa escolar, no abraço do medo de antigas recordações. Quantas recordações a elaborar e a reprimir! Tudo era muito novo, para tão novas meninas.



Mastro do Çairé, Vila de Alter do Chão - Santarém  
- Foto: Fernando Sette / Setur

## CASCÃO, O MENINO SARARÁ.

Lá vem ele: franzino, ligeiro, mal lavado, risonho, o nosso sarará. Não contava oito anos e já dava o que falar.

Filho mais velho de seis irmãos, criado a muita paulada e pouca escuta. Encantou-se pela professora Ana Maria e ela por ele. Não sei bem o que os unia, talvez a compaixão e alguma semelhança que nenhum dos dois sabia nomear. Amor não tem muita explicação.

Durante dois anos, estiveram na mesma sala de aula; alguma aprendizagem e muita parceria. Mesmo distantes, estavam o tempo todo em comunhão.

Certo dia, o guri entrou com pressa, assomou-se na sala dos

professores e acenou para ela todo alegre, num regozijo que não se atinava de onde vinha.

– Professora, professora, minha irmãzinha nasceu! Vamos lá em casa agora, estamos no recreio! Aproveite, vamos agora mesmo! É pertinho, vamos num tirinho de espingarda. Minha mãe está esperando, lá no barraco. Ela não veio ajudar nos preparativos da festa junina, tem muita labuta em casa. Agora, com o bebê, aumentou o corre-corre. O barraco tem até chá. Ela trata bem as visitas, ainda mais a professora. Mãe gosta de trocar informação sobre todos nós; eu dei um toque pra ela “Não abusa, a professora veio aqui só para conhecer o nosso bebê, sossega!”

A mãe do W. Cascão, dona Lara, desdobrou-se em gentilezas, não sabia como agradecer dona Ana Maria. Logo deu banho na criança, deu de mamar, vestiu-a primorosamente, com as roupas doadas pela igreja. Segurou a menina nos braços, como se fosse um troféu e pôs-se a prostrar com a ilustre visita.

Dona Lara cuidou dos miúdos, providenciou uma jarra com chá de erva-cidreira, retirada anteriormente da horta da escola; arrumou as torradas de pão, que foram doadas pelo Arlindo, o dono da padaria. Um banquete: rabanadas, quantas rabanadas! A merendeira Teresinha deu uma colher cheia de canela em pó e açúcar. Aquilo, sim, era um banquete!

A professora, discretamente, contou seis crianças e disse:

– Dona Lara, a senhora tem seis lindas crianças, parabéns! É uma boa turminha.

– Essa que acabou de nascer não carece nem contar; a gente não sabe nem se vai vingar. Deus é quem sabe...

– Chegamos do Nordeste há poucos anos e a casa já está cheia, dona Ana Maria; nasceram todos aqui. Este lugar tem feira, o pessoal é bom, a xepa rende, é farta!

Os primeiros minutos ali foram paralisantes. A professora



olhou ao redor e viu que a casa estava brotando. Ela foi erguida com eucaliptos verdes e os brotos germinavam por todos os lados. Os grelos verdes acentuavam a miséria.

Os galhos invadiam todos os espaços: sob os caixotes que serviam de armários, sob a cama, sob os pés de Ana Maria, sob a sua vergonha. Alguns brotos subiam em busca da luz, por entre os mourões e forravam um pequeno buraco retangular, que deveria servir de janela.

A gritaria da criançada interrompeu os breves devaneios da professora, que voltou para a escola muito mexida com a constrangedora situação.

Aquele dia foi muito especial para W. Cascão, que se sentiu importante. Era a visita de maior prestígio à qual a mãe apresentava, orgulhosa, seu mais novo rebento. Foi uma tarde gloriosa.

O menino sarará aproveitava muito bem a escola J.M. Comia duas ou três merendas por dia, tinha entrada livre na escola, era protegido singular da merendeira Teresinha, com aprovação da querida professora Ana Maria.

Desta feita, durante a semana driblava a fome na escola. Difícil era esquivar-se dela aos finais de semana, quando aconteciam mais surras paternas, mais privações.

Durante alguns anos, fez parte da classe de alunos da mesma professora. Com o passar dos dias, o vínculo de amizade entre eles fortalecia-se.

– Olha, o carro da professora está lá! Ela já chegou!

Diariamente, W.Cascão olhava se o carro da professora já estava no estacionamento; aí tranquilizava o espírito: aula normal.

Meninos crescem. Novos rumos, novos colegas, novos hábitos, novos vícios.

Na adolescência, tempo das descobertas, o menino sarará

debandou-se para uma periferia vizinha: J.B, da mesma cidade. Ali aprendeu a satisfazer seus férteis desejos, com grande rapidez, eficiência e alta periculosidade. Ali começou a sua crise de irresponsabilidades.

Foi transferido para uma penitenciária agrícola de Bauru, depois de muito sofrimento em algumas instituições prisionais.

Nesse período, a professora Ana Maria comunicava-se com W.Cascão por meio da sua mãe, Lara, na feira, no mercado, ou no bairro, casualmente. Aquela que o ensinou a ler e contar agora dava-lhe notícias e afetos por correspondência.

Eram pequenos cartões, calendários e abraços, coisas tão simples de se dar... Porém, para o menino sarará eram quase todo o carinho que recebia do mundo exterior e calavam fundo no coração do prisioneiro.

O constante da vida é a mudança. O jovem infrator foi solto no dia do seu aniversário. Feliz coincidência! Será que o garoto tinha o que comemorar?

Veio do interior de São Paulo direto para a escola JM, pois sabia que a nova diretora era a jovem professora Ana Maria.

Adentrou facilmente no estabelecimento público e foi direto ao pátio. Esse espaço lhe era muito familiar e seguro. Observou o entorno, para se aninhar no espaço, buscando suas lembranças pueris e algum acolhimento perdido.

Uma funcionária escolar, gentilmente, acompanhava a professora Ana Maria em direção ao menino sarará e um estudante gritou:

– É o Cascão! Olha ele lá!

– Nossa, que absurdo! Replicou, brava, uma desconfiada funcionária!

Os dois amigos surpresos e saudosos abraçaram-se e dirigi-

ram-se à diretoria, sob olhares de reprovação e imensa admiração de uma pequena plateia improvisada.

– Sabe, professora, eu passei primeiro pela escola para ver a nova diretora. Estou contente com a senhora na direção; fiquei muito alegre quando minha mãe contou a novidade. Acredite, ainda não fui na minha casa, fiz questão de vir aqui primeiro.

Wagner olhava docemente para dona Ana Maria, como quem quisesse agradecer mil coisas acalentadas do fundo da alma. Ela sentiu e quis retribuir a importante visita.

– Dona Teresinha, por favor, faça um café e aqueles bolinhos de chuva com bastante canela, que só a senhora sabe fazer. Afinal, precisamos comemorar um aniversário e a liberdade!

A conversa foi pegando rumo e atualizando os acontecimentos. Queria saber da turma e que sentido os amigos deram às suas vidas, nesses quatro anos de ausência do bairro.

– Wagner, como está, fale-me de você, o que pretende fazer?

– Fica estranho ouvir o meu próprio nome, só a senhora e minha mãe me chamam de Wagner. Gosto do som. Os meganhas safados não vão me dar sossego, logo vão querer que eu arranje uma mercadoria encomendada. Não vai ter jeito de sair dessa vida, professora. Nunca machuquei ninguém, minha especialidade é furto de carro; alguns segundos e, pronto, o serviço está feito.

Pobre W. Cascão! Era fascinado com a sofisticação da cidade; uma época em que as coisas materiais qualificam o indivíduo. Corria atrás desse sonho, em vão.

Algum tempo depois, a dona Ana Maria soube, para sua tristeza profunda, que num confronto com a polícia, W.Cascão teve as duas pernas quebradas.

– Apenas uma perna quebrada não o imobilizaria? Não seria cuedade demais quebrarem-lhe uma perna? Por que quebraram-

lhe as duas pernas? – teria dito a professora.

Longe de ser uma pessoa corajosa, o jovem infrator não conseguia enfrentar suas verdades. Eram muito dolorosas para um espírito leve, que entrou jovem demais para esse universo dissoluto, nada virtuoso.

Durante o seu tempo de magistério, a professora Ana Maria viveu muitas experiências dignas de apreço, porém a sua vivência com o menino sarará foi única. Como uma tatuagem, ficará gravada nas suas memórias afetivas, enquanto ela souber de si, do outro e das coisas do mundo.

## O QUE TE DAR?

Uma certa mente quase louca.

Uma voz doce e rouca.

Uma pequena mão que afaga.

Uma tristeza que se cala.

Uma vez, um talvez.

Uma razão, uma insensatez.

Uma estrela, sem tê-la.

Uma poesia que ainda haverá de ser.

Uma hora de empenho, que tenho.

Como tanto compromisso!

Como tudo isso?

Se nem ao menos um amor eu tenho.



**ARISTIDES CASTELO HANSSEN**

## O TEMPO <sup>1</sup>

O relógio implacável me intima:

“É hora de acordar!”

Peço licença ao Tempo

e recolho os sonhos espalhados pela cama.

O relógio reclama.

O espelho me ajeita a máscara do dia,

o café apressado me lembra do meu mundo.

O sapato me aperta, a porta me liberta...

Lá fora o tempo espera, carrancudo.

---

<sup>1</sup> HANSSEN, C. *Toda Poesia, Um cego fita o horizonte*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 169.

## SEGUNDA-FEIRA <sup>2</sup>

Quando eu deito nos braços da Poesia  
eu me mudo pra um mundo diferente  
onde os seres são todos namorados,  
onde os dias são sempre feriados,  
e onde as tardes são quentes.

Quando eu acordo sempre está chovendo,  
sempre é segunda-feira, a barriga doendo  
e eu saio a trabalhar.  
A Poesia vai comigo, lado a lado,  
me acompanha nos ônibus lotados,  
e segue sussurrando aos meus ouvidos  
palavras sem sentido.  
E eu peço pra ir embora  
pra não me atrapalhar.

Um dia eu fico são e enlouqueço  
e peço a conta e saio por aí,  
gasto o meu dinheiro, muito pouco,  
e bebo como um louco,  
comendo doces e lendo gibi.

Eu e a Poesia, sempre nos amando,  
no asfalto da avenida, nos jardins,  
cavalgando nas nuvens, abraçados,  
vamos fazer a vida sempre assim.

Eu peço pra Poesia, companheira,  
ficar sempre comigo a vida inteira  
e não me abandonar.

Desculpe, gente,  
eu sonhei novamente,  
é hora de acordar.

---

<sup>2</sup> HANSEN, C. *Toda Poesia, Canção pro sol voltar*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 49.

ESTRANHOS SERES <sup>3</sup>

Que estranhos seres são esses  
que nestes tempos de guerra  
andam livres, desarmados?

Que estranha crença os domina,  
que estranha força os anima  
em seu viver descuidado?

Serão loucos, visionários,  
seres interplanetários,  
criaturas do futuro  
ou fantasmas do passado?

Reúnem-se nos seus templos  
ou em suas catacumbas  
e rezam estranhas rezas  
também chamadas poesia  
e sua filosofia  
consiste em dar o que têm.

São pobres, são peregrinos,  
homens, mulheres, meninos  
com o poder milagroso  
de multiplicar ideias  
no viver cotidiano  
de pequenas epopeias.

Muitos deles já morreram,  
outros ainda nascerão.  
São eternos, são fugazes,  
são tímidos, são audazes,  
voam com os pés no chão.

Que estranhos seres são esses,  
livres como o pensamento,  
frágeis como plumas ao vento,  
fortes como a ventania,  
que podem parar o tempo  
com a força da poesia?

---

<sup>3</sup> HANSSSEN, C. *Toda Poesia, A flor que Drummond viu nascer no asfalto*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 76.

SEM DOCUMENTO <sup>4</sup>

O poeta passeia na cidade  
sem lenço, documento, pente ou meias,  
levando só debaixo das melenas  
pensamentos, ideias e poemas.

Como podem os homens do sistema  
compreender um poeta que percorre  
a selva de automóveis e neuroses  
colhendo flores de cimento armado,  
conversando com fadas e duendes  
ao sol da tarde que cansado morre? ...

Como podem os homens do dinheiro  
entender um poeta que carrega  
na mochila esmaecida e já sem cor,  
papéis, rascunhos, restos de poesia,  
uma esperança do amanhã de paz,  
a antevéspera do mundo melhor? ...

Como podem os homens da polícia  
de farda, cassetete, autoridade,  
os donos da moral e da verdade  
compreender um poeta vagabundo  
que distraído vai chutando o mundo  
e brincando de ciranda com o vento? ...

E o poeta foi preso  
porque não tinha documento.

---

<sup>4</sup> HANSSEN, C. *Toda Poesia, Canção pro sol voltar*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 45.



## O CÃO E O REI <sup>5</sup>

Era uma vez um cão...  
Era uma vez um rei...

O rei reinou, reinou,  
fez muitas reinações,  
governou mil nações,  
dominou muitas terras,  
fez guerras,  
muitas guerras.

Mas um dia... perdeu.  
Seu império morreu,  
ele deixou de ser rei.

E o cão? Não sei!

## AQUELA ESTRELA É MINHA <sup>6</sup>

Aquela estrela é minha, aquela pequenina  
na esquina do Universo, escondidinha.

Eu que não tenho nada além dos meus chinelos,  
além dos meus poemas, além dos meus anelos,  
sou feliz proprietário de uma estrela,  
uma que eu inventei, e para vê-la  
fecho os olhos na hora de chorar.

---

<sup>5</sup> HANSSEN, C. *Toda Poesia, Um cego fita o horizonte*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 168.

<sup>6</sup> HANSSEN, C. *Toda Poesia, Canção pro sol voltar*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 56.

Aquela estrela é minha, senhores astronautas  
vagabundos do espaço de ninguém  
cuidado: ela é frágil, assim como os meus versos.  
Astrônomos, que “fuxicai” pelo Universo,  
Se um dia descobrirem essa estrela  
Ela tem nome, chama-se Utopia.

Aquela estrela é minha, senhor Deus  
que pastoreais as nuvens do infinito  
e semeais os sóis e as tempestades.  
Não leve a mal a “panca” do poeta,  
a falta de modéstia, a pretensão,  
mas aquela estrela, ainda que fraca, é minha,  
não faz parte do elenco dos teus astros,  
eu a fiz com as mãos, o sonho, o coração.

Aquela estrela é minha, senhoras e senhores.  
E quem quiser passear na minha estrela  
é só me dar a mão, ser meu amigo,  
compreender minhas incompreensões  
e caminhar comigo.  
Mas não reparem se de madrugada  
não houver mais estrelas nem mais nada.

É que às vezes acordo mal dormido,  
Cansado, sem poesia, sem sentido,  
Egoísta e cruel, um ser humano,  
contribuinte, homem e pingente, ...  
e a minha estrela, triste, vai embora  
a esperar o nascer de nova aurora,  
quando eu voltar a ser gente.

## O VERSO NÃO VEIO <sup>7</sup>

(Poema de desamar a poesia)

Um dia resolvi fazer uma poesia  
somente pra dizer que sou poeta.

Escarafunchei meu cérebro pensante,  
virei e revirei meu coração amante,  
pesei e sopesei palavras bem sonantes,  
mas o verso não veio...

Lembrei casos de amor felizes e frustrados,  
romances e romances havidos e inventados,  
lágrimas de fel, de sangue e de crocodilo,  
mais isso e mais aquilo,  
mas o verso não veio...

Somei um pôr do sol a uma noite sem lua,  
uma criança faminta,  
uma mulher nua,  
baleias, passarinhos, praias, poluentes,  
momentos, sonhos, vidas, entrementes,  
mas o verso não veio...

Tentei capturar os momentos fugazes,  
como gases fugiram, como cão vadio,  
como o diabo da cruz, como o gato do rio,  
mas o verso não veio...

Falei mal do governo, da plutocracia,  
dos partidos, dos homens, dos motivos,  
fiz discursos compridos e subversivos,  
mas o verso não veio.

---

<sup>7</sup> HANSEN, C. *Toda Poesia, Um cego fita o horizonte*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 175.

Me encharquei de revolta e de cerveja,  
tirei a roupa, subi na mesa,  
xinguei minha mãe, minha avó, minha tia,  
mas cadê a poesia?

Poesia, sua ingrata,  
eu te amava tanto,  
tantos versos eu fiz,  
em desespero e pranto,  
quando mais eu preciso,  
você me abandona, sua cachorrona!!!

Tudo bem, eu desisto,  
eu pago o prejuízo,  
e de rabo entre as pernas  
vou voltar pra casa,  
vou criar juízo.

E se o verso não veio,  
Já não sou mais poeta,  
Estou de saco cheio!!!

### POEMA ÓBVIO <sup>8</sup>

Eu não sei porque é que estou dizendo  
que a poesia precisa ser poesia.

É o mesmo que dizer que o pão é pão,  
que cão é cão, que gato mia.

---

<sup>8</sup> HANSEN, C. *Toda Poesia, Canção pro sol voltar*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 59.

É que inventaram tanto, “bionicaram”,  
criaram formas mil de não dizer,  
que a poesia virou salada mista  
e a Arte faltou pouco pra morrer.

Para esconder a falta de mensagem,  
sem paisagem, sem olhos, sem um guia,  
os gênios da geração coca-cola  
esquentaram a “bola” e inventaram  
modernismo, hermetismo, vanguardismo,  
e “ismo” e “ismo” e outros “ismos”  
e se esqueceram de fazer poesia.

O povo, como sempre, ficou fora  
da “revolução” dos gênios de proveta  
e foi feliz assim, ficou careta.

Ficou com a poesia verdadeira  
de dor de cotovelo, da saudade,  
das histórias de amor e da vontade  
de gritar pra mostrar que ainda existe,  
que vive, que respira, que resiste.

Aos gênios cabeludos é que falo,  
aos que têm mais espaço, mais valia,  
mais máquina, mais som, menos poesia.

É pra eles que estou aqui dizendo  
que a poesia precisa ser poesia  
e dizendo também que pão é pão,  
que cão é cão, que gato mia.

EU E EU <sup>9</sup>

Uma rosa é uma rosa,  
uma bicicleta é uma bicicleta.  
E um ninho de mafagafos  
com sete mafagafinhos dentro  
é um ninho de mafagafos  
com sete mafagafinhos dentro.

Só eu é que não sou eu.  
Este poeta que vos fala, senhores,  
não sou eu.

Eu me perdi muito longe daqui,  
na beira do caminho,  
na beira da vida,  
na beira do corguinho.

Eu me perdi no canto da viola,  
na rede que descansa,  
no riso que consola.

Eu me perdi no papo que diz tudo  
e que não fala nada.  
Eu me perdi na estrada.

Eu me perdi muito além,  
muito além,  
nos olhos de alguém,  
e nunca mais me achei.

---

<sup>9</sup> HANSEN, C. *Toda Poesia, Um cego fita o horizonte*, Guarulhos, Gerúndio Edições, p. 135.

**BISMAEL BATISTA DE MORAES**

## IDADES FÍSICA, MENTAL E ESPIRITUAL. (ESCOLA OU PRESÍDIO?)

Notícia recente do Senado Federal fala da pretensão de certos senadores de aprovar Proposta de Emenda à Constituição, prevendo a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos! E isso justamente no momento em que manchetes de jornais, revistas e televisão dão conta dos bilhões que foram surrupiados do Estado, retirados do atendimento às escolas, aos hospitais e aos órgãos de segurança pública, pela corrupção desenfreada, envolvendo bandidos do colarinho branco, todos acima dos 18 anos, muitos deles diplomados!

Com a verdade, a justiça e o amor, sem dúvida, chega-se mais rápido ao bem comum, ao bem de todos. Por isso, independentemente de religião, já ensinou o Cristo: “Conhece a verdade, e a verdade te libertará”, ou seja, trará o brilho certo contra o duvidoso e porá por terra todos os preconceitos. Por seu turno, o jurista romano Ulpiano afirmou que “a justiça é a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que é seu”, o que está absolutamente correto. O amor, mesmo para os mais rabugentos, é a solução de

todos os problemas. Portanto, fiquemos com Rousseau: “Sejamos bons e, depois, seremos felizes”. Atentemos para a razão, raciocinemos como seres pensantes.

A Constituição Federal, no artigo 228, estabelece que os menores de 18 anos são inimputáveis e se sujeitam às normas de legislação especial. E o Código Penal Brasileiro, em seu artigo 27, é textual: “Os menores de 18 anos são penalmente inimputáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial”. E a legislação especial a que se referem as leis é o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Nº 8069, de 13/07/1999. E, pelo artigo 104 do ECA, os menores de 18 anos não podem ser enquadrados como criminosos. O que está correto, pois esta é uma das melhores leis a respeito do assunto, ainda não aplicada corretamente pelos órgãos públicos.

Assim, quando o próprio Estado falha na parte que lhe toca, não realizando a prevenção criminal e não cuidando do adolescente infrator antes que ele se desvie dos procedimentos socialmente aceitáveis, não se justifica que pretenda propor a diminuição da idade penal para 16 anos. A falta de caridade e de raciocínio lógico, como se ninguém tivesse filhos, netos e sobrinhos em idade de risco, levou certo indivíduo insensível a dizer: “Esses pequenos bandidos precisam logo atingir 18 anos, ou serem apenados aos 16 ou aos 14 anos, e, se não forem mortos pela polícia ou pelos justiceiros de aluguel, já atingiram a maioria penal e merecem cadeia”.

Entendem essas pessoas, desprovidas de sensibilidade humana, que os adolescentes, de cabeça vazia, de barriga vazia, de mãos algemadas e sem perspectivas de vida, acham-se prontos para enfrentar o Delegado de Polícia (que os indicia criminalmente), o Promotor de Justiça (que os denuncia formalmente) e o Juiz de Direito (que os condena penalmente), para que se faça



“justiça”, aumentando-se as estatísticas criminais, sobressaindo as manchetes dos jornais e o noticiário da TV, crescendo o medo no meio do povo e enchendo os bolsos dos “espertos”, que lucram com a insegurança!

Por isso, não podemos apenas dizer que somos religiosos, se não seguimos as bem-aventuranças do Cristo: “Bem-aventurados os aflitos: bem-aventurados os pobres de espírito: bem-aventurados os puros de coração; bem-aventurados os mansos e pacíficos; bem-aventurados os misericordiosos”, além da máxima do Cristo: “Amar ao próximo como a si mesmo”. E sabedores de que Deus é “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”, como se acha na questão nº 1 de “O Livro dos Espíritos”, do filólogo Allan Kardec, não sendo nem homem nem mulher, não tendo forma humana, mas sendo “consciência do bem”, verifica-se que o caminho mais rápido para o ser humano chegar ao Supremo são as lições do Cristo, em suas bem-aventuranças evangélicas.

O médium Chico Xavier já dizia que “nem sempre quem pratica o mal o faz por ser mau, mas por ser ignorante”. E, partindo da recomendação do Cristo – “Conhece a verdade, e a verdade te libertará”, bem como de que “cada um receberá segundo o seu merecimento”, vejamos como a ONU – Organização das Nações Unidas – classifica, por intermédio da OMS – Organização Mundial de Saúde -, a SAÚDE PLENA do indivíduo: 1) saúde física, com toda a higidez do físico da pessoa; 2) saúde mental, com todas as funções psíquicas em perfeita harmonia); 3) saúde social, envolvendo o desemprego, doença, falta de dinheiro, guerra, violência, morte, medo, prisões, falta de segurança, etc. E por isso, talvez, a humanidade esteja sempre doente.

Como podemos verificar, este trabalho está sendo escrito com um pé na Filosofia Espírita Cristã e outro na Lei Terrena. E

a nossa Lei Maior, a Constituição Federal, no seu Capítulo VII, que trata “Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso”, estabelece, no artigo 227, que “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. E, logo em seguida, no artigo 228, traz que “são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial”.

E, como já vimos anteriormente, essa legislação especial é, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA (Lei Federal nº 8069, de 13/07/1999), que revogou o antigo Código de Menores (Lei Federal nº 6697, de 10/10/1979) e foi alterado por várias leis, nesses 40 anos. Observe-se, porém, que o nosso ECA é descrito por grandes juristas e sociólogos como uma das leis mais sérias e perfeitas para as garantias dos adolescentes em estágio de transição para a vida adulta; todavia, esse Estatuto da Criança e do Adolescente, desde sua promulgação em 1999, ainda não foi aplicado convenientemente, por descuido do Estado e de suas autoridades, bem como pelo silêncio dos políticos. Além do descaso das autoridades e do despreparo da maioria dos servidores que tratam diretamente com os adolescentes infratores, estes não recebem, como deveriam, escolarização e profissionalização determinadas pelo Estatuto.

Desde o ano 1999, 20 anos após a promulgação do ECA, ainda não aplicado corretamente, cresceu a discussão sobre a redução da idade penal, de 18 para 16 anos, alguns insensíveis, que adoram cadeias para os filhos dos outros, achando que essa redução fosse para 14 anos! E foi uma surpresa ler um artigo publicado no

jornal “Folha de S. Paulo”, escrito por um ex-deputado, ex-governador, ex-presidente da República, ex-senador e membro da Academia Brasileira de Letras, chamado José Sarney, defendendo a redução da idade penal de 18 pra 16 anos, sob o argumento de que quem já pode votar tem maturidade suficiente para ser responsabilizado por crime! (Nem perguntou o que o poder público deixou de fazer em auxílio às famílias carentes e a seus filhos sem creches – hoje, mais de 6 (seis) milhões de crianças pobres, abaixo de 5 anos, cujas mães não podem trabalhar –, além da falta de vaga escolar e das péssimas perspectivas para as pequenas criaturas, parecendo preferir a construção de presídios em lugar de escolas!)

Afinal, como se deve analisar a pessoa humana e suas idades física, mental e espiritual, diante das leis dos homens e das leis naturais ou leis de Deus? Como devemos colocar ante as leis do Estado, quando, no Brasil, atualmente, quase 800 mil encarcerados, muitos em situação desumana e com mais de 90% sem poder pagar advogados para lhes rever a situação jurídica, alguns deles analfabetos, fazendo crescer estatísticas criminais e o medo na população, enriquecendo os “espertos”, na política e nos meios de comunicação? QUEM, NA POPULAÇÃO BRASILEIRA, NÃO TEM FILHOS, NETOS, BISNETOS, IRMÃOS E SOBRINHOS ADOLESCENTES, E QUER SE ARRISCAR A VÊ-LOS ATRÁS DAS GRADES, AOS 16 OU 17 ANOS, NÃO MAIS COMO ADOLESCENTES, MAS COMO CRIMINOSOS? Pensar é bom.

Para que melhor entendamos essas IDADES – física, mental e espiritual – devemos atentar para o seguinte: 1 – IDADE FÍSICA tem base na idade corpórea, na compleição do corpo, na idade corporal – 5, 10, 20, 50 ou 100 anos; é o tempo que cada um de nós vive; é a idade cronológica, por tempo para os nossos embates na Terra, buscando aprendizado; 2 – IDADE MENTAL, que nem sempre corresponde à idade física, pode abrigar uma personali-

de de mentecapto, de um alienado, idiota, privado da mente, que não sabe distinguir o certo do errado; em regra, a pessoa está passando por uma dura prova ou expiação; 3 – IDADE ESPIRITUAL, por sua vez, é a idade da alma, relativa aos seres inteligentes da Natureza ou da Criação; idade eterna, que é representada pelas inúmeras reencarnações do ser humano, em corpos diversos e em muitas vidas físicas, em busca do progresso moral e da perfeição.

Como se define o ADOLESCENTE? Para o ECA – Estatuto da Criança de Adolescente –, a ADOLESCÊNCIA vai dos 12 anos completos aos 18 anos completos; a partir daí, o indivíduo é responsável pelos seus atos, podendo ser apenado criminalmente. Para a psicologia, a adolescência é chamada 3ª infância; o indivíduo ainda está na fase de autoafirmação, às vezes, em choque com valores sociais, momento em que requer especial atenção da família e das autoridades públicas.

No Capítulo XI, da Lei de Justiça. Amor e Caridade, em “O Livro dos Espíritos”, do filólogo Allan Kardec, este faz a pergunta 876: “Fora do direito consagrado pela lei humana, qual a base da justiça fundada sobre a lei natural?” – Resposta: O Cristo vos disse: Querer para os outros o que quereis para vós mesmos. Na incerteza do que deve fazer para o semelhante, em cada circunstância, que o homem pergunte a si mesmo como desejaria que agissem com ele. Deus não lhe poderia dar um guia mais seguro que a sua própria consciência’. (Se eu não quero um filho, neto, bisneto ou sobrinho meu, com 16 ou 17 anos, preso e formando estatística criminal, então eu não posso aceitar o mesmo contra qualquer outra pessoa).

Como o Espiritismo Cristão é a doutrina da fé raciocinada, não decorada e repetida apenas, e pela lição do Cristo, cada de um nós receberá segundo o próprio merecimento. Devemos, então, estar atentos, orando e vigiando, sempre em busca da verdade, que nos libertará da maldade e do preconceito.

**FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS**

## LETRAMENTO LITERÁRIO E A LITERATURA INFANTIL

### RESUMO

Este artigo trata de alguns conceitos básicos da obra de Bakhtin, Medvedev e Volochínov, sejam eles: discurso, enunciado, gênero do discurso, campo da atividade humana, gênero discursivo primário e gênero discursivo secundário. A conceituação proposta tem por objetivo respaldar a verificação do modo como gêneros do discurso de distintos campos da atividade humana se fazem presentes em obras da Literatura Infantil. São conceituados os termos alfabetização, letramento e letramento literário sob uma perspectiva discursiva e ideológica, a fim de se exemplificar uma possível análise dos elementos verbais e não verbais da obra *Confusões no galinheiro: o caso dos ovos de ouro*, da autoria de Amir Piedade e com ilustrações de Elma, publicado pela Cortez Editora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros do discurso; Letramento; Literatura infantil; Mikhail Bakhtin.

## INTRODUÇÃO

Observamos, nas últimas décadas, uma demanda crescente pelo domínio da linguagem escrita nas diversas áreas da vida social. O domínio de tais capacidades refere-se a um determinado tipo ou nível de letramento que vai além da simples decodificação, diz respeito às diversas capacidades de leitura e escrita necessárias em diferentes práticas sociais. Nesse contexto, procuramos discutir o letramento literário em seus aspectos discursivo e ideológico, com o objetivo de verificar de que modo gêneros discursivos de diferentes campos da atividade humana se fazem presentes na Literatura Infantil. Para tanto, conceituamos brevemente discurso, enunciado, gênero do discurso, campo da atividade humana, gênero discursivo primário e gênero discursivo secundário, a partir de Bakhtin, Medvedev e Volochínov (o Círculo).

Por fim, apresentamos uma possível análise de aspectos verbais e não verbais do livro *Confusões no galinheiro: o caso dos ovos de ouro*, da autoria de Amir Piedade (2012) com ilustrações de Elma, publicado pela Cortez Editora. Em meio à análise, caracterizamos os gêneros do discurso presentes na obra, sejam eles: conversação, discussão, matéria ou notícia jornalística (bem como: cabeçalho, manchete, chapéu, legenda), relatório de inquérito, despacho ou sentença judicial, nota e cartaz, com o intuito de verificar de que modo os diálogos do livro infantil com outros gêneros do discurso ampliam as possibilidades de diálogo do leitor com a literatura como metáfora social.

## 1 OS DIÁLOGOS COM OUTROS GÊNEROS DO DISCURSO EM CONFUSÃO NO GALINHEIRO

No livro é narrada a história de uma Pata que, ao descobrir que a Galinha bota ovos de ouro, acusa o Escritor de participar de uma trama política para eleger a Galinha prefeita. A Pata corre para o jornal e faz a denúncia sobre o “galinheiro de lama” em que se transformou a granja e o caso vai parar na Justiça. Por fim, a Pata é condenada à prisão, mas antes de ser presa ela desaparece. Nesse meio tempo, o Escritor é recebido para jantar na casa do Granjeiro, onde lhe é servido o prato “pata no tucupi”.

O primeiro gênero do discurso com que o livro dialoga é a conversação. Ao tratarmos desse gênero, convém que o distingamos do gênero discussão. A conversa, conversação, bate-papo, diálogo, papo, corresponde a “[...] troca de palavras, de ideias entre duas ou mais pessoas sobre assunto vago ou específico, podendo ser informal ou formal.

A conversação com que se inicia a história (entre a Pata e o Pato) apresenta duas falas da Pata na forma de discurso direto (a personagem profere sua fala) entremeadas pela fala do Pato em discurso indireto (o Pato fala por intermédio do narrador): “O Pato, aturdido com a explosão de sua meiga e doce Pata, perguntou-lhe o que tinha acontecido” (PIEIDADE, 2011, p. 6). Na continuidade da conversação são retomadas as falas de ambos os personagens por meio de discurso direto.

As ilustrações de Elma dialogam com o texto, tendo lugar o estilo da autora em meio ao conteúdo temático, a forma composicional e o estilo, concernentes ao gênero em questão. Nas páginas 4 e 5, a ilustração, ocupando quase a totalidade das duas páginas, figura o galinheiro com o Galo cantando no telhado, enquanto o

sol brilha no céu. As cinco galinhas, olhando para o Galo, distribuem-se: na entrada do galinheiro, em seu interior, em um poleiro externo e no gramado.

As duas ilustrações seguintes ocupam as páginas onde ocorre a primeira conversação anteriormente descrita, entre a Pata e o Pato. As páginas 6 e 7 trazem uma ilustração que as ocupa na totalidade com o Pato flutuando na lagoa em uma boia de patinho, com olhar aflito e aturdido diante do nervosismo da Pata, que esbraveja enquanto lhe mostra o jornal. A posição das sobranceiras dos personagens denota a aflição de um e o nervosismo da outra. A página 9 é ocupada integralmente por outra ilustração que sugere o fim da conversa, mostrando o Pato ainda aturdido diante da decisão da Pata e da dificuldade de ter seus argumentos ouvidos, e a Pata caminhando em direção oposta à lagoa, afastando-se, pois, do Pato.

A discussão entre a Pata e o Escritor, presente nas páginas que se seguem, dialoga com as duas ilustrações seguintes, que ocupam duas páginas cada uma. A primeira, nas páginas 10 e 11, apresenta a Pata subindo decididamente a pequena escada de entrada da casa do Escritor, enquanto da casa é mostrada apenas a entrada e uma das paredes na extremidade direita da ilustração. A segunda ilustração, nas páginas 12 e 13, traz, na metade direita da ilustração, a Pata esbravejando com o Escritor, o que se pode perceber pelo seu olhar, pela posição das sobranceiras, pelo braço esquerdo erguido com o jornal em mãos e com o braço direito fletido e a mão colocada junto à cintura. Do Escritor aparecem apenas suas pernas compridas com calça listrada e sapatos sob uma mesa que não é mostrada em sua totalidade.

A última conversação, da Pata com o Redator-Chefe, é acompanhada da ilustração presente na página 17, em que essa parece estar se despedindo do Redator-Chefe (o que se pode in-



ferir pela elevação da mão direita à altura da cabeça), portanto, parecendo posterior à conversação.

Na segunda parte do livro (divisão por nós proposta tomando-se as duas metades da quantidade total de páginas), a obra dialoga com gêneros escritos secundários, sejam eles: matéria jornalística, relatório de inquérito, despacho e sentença judicial e nota.

As páginas 18 e 19 dialogam diretamente com o gênero do discurso matéria ou notícia jornalística por meio de recursos verbais e não verbais (aspectos do portador textual jornal impresso são caracterizados imageticamente por meio das ilustrações de Elma em meio ao texto de Amir Piedade que dialoga com o gênero em questão). Nesse ponto, destacamos semelhanças entre as páginas em questão e a primeira página de um jornal impresso, tais como: o cabeçalho de capa com indicação do título do jornal “O murmúrio”, do ano e do número da publicação “ANO XXII nº 11.680” e do tempo (substituindo data e previsão climática) “nublado e com trovões”; o cabeçalho interno presente na parte superior das páginas internas com o título do periódico “O murmúrio”, a seção: “Política” e a data (ausente no jornal apresentado no livro); o chapéu, palavra(s) presentes acima do título da matéria “Denúncia!”; a manchete, título em destaque na capa do jornal que indica a matéria mais importante da publicação; os títulos de cada texto que compõem a matéria, usados para chamar a atenção do leitor e convidá-lo à leitura; a legenda, texto disposto sob a foto descrevendo seu conteúdo ou destacando o assunto da notícia.

Portanto, os depoimentos da denunciante (a Pata) com citações de sua fala na página 19, as referências a instituições “Sociedade Protetora das Galinhas”, além do depoimento do Escritor, do Granjeiro e da Juíza, respaldados por fotos da Galinha dos ovos de ouro e da Pata, contribuem com a construção do fato por meio da elaboração formal e estilística que dará à notícia a impressão de

ser verdadeira no âmbito do universo ficcional. Ademais, a divisão da matéria em seções com títulos que resumem sua abordagem favorece a rápida compreensão da notícia pelo leitor.

Mais adiante, o autor apresenta um relatório de inquérito emitido pelo Delegado. Como gênero do discurso, o relatório de inquérito corresponde a um texto elaborado depois de findo o inquérito por autoridade policial “[...] que contém as investigações feitas para a averiguação dos indícios de autoria e da existência do fato criminoso, que servirão posteriormente de base ao oferecimento da ação penal” (COSTA, 2012, p. 203).

No livro, o despacho (e sentença) judicial é lido e publicado pela Juíza. Nesse trecho podemos destacar tanto a linguagem jurídica característica, como a presença de grifo em caixa alta das determinações judiciais (ABSOLVO, DETERMINO, SENTENÇIO, INSERIR, PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE). O despacho corresponde, na esfera pública, à documentação de “[...] decisões de autoridades públicas [...] deferindo ou indeferindo as solicitações feitas” (COSTA, 2012, p. 99). O despacho presente no livro caracteriza-se como sentença por apresentar-se como uma “[...] decisão, uma resolução ou uma solução dada por um júri, uma autoridade, etc. a toda e qualquer questão submetida à sua jurisdição” (COSTA, 2012, p. 211-212). Concomitantemente à apresentação do despacho e da sentença, aparece, na página 27, a Pata desesperada (com os olhos arregalados e a boca aberta) ao ler o jornal em que, assim supomos, foi publicada a conclusão do caso por meio da nota que se segue na página seguinte do livro.

Por fim, é apresentada tal nota, gênero que se caracteriza como uma notícia “[...] curta, breve e concisa, destinada à informação rápida [...]” (COSTA, 2012, p. 178). A nota presente no livro, dialogando com o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo do gênero em questão, é veiculada no mesmo jornal “O

murmúrio”, “ANO XXII nº 11.770”, publicada, portanto (podemos inferir a partir do número de edição), 90 dias depois da primeira publicação sobre o caso. Ao lado da nota, figura um cartaz com a inscrição “PROCURA-SE” e três fotos de rosto da Pata (em que esta se mostra claramente constrangida, como se pode inferir pelos traços rebaixados do corte de seu bico e pelos olhos abertos com pupila reduzida), sendo duas em perfil e uma de frente. O gênero cartaz ou aviso caracteriza-se por apresentar “[...] dimensões variadas, muitas vezes ilustrado com desenhos ou fotografias, apropriado para ser afixado em lugares públicos” (COSTA, 2012, p. 66).

A última ilustração (páginas 30 e 31) mostra a casa do Granjeiro na ocasião em que o Escritor é convidado para jantar. A casa, apresentada por inteiro em meio à paisagem bucólica, é observada do galinheiro, com atenção e curiosidade, pelas cinco galinhas e pelo Galo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das relações dialógicas aqui destacadas presentes na obra analisada, constatamos que as obras da literatura infantil trazem, como o romance, diferentes gêneros discursivos intercalados (como é o caso de *Confusão no galinheiro*) e favorecem práticas mais amplas e complexas de ampliação do letramento das crianças..

Em princípio, tal obra, como tantas outras, assim sabemos, possibilitam ao aluno o desenvolvimento de suas capacidades de leitura, de interação e diálogo inerentes ao letramento literário. A exploração do fenômeno de intercalação dos gêneros do discurso presentes na obra, como concernentes não à realidade imediata das

crianças, ou ao seu uso social efetivo, mas ao plano do conteúdo ficcional, constituindo acontecimentos artístico-literários e não de sua vida cotidiana, pode tanto favorecer o desenvolvimento das capacidades leitoras dos alunos quanto promover a criticidade, por meio da exploração das relações que se estabelecem entre os gêneros presentes na obra e a realidade. Para além da mera exploração temática, comum nas práticas de leitura escolares, sugerimos um ensino situado, que relacione a realidade e a ficção, de modo a favorecer e ampliar as capacidades letradas das crianças.

---

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Bernadini et al. 4 ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo, Hucitec, 2004.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PIEDADE, A. *Confusão no galinheiro: o caso dos ovos de ouro. II. Elma*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ROJO, R. *Letramento e diversidade textual*. In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 24-29. (Salto para o futuro).

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

**FERNANDO CANTO BERZAGHI**

## CRISTO PRECISA VOLTAR AO CENTRO DO ALTAR

Certas Confissões Religiosas tornaram Cristo um grande desconhecido.

Jesus não está mais no centro do altar e dos acontecimentos como dantes acontecia. É que o foco de luz, antes direcionado ao Cabeça da Igreja, hoje está projetado em outro personagem. A luz está direcionada à figura do pastor ou do líder espiritual de plantão. Este avoca para si todos os poderes, que são imanescentes ao único, verdadeiro, exclusivo e genuíno Salvador. Agem esses pretensos líderes messiânicos como se Cristo eles fossem.

Nesses locais, havidos como sagrados, Cristo já não é mais o principal da Igreja, mas um mero espectador sentado num canto do altar, observando inerte o desenrolar dos acontecimentos tresloucados, pautados quase sempre pela avidez cúpida.

No entanto, é oportuno lembrar que sobre a pedra fundamental, a pedra de esquina, a Rocha, Cristo, estão os fundamentos de apóstolos e profetas.

É urgente lembrar aos líderes de plantão e seus seguidores que a rocha que dá sustentação ao edifício chamado Cristandade jamais poderá ficar fora da construção do cidadão do Reino, do seio da família, da própria comunidade em que vive, e das instituições sociais.

Claro está que Jesus fala na primeira pessoa, quando diz: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos.”, (Mt 21 42).

Cristo procura demonstrar com essas palavras a sua autoridade, seu lugar único como filho enviado pelo pai com a missão de salvar o mundo do pecado.

Nessa citação Ele aponta para o Reino de Deus, que estava a edificar, contando com a perspectiva de as pessoas produzirem “frutos” para o Reino.

Insiste o Senhor que essa pedra, ou seja, sua pessoa é um divisor de águas.

Demonstra, o Mestre, Senhor Jesus, que nós pecadores podemos nos lançar sobre Ele como pedra de esquina, reconhecendo nossa fragilidade e incapacidade, enquanto construção humana.

Desse modo, quando o homem, fraco e pecador, se lança no meio do altar como se o Senhor ele fosse, é bem possível que o peso da responsabilidade recaia sobre ele.

Muitas vezes esses líderes praticam uma espiritualidade muito focada no egotismo e no individualismo.

Outra característica bem presente nos nossos dias é antropocentrismo, isto é, a contingência de se colocar como centro de tudo, com poderes para resolver todos os problemas.

Cristo não é mais o Advogado Fiel nem o Espírito Santo o Consolador Amigo.

Entretanto, é bom lembrar que não há espiritualidade efetiva, sem a Cruz de Cristo; isto é, sem a negação do nosso “Ego” para, com humildade, assumir o senhorio de Cristo...

Precisamos declarar, pois, com urgência, nossa total e contínua dependência de Deus, na intercessão de Jesus Cristo, nosso Salvador e por obra do Espírito Santo.

“VAMOS TRAZER CRISTO PARA O SEU VERDADEIRO LUGAR: O CENTRO DO ALTAR.”

## SIMPLICIDADE NA PREGAÇÃO

O presente trabalho trata da simplicidade em sermão pregado por J.C. Ryle em 1887.

J. C. Ryle foi o 1º bispo da diocese da Igreja da Inglaterra em Liverpool, na Catedral de São Paulo–Londres.

Terceiro capítulo do livro “O Cenáculo”.

O bispo Ryle pretende tratar tão somente da simplicidade na linguagem e no estilo.

Vou considerar, desde logo, a simplicidade, na linguagem e no estilo.

Que é a simplicidade?

É uma qualidade importante da linguagem.

É o que é simples, não apresentando nem sofisticação nem desdobramentos.

Que é Língua?

Código linguístico de uma comunidade.

“Conjunto das palavras e das regras que combinam, usado por uma comunidade linguística como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito”. (Houaiss)

Que é a linguagem?

É o conjunto de palavras e dos métodos de combiná-las, usado e compreendido por uma comunidade.

Linguagem é todo código de que o homem se utiliza para estabelecer comunicação.

Já o código é um conjunto de signos utilizados para a comunicação.

Que vem a ser o Estilo?

É a maneira particular de se expressar, de se vestir, de viver.

Fala ou estilo: é o uso individual da língua.

É, portanto uma forma de dizer peculiar a cada escritor.

Ou ainda: “Estilo é o conjunto de traços que caracterizam um gênero, uma obra, um escritor ou uma época”.

Das qualidades apontadas como essenciais no estilo literário temos: correção, clareza, concisão, harmonia, originalidade e vigor.

## PERSPECTIVA TEÓRICA DA OBRA

Afirma a respeito da linha teórica adotada que “alcançar a simplicidade não é fácil”.



Sustenta ainda: que ao publicarmos deixamos de lado a solenidade, a unção, vivacidade, fervor e outros semelhantes ou as respectivas virtudes de sermões escritos ou improvisados para limitarmo-nos somente a um ponto que recebe bem menos atenção. Esse ponto é a simplicidade na linguagem e no estilo.

## BREVE SÍNTESE DA OBRA

O bispo Ryle pretende tratar tão somente da simplicidade na linguagem e no estilo.

O próprio Ryle diz textualmente: “desejo limitar-me a um ponto somente, que recebe menos atenção que merece. Esse ponto é a simplicidade na linguagem e no estilo.”.

Relata a sua dificuldade em pregar nos locais mais distantes e rurais, mas pretende iluminar o caminho fazendo quatro comentários:

1-Pede que os leitores se lembrem de alcançar a simplicidade na pregação.

2-Declara que “alcançar a simplicidade não é fácil” e acrescenta: “falar ou escrever algo agradável e de fácil compreensão, que seja assimilado pela mente do ouvinte e jamais esquecido, isso podemos estar certos, é muito difícil e uma conquista não muito frequente”.

3-Ressalta: “Não precisamos de uma pregação rude e vulgar. É possível ser simples e falar como um cavaleiro com o estilo de uma pessoa gentil e refinada.

4-É um tremendo erro pensar que os homens e mulheres iletrados e analfabetos preferem que lhes falem de modo iletrado e como um analfabeto. É um grande erro supor que um evangelista leigo ou qualquer um que somente está familiarizado com a Bíblia

é mais aceitável do que um de Oxford ou um polemista de Cambridge. Normalmente, as pessoas toleram a vulgaridade e a rudeza quando não podem ter qualquer outra coisa”.

## PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA

Depois desses comentários preliminares, passaremos a estudar cinco breves indicações do que me parece ser o melhor método para alcançar a tão propalada simplicidade.

- a- Ter uma ideia clara sobre o assunto.
- b- Tentar utilizá-la em todos os seus sermões, na medida do possível.
- c- Fazer com que a sua composição seja simples.
- d- Empregar um estilo direto.
- e- Para ter um estilo simples de pregação, utilizar anedotas e ilustrações.

Reflexão crítica sobre a obras e implicações para o ministério

Depois de ler, analisar e refletir atentamente sobre essa preciosa obra de Ryle sobre a Simplicidade, posso afirmar que houve um esforço enorme do ilustre prelado para mostrar a importância do simples na pregação.

Sustenta, em síntese, o autor nessa linha de raciocínio que é fácil ser obscuro, mas há muita dificuldade em ser simples tanto na linguagem quanto no estilo.

Sem dúvida, a simplicidade aliada à clareza, à objetividade, à concisão, à harmonia torna o texto muito mais inteligível tanto para o ouvinte quanto para o leitor.

## O AMANHECER DE UM NOVO DIA

Rompe a aurora dourada de carmim.

O Sol ilumina os caminhos da memória.

Marco solene no berço da história.

“Nove de julho é a luz da Pátria.

Data imortal deste berço agosto...”

M.M.D.C.: tetrálogo radioso que brilha no planalto singular.

Quatro valorosos varões tombam para o Brasil exaltar.

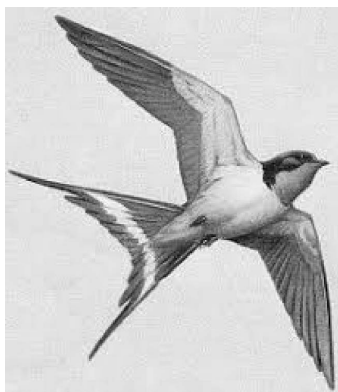
Legenda de bandeiras no mais alto lugar.

Os heróis da Pauliceia cravam seus estandartes no planalto singular.

Momento de amor e elevação.

Instante de caridade e contrição.

Nas asas da liberdade o Sol da justiça vai brilhar.



## O PÁSSARO E A CRUZ

### SERVIÇO TOTAL

AOS MEMBROS DE NOSSA COMUNIDADE-FAMÍLIA!  
GRAÇA! PAZ! VIDA ABUNDANTE! MISERICÓRDIA!  
PORÇÃO RELATIVA À SEMANA DE 20 A 28 DE FE-  
VEREIRO DE 2018.

O pássaro é o emblema mesmo do cristão.

Cruz + mais da igualdade e da ascensão.

Nave singular a flunar alegre pelo ar.

Estilhaço de azul safira espelhando o céu anil.

Lírica vivência do infinito coalhado de estrelas.

Peregrina na contínua jornada da paz.

Poema de céu e flor.

Encantadora visão alada.

Obra prima de fada.

Voz que bendiz as maravilhas do Criador.

Ora aqui.

Ora ali.

Ora acolá.  
Aura cheia de graça que no céu reluz.  
Reflexos luminosos da Santa Cruz.  
Comovente apelo no coração de toda gente.  
Voa, voa, voa, andorinha, nos átrios do SENHOR.

## ORAÇÃO DA ÁRVORE

SENHOR! Mantenha-me firme como a árvore plantada à beira do riacho.

Que eu possa ter raízes profundas para buscar águas cristalinas.

Que eu possa ter folhas verdes e brilhantes, para proteger o solo generoso.

Que eu possa dar frutos bons e sazonados.

Que eu possa buscar a seiva rica da vossa Palavra.

Que eu possa sempre estar junto ao conselho dos justos.

Que eu possa ser um monumento de amor, semeando esmeraldas de esperança.

Que eu possa me afastar da roda dos escarnecedores.

Que eu possa viver, Senhor, para exaltar vosso santo nome!

Obrigado, SENHOR!

## PORQUE DEUS ESTAVA LÁ...

### SERVIÇO TOTAL

AOS MEMBROS DE NOSSA COMUNIDADE-FAMÍLIA!  
GRAÇA! PAZ! VIDA ABUNDANTE! MISERICÓRDIA!  
PORÇÃO RELATIVA À SEMANA DE 20 A 25 DE MAIO  
DE 2019.

A caravana caminha pela rota das estrelas.

O deserto arde em chamas.

O tempo é de esterilidade.

O momento é de escassez e gravidade.

Os animais andam esfaimados.

O préstito segue pelo areal abrasado.

Nenhuma gota d'água havia.

Nenhuma folha de grama se via...

Nenhum sustento existia.

Nem mesmo a brisa corria.

Mas Deus estava lá...

O povo marchava determinado.

O povo pela nuvem era guiado.

Mas a gente sobreviveu.

Porque Deus estava lá...

Porque o Sumo Sacerdote de nossa Confissão, Jesus, estava lá...





**ISABEL BORAZANIAN**

## PRIMEIRO AMOR

Hilariantes, as pupilas dilataram-se  
 registrando o compasso do coração  
 No registro sintomático, nada existiu de automático  
 era a voz da emoção  
 Em sonhos mergulhou profundo  
 e as memórias de um mundo  
 colocou-a em prazer  
 Seu sonho era tão caro  
 tão caro seu sonho era  
 que suspirou em quimera  
 ressurgindo em tom de amor  
 Sua face rompeu infinitos  
 e o que sentiu de bonito  
 no sorriso estampou

## SIMPLICIDADE

Você me olha  
 Eu te olho  
 Tudo nos toca em emoção  
 Você me vê  
 Eu te vejo  
 Com olhos do coração

## MENINO BRASILEIRO

Menino brasileiro  
Perdido na praça  
Deitado no banco  
Rompendo ilusão  
Sem eira nem beira  
Sem base sem condição  
Quem são os bandidos?  
Quem é o ladrão?

## LAMPEJO

No sopro de uma canção  
Saio pra vida que é dança  
Abrindo meu coração  
Resgato m'alma criança

Claro se faz o meu dia  
Em luzes de arribação  
Viajo na fantasia  
Me visto de Alazão

Acalentando m'alma criança  
Em luzes de arribação  
Alimento com eterna esperança  
Os desejos do meu coração

## GRAVIDEZ

Uma essência pura  
Morou no ventre  
Aqueceu meu ser  
Tão docemente  
Que muitas vezes  
Custei a acreditar  
Agitava-se de lá pra cá  
de cá pra lá...  
Num suave e mágico balanço  
Igual às ondas do mar



## LUZES-VIDAS

Na solidez aparente  
as luzes se expandem...  
procurando o viver...

Na lucidez dolente  
as luzes permanentes  
brilham ao amanhecer

Luzes  
reluzem  
alhures  
olhares  
vidas  
alhures  
olhares  
reluzem  
luzes  
Luzes são vidas  
Vidas são luzes

## SAUDADE RECHEADA

Minha saudade anda recheada  
de belos momentos de lindas canções  
As recordações pululam na superfície da minh'alma  
fazendo fluir as sensações  
Cada emoção passada, rabisca o tempo presente  
em nuances que compõem meu ser  
Permanentemente meu coração menino  
busca o inatingível  
vibra constantemente  
no aconchego do bem-querer  
E a minha saudade recheada  
me dá a certeza que existir  
é muito mais que viver

## BEIJOS...

Embaladas nas ondas do bem-querer  
Imperiosas as sensações se revelam  
Beijo, beijo, beijos...  
Orgasmo sutil dos desejos  
Beijo, beijo, beijos...  
Jogo de sedução  
Desejos do bem-querer  
Beijo, beijo, beijos...  
Meu beijo, beijado  
Brincou de beijar  
Fez-se manso  
Buscou sua boca  
Fez morada  
Esqueceu-se de mudar  
Beijo, beijo, beijos...  
Orgasmo sutil dos desejos.

## ENREDO

Não adianta dissimular, ocultar,  
quando temos a percepção apurada  
e enxergamos além da estrada,  
o que pensam estar oculto  
e tentam disfarçar.

O enredo disfarçado  
no disfarce é revelado  
vestido de hipocrisia,  
sem razoabilidade,  
sem bom senso  
desprovido de sabedoria

Fica solto, perde a linha  
sem prumo e sem direção.  
É o fazer pelo fazer,  
sem focar na verdade,  
que é o único alicerce  
da base à construção.

## DESCORTINANDO MENTIRAS

Artimanhas insanas,  
ilógicas, descabidas,  
se tornaram medidas  
de ações absurdas,  
tidas como assertivas  
onde só um lado se vê.

A democracia esquecida  
grita muda, sem guarida.  
O alívio do momento  
é que o discernimento  
sempre chega e chegará.  
Pois a verdade não morre  
e não se deixa sufocar.  
O falso alicerce não tem base,  
não tem conteúdo, nem noção.  
É como um barco à deriva  
onde sumiu o timão.

## AOS FILHOS DA ARTE

São muitos os fluidos que nos fornecem a inspiração  
Perceber e captar esses fluidos é trabalho da percepção  
Onde a sensibilidade é a mola mestra  
Traduzindo nossas impressões em expressões  
Somos filhos da arte, enlaçados na onda do bem-querer  
Da arte sábia de quem acredita na vida  
E na luz que nos envolve e nos move a crescer  
Nossa existência é sinônimo de persistência  
E crescimento interior  
Não dá pra fugirmos daquilo que somos  
Não dá pra negar ou ignorar a “voz do coração”

## ARTE: UMA VERDADE RELATIVA

A arte é a expressão dos sentimentos, captados pelos sentidos; reflete a essência do ser humano e traduz emoções, reflexões e impressões.

Em princípio, a arte não é obrigada a ser aprovada e entendida, e uma de suas funções é se permitir passar por portas fechadas. O artista é um ser social, tem responsabilidades sociais e precisa estar consciente delas.

“Ninguém trabalha no vazio.”

No entanto, o artista é livre para experienciar diversas linguagens, e estas experiências normalmente são vistas e sentidas por seres individualmente diferenciados, e o resultado destas experiências está sujeito a identificações e não-identificações. O artista deve ser livre para julgar o resultado de suas experiências, pois o verdadeiro artista é sensível e intuitivo. A sensibilidade e a intuição traduzem-se em “lucidez”. A lucidez faz com que o artista procure aperfeiçoar o que não foi coerente com o que ele tentou traduzir.

E o que não se pode permitir na arte são os critérios pre-conceituosos de apreciação artística, impostos por uma minoria, ditando o que o artista deve ou não fazer, e dentro de padrões pre-estabelecidos, subjugar trabalhos por não se identificarem ou por não fazerem jus ao que eles julgam ser bom.

Acredito que a arte é um direito. Apoiar e respeitar é um dever. Não interferir é obrigação.

O céu é para todos. Perceber que o céu é para todos é começar a ser humilde, e ser humilde não é sinônimo de ignorância ou servidão. Ser humilde é perceber que: “Ninguém é dono da verdade!”; e que a verdade é relativa e não absoluta, que a vida é contínua lapidação e que a Arte é uma verdade relativa.

## O SÁBIO COR DE LARANJA

O sábio ostentava um sorriso fictício, acreditava em sua sabedoria e desperdiçava saliva de tanto falar. Arremessava con-

ceitos, posicionava-se em frente a uma multidão que, sedenta de amor, justiça e respeito, ilusoriamente acreditava no sábio.

O sábio gesticulava, propunha, fazia do mundo um paraíso, apontava defeitos, dizia que as coisas estavam um caos. Mas, se seguissem suas teorias, seus conceitos e suas ideologias, as coisas se modificariam.

De súbito, alguém gritou:

- Para com isso! Precisamos de uma valência correta! Ninguém aqui está acreditando em fantasia! Estamos cansados de palavras bonitas que morrerão na utopia!

O sábio foi se desmontando, enfraquecendo, ficando verde e logo a seguir foi adquirindo uma cor alaranjada.

Seus pensamentos soltos no espaço pareciam hélices consumindo todos os imensos sentidos que habitavam aquele ar. E aos poucos foi adquirindo sua antiga posição: a única coisa estranha era a sua cor alaranjada, que logo deixou de ser estranha, pois todos se acostumaram rapidamente a ela. O sábio continuou o seu discurso e aos poucos foram aparecendo homens alaranjados, carregando tonéis gigantes com suco de laranja e serviram a multidão com o tal suco. O sábio preferiu:

- Quem estiver servido, fique na fila com cuidado, sem tumulto!

A multidão sedenta nem pestanejava e, em fração de minutos, os tonéis estavam vazios. Até o rapaz que havia contestado bebera o suco. Todos haviam adquirido um alaranjado.

O sábio respirava tranquilo. Todos agora eram aliados à sua “força laranja”. O sábio deu um sorriso laranja, acenou alaranjadamente e todos bradaram-no com hálito alaranjado.

Acordei com uma sensação estranha e com uma enorme bronca de laranja.

Ufa! Senti um alívio! Tudo não passara de um sonho! O sábio cor de laranja não existia!

Nisso, minha mãe bateu na porta do meu quarto trazendo um copo com suco de laranja, que rejeitei logo. Ela esboçou um olhar de preocupação, pois em outra ocasião eu o teria tomado em um só gole. Mamãe ficou sem entender.

Levantei-me com aquela sensação esquisita e pensava sobre o sonho. Que estúpida tinha sido aquela multidão. Nem sequer havia percebido a manipulação do sábio. Segui para o banheiro e quase tudo me lembrava do sonho: a minha escova de dente era cor de laranja, minha toalha de banho também era cor de laranja. Tentei me safar o quanto antes daquele ambiente laranjal, arrumando-me rapidamente. Quando estava saindo de casa, depois de riscar a cor laranja dos meus pertences, deparei com o carteiro, que trajava uma roupa alaranjada, parado no meu portão. Entregou-me uma carta. Fiquei um pouco intrigada e curiosa ao mesmo tempo, a carta não possuía remetente. Abri quase que em câmera lenta o envelope. A sensação era que pudesse saltar de dentro dele uma bomba ou algo parecido. Mas era uma brincadeira, dessas correntes que você tem que enviar não sei quantas cartas para pessoas amigas, e se elas quebrarem a corrente, algum mal acontecerá. Acho que quem manda este tipo de coisa é amigo-da-onça. Comecei a rasgar a carta quase esquecendo o sonho. Nisto, um caminhão vendendo laranjas passou em frente a minha casa e, incrivelmente, deixou cair uma caixa na rua e quase todas as laranjas vieram em direção aos meus pés. Senti-me desfalecer.

Quando recobrei os sentidos, minha mãe tentava acordar-me abanando o amarelo-laranja sobre o meu rosto.

- Vamos, filha! Tome um golinho! O suco vai te fazer bem! - disse ela, oferecendo-me um copo com suco de laranja. - Você me deu um susto! Saí correndo quando escutei os seus gritos: “ABAIXO A LARANJA! ABAIXO A LARANJA!”. E quando cheguei, você estava desmaiada! O moço do caminhão que carregava as caixas com laranjas me ajudou a te trazer pra dentro de casa! Foi muito gentil o sr. Laranjeiras. E daquele momento em diante não deu mais para fugir: tive que contar tudo para a minha mãe, que me aconselhou um analista.

Coincidência ou não, o consultório do meu analista ficava na Rua dos Laranjais...

## UMA VIAGEM

Depois de um dia estafante no trabalho e de uma espera de quase uma hora no ponto de ônibus, estava exaustíssima. Subi no ônibus com uma ansiedade louca de chegar logo em casa, tomar um banho gostoso, comer uma comida feitinha na hora, arrumar meus pertences e seguir pra faculdade que me esperava com uma aula de História da Arte. Absorvida pela fome, cansaço e meus

anseios e deveres, fui despertada por uma voz estridente que vinha do meu lado. Sem perceber, concentrei minha atenção para a dona da voz: uma senhora de meia-idade que falava e gesticulava.

Pouco a pouco todas as atenções estavam voltadas para ela, sendo que os mais discretos ficavam somente com as “antenas” ligadas e os olhares dirigidos para a frente. Os que estavam acompanhados, conversavam através de olhares e risinhos, mas sempre atentos aos encantos oratórios da folclórica senhora. Outros, indiscretos, olhavam-na atentamente.

Soberba, ciente de que chamava a atenção, aquela senhora começou a se sentir “dona do pedaço”. E, por incrível que pareça, era mesmo. Apesar de estar conversando com uma única pessoa, o seu olhar se dirigia a todas as outras que estavam no ônibus. Era como se estivesse dialogando com a sociedade.

- Pois é! O meu marido é um monstro, um animal! Olha só! Eu com apenas 38 anos estou aparentando 50!

Contava abertamente seu desentendimento com o marido, rasgando sua própria privacidade e lançando-a no ar.

- Tenho cinco filhos e todos eles foram feitos à força. O menor de 10 anos e o mais velho, acho que está com 16. Sabe, eu aguentei esses anos todos com a esperança que ele melhorasse! Mas que nada! Ele bebe que nem uma porca e dá tanto murro na minha boca, que ela já tem até gosto de sangue!

Observei que ela estava com um batom fora da moda.

- Pois é: fico com uma vontade de matar quem fica falando que eu devia pensar mais sobre o desquite! Só quem vive este problema é que pode dizer! Tenho vontade de cortá-lo em pedacinhos, jogar álcool em cima e tocar fogo! Sei muito bem me criar sem homem e meus filhos já podem muito bem trabalhar! Homem não presta! É bicho perigoso!

E o papo foi se esticando, ou melhor, o monólogo desenvolveu-se por dez minutos até que: - Ah! Maria! Tá chegando o meu ponto! Preciso descer, chegar logo em casa pra poder preparar a janta! Acho que vou comprar um pedacinho de carne! O meu marido adora!... Sabe como é, né? Homem costuma ficar zangado quando chega em casa e não encontra a mulher, e um agradozinho sempre é bom! Aparece lá em casa pra gente bater um papinho! E foi indo para frente. - Com licença! Com licença!

Desceu do ônibus toda imponente, acenou um tchauzinho, esboçou um sorriso, o ônibus partiu e sua imagem se perdeu...

## DECISÃO

As pálpebras precisas definiram os sentimentos e na longa e curta expressão os sonhos e desejos se fizeram estampados. Um torpor invadiu todo seu corpo, era o peso do momento, a queda da estabilidade que soprava para o alto todos os seus sonhos. Era chegada a hora da definição, seu corpo e sua alma sentiam, o momento se aproximava, não dava mais para fugir ou simular.

E neste turbilhão de sensações, uma borboleta veio sobrevoando em sua volta e pousou sobre um álbum de fotos da família que estava esquecido no canto da sala. Todo este movimento despertou sua atenção, pois na semana anterior ele havia conversado com um amigo que lhe dissera que o Universo manda-nos sinais, só basta estarmos atentos para recebê-los.

Vendo a borboleta pousar, permitiu dar atenção para o seu lado intuitivo, abriu o álbum e deparou com ele menino. Suspirou e as lembranças tomaram conta do seu ser.

O cheiro, o som, o sabor, o tato...

Voltou a ser menino, correndo nas campinas, era o gosto gostoso de apenas ser, gargalhadas espontâneas, os tombos, a grama, as árvores, as flores, o orvalho, os pássaros, as borboletas, a terra, a chuva e o sol.

Todas as sensações vinham tão rápidas abraçando seu íntimo, fazendo-o sentir uma saudade feliz.

Estava vivendo momentos mágicos de recordações, quando o telefone tocou, fechou o álbum rapidamente, seu coração batia descompassadamente, sua boca estava seca, era chegada a hora, suspirou e cada segundo passou a ser uma eternidade.

- Alô! Sim, é ele... O quê? Verdade! Graças a Deus. Obrigado.

O choro descia involuntariamente de sua face, era o alívio de poder saber-se curado e voltar a ter sonhos.

Rodopiou pela casa, pulou, subiu no sofá, gritou, esperneou.

Sua vida daquele momento em diante ganhou outro significado, ele percebeu que “ser” era muito mais importante...





IVO DE SOUZA

## O TAXISTA

O relógio despertou, como de costume, às seis horas da manhã.

Onofre esticou o braço para o lado direito, apertou a trava do relógio, virou-se e voltou a dormir por mais de meia hora.

Estava cansado e com sono. Na noite anterior, havia participado de uma apresentação em um sarau, com número de dança de tango e poesias. Ao término desse evento, fora jantar com a família em uma cantina italiana, no centro da cidade, voltando tarde para casa, exausto.

Às sete e meia, depois do banho, vestiu uma camisa polo de fundo branco com faixa transversal azul e preta, uma calça de sarja branca, cinto preto e tênis branco com detalhes preto e vermelho. Tomou café com pão e ovos mexidos, suco de laranja e uma fatia de mamão.

Onofre é deficiente visual e se consultava, periodicamente, com um oftalmologista em outro município, a cerca de trinta quilômetros de sua casa. Estava acostumado a fazer esse percurso de transporte público, e como não havia linha direta, acabava uti-

lizando três conduções para ir e, obviamente, mais três para voltar. Uma vez ou outra, fazia o segundo e terceiro trechos, de táxi, quando congestionava o primeiro trecho do percurso, para se prevenir de um possível atraso significativo no horário da consulta.

Nesse dia, porém, Onofre não teve outra alternativa senão ir de táxi desde a sua residência, mesmo sabendo que o custo seria alto – há uma sobretaxa de cinquenta por cento, por lei, sobre o valor indicado no taxímetro, quando a corrida entra em outro município.

Após o café, ligou para a cooperativa dos taxistas e solicitou um carro, informando seu destino. A atendente informou-lhe que o veículo estaria na portaria do seu prédio em dez minutos e passou também o prefixo, marca e modelo do automóvel.

Enquanto aguardava o táxi, aproveitou o tempo para escovar os dentes, pentear o cabelo e se perfumar: não saía de casa sem passar perfume, hábito herdado de sua mãe. Pegou a bengala branca, os óculos escuros e desceu para a portaria. Minutos depois, o táxi estacionou na calçada oposta ao portão do seu condomínio. Ao ver a bengala branca do Onofre, o taxista desceu do carro perguntando:

- Precisa de ajuda?

- Não, obrigado! – respondeu Onofre, enquanto aguardava outros carros passarem para que ele pudesse atravessar a rua.

Assim que se aproximou do carro, Onofre cumprimentou o motorista identificou-se e perguntou, por desencargo de consciência, se ele estava ali para atendê-lo.

- Se você é quem diz ser, então é a você que vim atender – respondeu ele demonstrando certo mau humor.

Apesar disso, ele desceu, deu a volta no carro e abriu a porta traseira direita. Onofre entrou e ele fechou a porta. Neste momento, deu para perceber que o taxista aparentava estar um pouco

acima do peso.

O carro, um modelo sedan, quatro portas, bancos de couro e vidros filmados. O taxista vestia uma camisa de linho branca, uma calça jeans azul e sapato preto.

Assim que se acomodou ao volante, perguntou:

- Para onde é que o senhor vai?

- Aqui. - respondeu Onofre, mostrando um cartão com o endereço.

O motorista consultou seu mapa eletrônico e comentou:

- É em outro município. Tem sobretaxa - disse o motorista, devolvendo o cartão.

- Eu sei. – respondeu Onofre

O motorista deu partida no veículo e saíram sem mais nenhum comentário.

Assim que deixaram o local de partida, Onofre recebeu uma mensagem da cooperativa de táxi, pelo celular, comunicando que o carro já estava a sua espera no local combinado.

O primeiro trecho com quinze quilômetros de distância, utilizando a via Dutra, foi percorrido sem nenhum incidente e nem mesmo uma troca de palavra.

O segundo trecho, de dez quilômetros, que inclui duas rotatórias, foi um pouco mais agitado, pelo fato de estarem em uma área industrial onde circulam muitos caminhões, automóveis e motocicletas, além dos transportes coletivos, deixando o tráfego moroso.

Neste momento, Onofre percebeu que o taxista começou a ficar nervoso. Resmungava muito na tentativa de ultrapassar os caminhões ou quando era ultrapassado pelas motocicletas com suas buzinas intermitentes, gesticulava como se quisesse empurrar

os automóveis para bem longe dali. Até este momento, Onofre se mantinha tranquilo e, de vez em quando, esboçava um sorriso com as atitudes do taxista.

Para acessar o terceiro e último trecho do percurso, tinham que passar por duas rotatórias. A primeira foi contornada com alguma dificuldade por conta do excesso de veículos. A irritação do taxista era visível neste momento. O banco do carro parecia não acomodar seu corpo acima do peso, pela maneira como se comportava.

Na segunda rotatória, dois quilômetros e meio à frente, o taxista contornou apenas um quarto da rotatória e ao sair para a direita onde iniciaria o terceiro e último trecho do percurso, ele o fez pela pista da esquerda, que dá acesso à rotatória no sentido contrário; isto é, entrou pela contramão por uns cinquenta metros.

Os carros que vinham no sentido da rotatória começaram a buzinar e frear bruscamente, soltando vários improperios e até ofensas à genitora do taxista. Um grande tumulto.

- Tenha calma! - exclamou Onofre, com tom firme.

Onofre tentava aparentar calma, mas estava mesmo era preocupado com o horário de sua consulta.

O taxista por sua vez, em pânico, numa manobra arriscada, tentou dar um giro de cento e oitenta graus, conhecido como “cavalo de pau”, sem sucesso. Acabou estacionado no acostamento quase a noventa graus. Desceu do carro esbravejando, deixou sua porta aberta, a chave no contato e o motor ligado. Abriu o porta-malas e começou a retirar umas coisas lá de dentro.

Primeiro, tirou um berimbau, depois um sarrafo de madeira de cinco por cinco centímetros de lado, parecia um pedaço de caibro de telhado, com aproximadamente oitenta centímetros de comprimento. A seguir começou a tirar umas roupas sujas, outras limpas, sem passar, como camisas, calças, lençóis e outros panos,

os quais Onofre não conseguia identificar. Falava coisas desconexas, palavras obscenas, lançando a culpa em alguém pelo que estava acontecendo.

Onofre, que ainda permanecia sentado no banco traseiro do automóvel, tentava insistentemente entrar em contato com a clínica para justificar possível atraso. As várias tentativas não surtiram efeito, ora dava ocupado, ora a linha caía. Abriu a porta do carro, desceu, deixando a porta aberta e foi conversar com o motorista. Notou que seu rosto estava tão vermelho que parecia estar inchado, assim como todo o resto do seu corpo.

- O que está acontecendo? – perguntou Onofre.

O taxista parou por um instante de tirar coisas do porta-malas e olhou para o passageiro à sua frente, segurando uma bengala branca. Onofre percebeu que uma lágrima brotou no seu olho e começou a rolar pelo seu rosto. Ele deu um soluço e respondeu:

- Minha esposa me traiu, e me expulsou de casa, passei a viver no meu próprio carro. A casa é uma herança dos pais dela. O carro e a licença do táxi paguei com meu próprio suor. À noite estaciono no pátio da cooperativa onde aproveito para tomar banho e dormir no banco do carro. Não é nada confortável.

- Há quanto tempo isto vem acontecendo? – perguntou Onofre.

- Há pouco mais de um mês. – respondeu o taxista.

- Já tentou um diálogo franco com ela? – perguntou Onofre.

- Já! Não adiantou. Ela mandou que eu procurasse um advogado. – ele respondeu.

- E você o fez? – perguntou Onofre.

- Sim! Conversei com um advogado da cooperativa e ele me encaminhou para um colega dele que atua na vara de família. – disse o taxista, ainda soluçando.

- Já entrou em contato com esse advogado de família? – perguntou Onofre.

- Ainda não! – Tenho andado muito estressado e em estado depressivo; além disso, trabalho durante o horário comercial, assim como ele, e não consegui agendar um horário comum aos dois. Vou tentar agendar para a noite. – concluiu.

O taxista voltou a tirar coisas do porta-malas do carro e jogá-las ao chão.

- O que são estas coisas que você está tirando do carro? E por que você está fazendo isto? – perguntou Onofre.

- São coisas minhas! Jogá-las ao chão é uma maneira que encontrei para me desestressar.

- O melhor que temos a fazer é sair daqui o mais rápido possível. – disse Onofre, mudando de assunto.

Dito isto, aproximou-se da linha branca que delimita a faixa do acostamento e a faixa carroçável, colocando a bengala na horizontal com o objetivo de fazer parar o trânsito na pista. Dois carros passaram sem atender sua sinalização, o terceiro que trafegava em menor velocidade, ligou o pisca-alerta, reduziu a marcha até parar.

- Precisam de ajuda? – perguntou o condutor.

- Só precisamos manobrar com segurança. Muito obrigado – respondeu o cego.

O taxista fechou o porta-malas, deixando de fora parte do que havia tirado, entrou no carro e, com manobras rápidas, entrou na frente dos carros parados até se posicionar à esquerda. Abriu a porta do passageiro e pediu que Onofre entrasse. Assim que o cego entrou, o taxista arrancou, cometendo mais uma infração. Ao invés de seguir em frente e contornar a rotatória, entrou à esquerda ali mesmo sobre o canteiro central.

Os carros que estavam parados começaram a buzinar e a chamá-lo de louco.

O taxista apoiou o braço na janela e balançou a mão como se estivesse dizendo: -“Que se danem, não estou nem aí”.

- E aquelas coisas que você tirou do carro? Não vai recolhê-las? – perguntou Onofre.

- Deixa pra lá! Se ainda estiverem lá quando eu voltar, eu as recolherei. - ele respondeu.

Uma vez na pista correta, o taxista parecia mais calmo, entretanto essa calma acabou tão logo seu telefone celular tocou. Tocou uma, duas, três vezes e atendeu ao iniciar o quarto toque.

Assim que descobriu quem estava falando, parou imediatamente o carro no acostamento, desta vez no sentido correto do tráfego, deixou o pisca-alerta ligado, exceção feita ao fato de ser uma curva à direita, mas de fácil visibilidade, a alguns metros do portão de uma indústria química farmacêutica.

Alegando que não tinha mais condições de dirigir, desceu do carro, abriu o porta-malas, tirou umas caixas de papelão, tipo arquivo, desmontadas, que pareciam estar sendo usadas como forro no fundo do porta-malas ou guardadas para serem usadas mais tarde, e um berimbau.

Pelo pouco da conversa que Onofre ouviu, percebeu que estava falando com um advogado a respeito de sua esposa.

Atento ao descontrole emocional do taxista, Onofre desceu do carro e se dirigiu ao portão daquela indústria. Antes de alcançá-lo, viu duas moças uniformizadas, com saias azuis marinho e blusas salmão, com listas brancas verticais, saindo dali.

Onofre foi ao encontro delas em busca de informações. Elas que conversavam descontraidamente, mostraram-se assustadas com a presença do cego e voltaram rapidamente para o portão. Acionaram os seguranças da empresa, falaram alguma coisa pelo interfone e seguiram em outra direção.

Onofre não se sentiu ofendido com a atitude daquelas moças, talvez porque já houvera passado por situação semelhante; além disso, havia um carro parado a poucos metros dali e outro homem falando ao telefone. Desta forma, continuou caminhando até o portão. Dois seguranças atentos a sua aproximação o interpelaram, antes mesmo que ele tocasse o interfone, perguntando:

- Precisa de algum tipo de ajuda, senhor?

- Sim! Preciso ir à Rua Desembargador Lafaiete, nº 1732 – respondeu o cego.

- Aguarde um minuto, por favor. – respondeu o segurança, com uma voz menos defensiva.

- Muito obrigado. – disse o cego.

Alguns minutos depois, um jovem, aparentando uns quarenta anos, vestindo uma calça azul marinho, camisa social vermelha com listras verticais brancas, veio ao encontro do cego Onofre.

- O senhor pode repetir para mim o endereço, por favor? – Perguntou o jovem. Vou localizar a rua e já-já retorno.

Onofre retirou do bolso o cartão da clínica com o endereço e entregou ao rapaz.

- Volto já! Aguarde. - repetiu ele.

Enquanto aguardava, Onofre voltou-se em direção do táxi e percebeu que o porta-malas continuava aberto e o taxista ainda ao telefone, gesticulando enquanto falava.

Não demorou muito, o portão do estacionamento da indústria se abriu e surgiu um carro prata com vidros fumês. Assim que ultrapassou o portão, parou, abriu o vidro do lado do passageiro e a pessoa que estava ao volante falou:

- Senhor, senhor?

Onofre olhou com atenção e percebeu que não era o mesmo



jovem que dissera que iria localizar o endereço: era um senhor de meia idade, talvez uns sessenta anos, com alguns fios brancos de cabelos na frente e no bigode espesso.

Ele se apresentou como Nivaldo, abriu a porta do automóvel e pediu que o ceguinho entrasse.

O carro tinha bancos de couro, ar condicionado, um monitor onde mostrava tudo ao entorno do carro, além de GPS.

Onofre não titubeou. Entrou o mais rápido que pôde.

- Vou levá-lo ao seu destino. – disse Nivaldo, devolvendo-lhe o cartão com o endereço da clínica.

- Eu estava naquele taxi, mas houve um problema com o taxista, por isto paramos aqui. – explicou Onofre.

- Eu sei! Nós temos as imagens das manobras desastrosas feitas por um motorista que não parece viver dessa atividade. Foram registradas em nossas câmeras externas de vigilância. – completou Nivaldo. - Temos outras imagens de manobras semelhantes, mas geralmente são de adolescentes voltando das casas noturnas ou adultos embriagados, mas de taxista é a primeira.

- Tenho (ou tinha) uma consulta marcada nesta clínica oftalmológica, mas pelo andar das horas podem tê-la cancelado. – disse Onofre. Mas, já que cheguei até aqui, vou até o final, mesmo que seja só para remarcar a consulta. – concluiu.

- A clínica é perto daqui. A pouco mais de dois quilômetros. – disse Nivaldo.

Rodaram pela estrada aproximadamente dois quilômetros, entraram à direita na rua identificada no GPS; duzentos metros à frente viraram à esquerda onde se podia ler: avenida Comendador Lafaiete, destino de Onofre. Nivaldo parou o carro em frente a uma casa de cor verde-claro com destaque em verde-escuro no entorno das janelas e da porta, sobre a qual havia uma placa onde se lia “Clínica Oftalmológica Veja Bem”.

- Não sei como agradecer-lhe, Nivaldo. – disse Onofre.

- Não se preocupe com isto, senhor Onofre. Vou acompanhá-lo até a recepção. – disse ele, estendendo o braço.

Onofre desdobrou a bengala e aceitou o apoio dele.

Chegando à recepção, Onofre percebeu que Nivaldo era conhecido e muito influente por ali, pois as recepcionistas arrumaram suas posturas nas cadeiras e o cumprimentaram chamando-o de Doutor. Ele respondeu aos cumprimentos e disse:

-Cuidem bem dele, apontando para Onofre.

-Sim, senhor! Fique tranquilo, Doutor! – responderam as atendentes.

Nivaldo entrou em uma porta, ficou lá por alguns minutos e ao sair disse:

-Boa sorte, Onofre!

-Bom trabalho, Nivaldo! -respondeu Onofre, utilizando seu nome como se fossem velhos amigos.

Nivaldo voltou para o carro e Onofre ficou aguardando para ser atendido, o que não demorou muito. Não houve questionamento sobre o atraso.

A partir daquele dia, as recepcionistas passaram a ser mais atenciosas com Onofre.

Para evitar que o transtorno se repetisse, e não havendo compromisso de horário, Onofre decidiu voltar para casa, de transporte público.

**JOÃO CARLOS BIAGINI**

## 14 STFs E EU: NÃO SOU TRAIADOR DA PÁTRIA

Vivemos uma época turbulenta e confusa em muitas áreas de nossas vidas, inclusive na área jurídica. Participo dos meios jurídicos desde 1.972. Primeiro como funcionário da Justiça, no cargo de oficial de justiça por 12 anos, e o restante na advocacia. São 46 anos. Em tempo nenhum vi tanta confusão com as ideias das pessoas.

Houve um tsunami de más ideias que confundiram os pensamentos de grande parte das pessoas. As posições pessoais muitas vezes não têm nenhuma lógica, nenhuma coerência. Acabei de ver um vídeo com a demonstração das contradições absurdas hoje existentes, entre elas: querem que os padres se casem, mas que todos os casais se divorciem; querem que os casais tenham sexo livre e residam em casas diferentes, mas também querem que os homossexuais se casem na Igreja e vivam sob o mesmo teto; querem que uma criança de cinco anos escolha o seu sexo para o resto

da vida, desprezando o natural, mas dizem que um jovem armado, que rouba e mata friamente, não tem discernimento para entender o que ele está fazendo; querem que os médicos contrariem o juramento que fizeram de defender a vida e sejam obrigados a matar bebês nos ventres das mães; querem proibir os psicólogos de atender pessoas com problemas sexuais e os ministros do STF querem que os outros cumpram a Constituição, menos eles que são obrigados a cumpri-la.

As decisões contraditórias vindas do STF - Supremo Tribunal Federal estão causando uma infinidade de considerações, discussões sobre as obrigações dos ministros, que são funcionários públicos pagos pelos contribuintes, sobre valor de salários e tantas outras que, em nossa opinião, não deveriam estar acontecendo.

Na vivência jurídica diária, dá a impressão que temos quatorze Supremos Tribunais Federais: cada ministro é um, somando onze; as duas câmaras julgadoras, mais dois, e o Pleno mais um. Um ministro diz que está acima da lei, que não deve obrigação para nenhum brasileiro; outro parece que foi alçado à Corte para introduzir o casamento homossexual e o aborto, tanto que se empenha e se declara com esse propósito, como se fosse advogado das partes. Noticia-se que, recentemente, disse que para descriminalizar o aborto não há necessidade do Legislativo nem do povo. Os ministros se agridem verbalmente diante da televisão, ao vivo, para o mundo inteiro ver e ficar chocado.

Há muitos juristas, muitos advogados, inúmeros brasileiros comuns, religiosos e uma multidão se formando para breicar as violações constitucionais e as decisões em desacordo com as leis, principalmente as que confrontam a Constituição Federal. O povo não suporta mais o prende e solta criminosos e manda prender advogado por expressar a indignação geral contra o STF.

O eminentíssimo e incomparável Doutor Ulysses Guimarães, deputado federal por longo tempo, no célebre discurso pronunciado no dia 5 de outubro de 1988, no ato da promulgação da Constituição Federal, disse:

“A Constituição certamente não é perfeita. Ela própria o confessa, ao admitir a reforma.

Quanto a ela, discordar sim. Descumprir, jamais. Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da Pátria. Conhecemos o caminho maldito: rasgar a Constituição, trancar as portas do Parlamento, garrotear a liberdade, mandar os patriotas para a cadeia, o exílio, o cemitério.

A persistência da Constituição é a sobrevivência da democracia.

Democracia é a vontade da lei, que é plural e igual para todos, e não a do príncipe, que é unipessoal e desigual, para os favorecimentos e os privilégios.

Se a democracia é o governo da lei, não só ao elaborá-la, mas também para cumpri-la, são governo o Executivo e o Legislativo”.

“Traidor da Constituição é traidor da Pátria”. Nenhum brasileiro comum, nenhum membro dos legislativos municipais, estaduais e federais, nenhum integrante do poder executivo, nenhum julgador do poder judiciário, ninguém pode descumprir ou afrontar a Constituição. Na Democracia, somente é possível a elaboração de nova Constituição com a eleição de deputados e senadores constituintes, pelo povo, com a finalidade específica de a escreverem. “A democracia é a vontade da lei.”

Eu não quero ser lembrado como um traidor da Pátria, por omissão. Respeitando a Constituição, promulgada sob a proteção

de Deus, depois da Bíblia é meu livro de leitura diária.

Estou utilizando todas as minhas insignificantes forças para trazer de volta a coerência e a lógica na interpretação dos fatos pelas pessoas, no meu entorno familiar e de amizade, no profissional e até onde mais eu puder chegar.

Em relação à Constituição, quero que seja obedecida, como pensada pelo legislador que me representou e me representa. Mudá-la é competência única dos legisladores eleitos.

Não sou e nem serei lembrado como traidor da Pátria!

## O BOTO COR DE ROSA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ESTUPRO NO STF

A maioria dos brasileiros já tem conhecimento da existência da ADPF – 442 - Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 442-, ajuizada pelo Partido Solidariedade e Liberdade, mais conhecido por PSOL, em tramitação no STF-Supremo Tribunal Federal, destinada a autorizar o homicídio intrauterino, eufemisticamente chamado de interrupção voluntária da gravidez ou descriminalização do aborto. O nascimento da vida humana tem o mesmo ciclo dos demais nascimentos da natureza. Semente

plantada, ovo ou óvulos fecundados. Na data da fecundação inicia-se a vida de uma planta, de um animal ou de um ser humano. A partir da fecundação, podemos matar a vida humana nas fases: inicial, dentro do útero ou intrauterina, de bebê, de criança, pré-adolescência, adolescência, adulta ou velhice. Sempre estaremos matando um ser humano, ou no dizer do artigo 121 do Código Penal, matar alguém.

Na ADPF 442, há muitas entidades e pessoas querendo liberar o homicídio intrauterino, para eliminar os bebês em gestação originados de relações sexuais consentidas. Nessas relações, o homem e mulher a praticam com gozo e alegria, mas, em diversas oportunidades, surge a gravidez inesperada. Não é indesejada porque, se o fosse, o ato sexual seria forçado ou contrário à vontade da mulher, que caracteriza o tipo penal do estupro. No caso do estupro, a lei permite a eliminação do bebê, pela forma ordenada no artigo 128, inciso II, do Código Penal. Embora a lei não permita a aplicação de pena, não deixa de ser um homicídio intrauterino.

Os crimes contra a vida estão capitulados nos artigos 121 e seguintes do Código Penal. Nos artigos 124 e 126, estão previstos os homicídios intrauterinos: cometer em si mesma ou permitir que outro o pratique. Os crimes sexuais estão elencados no Capítulo dos Crimes contra a Liberdade Sexual, onde lemos: Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso; Art. 215. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com alguém, mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação de vontade da vítima. A gravidez somente será possível com a conjunção carnal, obtida pelo agente através de violência, ameaça, fraude ou outro meio que impeça a livre manifestação da vontade da vítima.

Dito isso, vamos às alegações que, em vez de proteger a

menina ou a mulher dos agentes criminosos, em nossa opinião, as coloca diretamente sob a ganância sexual deles, por tempo indeterminado e com a possibilidade da institucionalização do estupro. Dentre tantas premissas e razões infundadas e improvadas presentes na ADPF 442, o Estado do Pará apresenta a ocorrência criminal e a espantosa solução:

“No cenário da Ilha do Marajó (onde situam-se sete dentre os vinte municípios com menor IDH do Brasil), no Baixo Amazonas (região de Santarém), nos garimpos da região dos Carajás e de Itaituba, nos grandes empreendimentos de Altamira, nas fazendas de soja e gado do Sul do Pará e na região metropolitana e central de Belém a violência contra a mulher não possui sequer estatísticas confiáveis, mas é amplamente conhecida e aceita pela cultura local. O corpo da mulher não lhe pertence, servindo apenas para satisfazer a lascívia dos genitores e demais parentes, para os garimpeiros e trabalhadores rurais, para os fazendeiros e para os peões.

A conhecida lenda amazônica do boto cor de rosa que se transforma num belo e elegante jovem nas noites de lua cheia e que conquista e engravida as mulheres, abandonando-as posteriormente, é somente a forma pitoresca que os moradores dessa região se utilizam para validar a lógica do estupro paterno que resulta em gravidez.

Em sua maioria, essas mulheres brancas, negras, pardas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas e/ou pobres são mantidas dentro dessa cultura que seu corpo não lhe pertence, sofrendo as consequências de ser mulher em um mundo ainda rústicamente masculino, convivendo com diversas gravidezes indesejáveis, impossibilitadas de exercerem a opção do abortamento.”

As aberrações jurídicas existentes nas propostas do PSOL,



dos Estados de São Paulo, Pará e das entidades e pessoas a favor da liberação do homicídio intrauterino são, em nosso entender, incomensuráveis. Analisemos o texto do Pará destinado a justificar a descriminalização do aborto ou da interrupção voluntária da gravidez: 1) o baixo IDH, ou seja, o Estado não cumpre sua obrigação de propiciar conhecimento ao povo; 2) em todo o Estado, inclusive no centro da capital Belém, a violência contra a mulher é conhecida, embora sem estatísticas, mostrando que o Estado não cumpre sua obrigação de proteger as vítimas e punir os criminosos; 3) O corpo da mulher não lhe pertence, servindo apenas para satisfazer a lascívia dos genitores e demais parentes, para os garimpeiros e trabalhadores rurais, para os fazendeiros e para os peões, ou seja, o Estado tem conhecimento de todas as violências e de todos os crimes, mas nada faz para punir os criminosos e 4) a lenda do boto cor de rosa é utilizada para validar a lógica do estupro paterno, ou seja, o crime tem autor conhecido que não é punido. O texto termina dizendo que as mulheres do Estado do Pará, diante dos estupros, rotineiros e de conhecimento público, precisam despenalizar os crimes cometidos e aplicar a pena de morte aos nascituros.

Além dos artigos do Código Penal, acima mencionados, a Lei Maria da Penha 11.340, de 7.8.2006, preceitua: Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. § 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

E a Constituição Federal, prescreve: Art. 6º São direitos so-

ciais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

As leis vigentes que protegem as mulheres contra a violência não são aplicadas. Os direitos constitucionais não são garantidos.

O Estado do Pará e todos os demais defensores do homicídio intrauterino deveriam refletir sobre as consequências dessa insana proposta. No caso das mulheres do Pará e de todo o Brasil, temos a convicção de que a descriminalização do aborto ou interrupção voluntária da gravidez resultarão na institucionalização do estupro. Os estupros ocorrerão em massa contra as mulheres, diante da possibilidade de serem forçadas a se dirigir ao SUS e a cometer sucessivos homicídios intrauterinos.

Em nosso entender, a legislação vigente precisa ser cumprida, as mulheres precisam ser protegidas, os criminosos devem ser penalizados e as vidas dos inocentes bebês condenados à morte, futuros brasileirinhos e brasileirinhas, devem ser preservadas.

## ENSINANDO A CORRUPÇÃO PARA OS FILHOS

Algum tempo atrás, eu voltava de Atibaia, uma linda cidade, pela Rodovia Fernão Dias e, tranquilamente, ouvia o rádio. Era um programa evangélico do Pastor Gê, que não conheço nem sei a qual denominação pertence. Mas me chamou a atenção e fiquei ouvindo sua pregação.

O tema era corrupção. Dizia ele que nós ensinamos nossos filhos a serem corruptos. E exemplificava: quando você propõe a

troca de uma bicicleta pelo sucesso no ano letivo, você está corrompendo seu filho. Nós estamos vinculando uma obrigação, a de passar de ano, à única atividade dele a uma venda e compra. Para fazer a obrigação dele, os pais oferecem ao filho uma recompensa ou um suborno.

Trocas simples, como se você não almoçar não ganha chocolate, fazem parte desse processo de corrupção. Na idade adulta, nas relações que o filho tiver com o mundo dos negócios e de todas as atividades que se envolver, desejará sempre ser recompensado de alguma forma para cumprir a sua obrigação. Por exemplo, um comprador de empresa, que recebe salário para executar a sua função, pode passar a exigir uma recompensa do fornecedor de materiais para efetuar a compra dele. O exemplo da moda: um político que exige dinheiro para votar a favor de uma lei, ou para quebrar um galho junto à administração pública.

Diante da colocação do Pastor Gê, passei a refletir sobre o assunto: primeiro, quis saber desde quando há registro na Bíblia sobre a corrupção e, em segundo, quis saber sobre o meu comportamento e o de minha esposa no trato com os 4 filhos.

Na Bíblia, encontrei várias passagens sobre corrupção, desde os primeiros registros: em Êxodo, 23:8 – “Não aceitarás presentes, porque os presentes cegam até os perspicazes e pervertem as palavras dos justos”; em Provérbios, 17:23: O ímpio aceita suborno debaixo do manto, para distorcer o direito”; em Eclesiastes, 7:7: “E isso também é vaidade, que a opressão enlouqueça o sábio e um suborno extravie o coração”; em Isaías, 1:23: “Teus príncipes são rebeldes, companheiros de ladrões, todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes”; em Amós, 5:12: “Eles hostilizam o justo, aceitam suborno e repelem os indigentes à porta”. Há outras passagens que mostram a tendência do ser humano de se adaptar ao mal, mesmo sabendo que irá prejudicar muitos semelhantes.

Na análise sobre o nosso comportamento, meu e de minha esposa, fiquei bastante feliz. Descobri que sempre agimos corretamente. Nunca oferecemos subornos para nossos filhos passarem de ano ou fazerem alguma atividade.

E, curiosamente, nossos filhos sempre reclamavam de nosso comportamento. Diziam que seus amigos e amigas ganhavam coisas de seus pais. Nós dizíamos que era obrigação deles passarem de ano e o progresso deles beneficiaria a eles mesmos, no futuro pessoal e profissional.

Há até uma frase que ficou marcada na família. Às vezes, para forçar a concordância com a intenção deles, diziam para minha esposa que a mãe de “todo mundo” tinha dado algum presente ou permitido alguma atividade desnecessária. Minha esposa perguntava: “Eu sou a mãe de todo mundo? Você é todo mundo?”

Só recentemente, já adultos, eles entenderam e aprovaram nosso comportamento. E ela até recebeu uma caneca de presente, com a frase “Você não é todo mundo”.

---

João Carlos Biagini - Advogado na Advocacia Biagini, Coordenador do Departamento Jurídico da Diocese de Guarulhos, membro do IDVF – Instituto de Defesa da Vida e da Família e seu procurador na ADPF 442-STF, membro da Academia Guarulhense de Letras, diretor secretário da UJUCASP-União de Juristas Católicos de São Paulo, coautor do livro “Imunidades das Instituições Religiosas”, coordenado pelos Profs. Drs. Ives Gandra da Silva Martins e Paulo de Barros Carvalho, Noeses, 2015, autor do livro “Aborto, cristãos e ativismo do STF”, AllPrint, 2017 e coautor do livro “Tratado Brasil Santa Sé”, coordenado pelos Profs. Drs. Ives Gandra da Silva Martins e Paulo de Barros Carvalho, Noeses, 2018. Email: joabiagini@gmail.com



**JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO**

## OITO VEZES SETE: ESSE CARA SOU EU!

Se a memória ainda for minha amiga, foi na segunda série do antigo Grupo Escolar que eu tive acesso à tabuada dos seis aos nove. Nove entre dez alunos enroscavam no resultado de ‘oito vezes sete’; precisava pensar, ainda não era automático. Confesso que eu precisei decorar o número 56.

Anos depois, já adulto, eu ingressei na Ordem Rosacruz – Amor e me tornei estudante de Misticismo. Nessa Escola, um dos primeiros livros que conheci foi “Autodomínio e o Destino com os Ciclos da Vida”. Por meio dessa leitura, eu descobri que a vida é feita de ciclos, e que o aniversário marca o primeiro ciclo individual de 52 dias. A energia espiritual tende a diminuir nos seis períodos seguintes.

Na terça-feira, dia 5, eu completei oito ciclos completos de sete anos. Segundo o livro, nesse tempo recém-concluído, ‘nota-se tendência mais pronunciada para maior retraimento das ambições pessoais ou egoístas, acompanhado de redução gradual da vitalidade e das façanhas físicas, porém compensada por grande harmonia de natureza mental e psíquica’.

Aniversário natalício é ótima oportunidade para pensamentos sobre o nosso papel aqui no plano físico. Nos últimos dias, eu fiz importante análise sobre o que foi realizado e, também, o que ainda está por vir. Como eu resumiria a minha vida em frase única, como se fosse um lema? Tarefa difícil. Até que a amiga Rosmari Ghellery, talvez inspirada por seu aniversário natalício no dia 4, ofereceu-me esta pérola: “semeador de bons pensamentos e reflexões”. Gostei! Muito obrigado.

Para fazer valer a adjetivação, eu vou compartilhar o que eu entendi desta rápida passagem por aqui. Faça aos outros o bem que você gostaria de receber, aquilo que nos acontece não é tão importante quanto a nossa reação ao fato, a boca fala somente do que está cheio o nosso coração, o elogio sincero só é possível quando o autor tem dentro de si as virtudes que admira em outrem, o sorriso é o melhor cartão de visita.

Gratidão aos meus pais e irmãos, que me permitiram esse rico aprendizado. Dividir o pão de cada dia, já a partir da primeira infância, somente me ensinou o real valor da instituição cujo sagrado nome é Família – onde, aliás, devem reinar absolutos o Amor e a Harmonia.

Começa agora novo e promissor ciclo...

## OS BONS HÁBITOS EDIFICAM O CARÁTER

Qual é o oposto da palavra amor? Essa pergunta tem ensejado respostas como desamor ou ódio. Curiosamente, o vocábulo que melhor expressa a completa ausência de amor é... egoísmo. Amar é tratar com caridade a outra pessoa, conforme nós gostaríamos de ser tratados; é doar-se integralmente; proporcionar alegria e contentamento a outrem. O egoísta, por sua vez, não encontra tempo para dedicar-se a quem está a sua volta; ele é o próximo de si mesmo.

Foi no final de 2015 que eu tive a felicidade de iniciar a doação habitual de sangue. Três a quatro vezes por ano, eu me dirijo ao banco da cidade para doar 400 mililitros de vida. Esse precioso e vital líquido não pode ser fabricado pelo homem; trata-se de Obra de Deus.

Cada bolsa pode salvar até quatro vidas. Esta é a retribuição pelo muito que nós recebemos do Criador, a começar pela saúde física.

Desde então, eu tenho colhido os bons frutos desse simples gesto. Afirma-se que, a cada sete anos, a renovação celular faz de nós um ser novinho em folha. Se os nossos pensamentos, palavras e ações tiverem como objetivo o bem-comum, nada mais natural do que observarmos a pele ficar mais jovial, deixando em segundo plano a idade cronológica. O número de rugas será inversamente proporcional aos gestos nobres em favor do nosso semelhante.

A recompensa pelo gesto foi imediata. Há poucas semanas, o amigo Marcel me presenteou com exemplar do livro “O Amigo Jesus”, de José Carlos De Lucca. Em quatro dias, a obra já estava lida e assimilada. Aliás, esse é um dos melhores livros que eu já tive a oportunidade de ler e reler. De Lucca consegue, a partir de passagens bíblicas, nos convencer de que o nosso Verdadeiro e Maior Amigo é o Mestre Jesus Cristo; que nos momentos agudos, quando a cruz fica mais pesada, é Ele quem se aproxima de nós e nos abraça – calorosa, fraternal e afetuosamente.

Para quem ainda não adquiriu o hábito da leitura, cabe-me apresentar esta singela sugestão: leia 15 páginas diárias de um livro inspirador; ao final de um ano, você terá lido 5.400 páginas - cerca de 30 livros. Ler significa ver com atenção.

Três hábitos que elevam o nosso espírito e nos conduzem à Felicidade Interior: a doação, a leitura positiva e... a Gratidão – a maior de todas as virtudes, irmã-gêmea da Humildade!

## O ARGENTINO EUGÊNIO E TRANSITORIEDADE DA VIDA

Ricardo Eugênio Boechat (1952-2019) - jornalista argentino que adotou o Brasil como sua Pátria – concluiu a missão terrena na segunda-feira, dia 11. Voou de helicóptero de Campinas (SP), onde palestrou para três mil pessoas, com destino à imortalidade. Eugênio foi gênio na profissão que abraçou, e demonstrou amor pelo público como poucos o fizeram até aqui.

Diante de mais este lamentável episódio no início de um ano

repleto de notícias estressantes, Boechat se tornou o mais recente mestre terreno que doa a sua vida a fim de nos ensinar importante lição. A sua partida no retorno à Casa, morada futura de todos nós, nos ensina como é transitória a nossa vida neste singelo planeta da Via Láctea. A regra é clara, mas a sua compreensão depende da força espiritual de cada um.

“Toca o barco”, dizia Boechat nas manhãs da rádio Band-News. “Navegar é preciso, viver não é preciso”, preconizava o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935). É verdade. A vida não obedece à precisão dos cálculos matemáticos fundamentais para a arte da navegação pelos mares. Viver é aceitar tacitamente o imponderável, campo no qual a única certeza possível é que as situações sofrerão mudanças. Algumas delas, extremamente dolorosas.

A transitoriedade da Vida indica que nós estamos aqui agora, mas nada garante a nossa presença física no instante seguinte. É tão óbvio que ainda me causa surpresa perceber pessoas a minha volta que se apegam a este plano como se fossem viver para sempre. O apego, de qualquer natureza, é destruidor da Luz Divina, pois as três últimas letras da palavra são ‘e-g-o’. Quem só pensa em si jamais poderá ser feliz, visto que a Alegria Verdadeira jamais será conquistada individualmente. Foi o que nos ensinou Jesus, o Cristo, quando disse “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles” (Mateus 18:20). Teria o Mestre se referido também à Família?

Boechat vive. E viverá para sempre na memória daqueles que reconheciam o seu talento de encantar as pessoas. A sua matéria-prima era a comunicação eficaz, usando palavras de sabedoria que continham por vezes a acidez da crítica. Porém, ele sempre acalentou em seu nobre coração o desejo de ver edificada a Nação justa e perfeita com a qual todos nós sonhamos. E toca o barco.

## PERDOAI-NOS, PAI; AINDA UMA VEZ.

A melhor maneira de aprendizado ocorre com os erros... dos outros. Ao observarmos o tropeço alheio, nós descobrimos qual



caminho não devemos seguir. Machuca menos, portanto. Ainda assim, quando se flagra eventual erro em nossa própria conduta, nós poderemos extrair, no mínimo, importante certeza do que deve ser evitado na próxima oportunidade.

Mas, o que dizer da barragem que continha 10 milhões de metros cúbicos de rejeitos, rompida em 25/1 e que ceifou muitas vidas em Brumadinho (MG)? O desastre da também mineira cidade de Mariana, no final de 2015, foi insuficiente para evitar o mais recente desastre causado pelo homem? Como explicar tamanho grau de negligência e falta de amor pela vida e pela natureza? Estas perguntas têm respostas razoáveis? Certamente, NÃO! Apenas a ganância, característica exclusivamente humana, pode nos exibir o porquê desse novo mar de lama.

Jesus, o Cristo, no momento máximo de sua dor física, encontrou forças infinitamente superiores às humanas para rogar ao Pai que nos perdoasse – pois, como crianças absolutamente incapazes de discernir o certo do errado, - nós não sabíamos o que estávamos fazendo. Terminou assim transcendental trajetória de Vida que pregou, por meio de palavras e de exemplos, o óbvio: devemos ser bons uns para com os outros.

Naquele tempo, segundo dados não oficiais, havia na Terra cerca de 300 milhões de pessoas. Hoje, nós somos mais de 7,5 bilhões de seres humanos; crescemos em número, mas não evoluímos espiritualmente na mesma proporção. A luta pela sobrevivência em um mundo eminentemente material – no qual se compra o supérfluo, com o dinheiro que ainda não existe, a fim de impressionar pessoas pelas quais nem sempre nutrimos apreço. Somente essa tese pode elucidar o ambiente escuro em meio ao qual nós estamos completamente envolvidos.

Dois mil e dezenove anos depois do nascimento do Messias, chegou a hora de nós pedirmos ao Pai: Perdoai-nos novamente, Senhor; afinal, nós não sabemos por que fazemos o que fazemos. A proposital redundância deve-se à reincidência nos sucessivos erros. O nosso modelo de sociedade rompeu-se junto com a barragem, faliu vergonhosamente. Quatro séculos antes do Redentor, o pensador chinês Confúcio disse: “O homem que comete um erro e não o corrige está cometendo outro erro.”

## CASAS ANDRÉ LUIZ, 70 ANOS DE AMOR.

Ouviram do Picanço as terras plácidas, de crianças heróicas o riso contagiante. E o Sol da liberdade brilha na alameda<sup>1</sup> e na Pátria Espiritual a todo instante.

Esses versos adaptados, de autoria original de Joaquim Osório Duque Estrada e amorosamente emprestados do Hino Nacional Brasileiro, servem para homenagear importante Obra Social que completa 70 anos no dia 28: as Casas André Luiz. Por uma década, eu tive a felicidade de viver o cotidiano da Instituição. Pude igualmente conviver com as centenas de crianças que adotaram a Instituição como o seu Lar no Planeta. Em corpos físicos por vezes debilitados e com a mente pura, próxima a Deus, irmãos e irmãs nossos estão lá, ávidos por um abraço fraterno, por olhares de simpatia e gestos caridosos.

O meu primeiro contato com as Casas ocorreu em 1982, quando o grupamento do Tiro de Guerra que eu integrava fez visita surpresa às crianças no dia 12/10. Fiquei encantado e muito emocionado. Vinte e cinco anos se passaram... A Rádio Boa Nova precisou dos meus préstimos como jornalista. Começou ali importante convivência com as crianças. Destaque para a amizade desenvolvida com Rodrigo Araújo e José Roberto Bueno (in memoriam). Gratidão plena.

A situação ficou mais séria em 2009, quando me tornei o assessor de imprensa das Casas e, como tal, recebi a incumbência de atuar como mestre de cerimônias nas comemorações dos 60 anos de sua fundação. Divaldo Pereira Franco, então na faixa dos 80 anos, foi o palestrante e deu seu show habitual. “Por quanto tempo mais eu vou permanecer na Terra?”, indagou o médium. Divaldo ainda nos brinda com a sua presença física, ostentando crescente vitalidade.

Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece. Na condição de eterno aprendiz, eu colecionei incontáveis lições de Vida

---

<sup>1</sup> Alameda é o espaço onde as crianças das Casas André Luiz andam livremente.

nas Casas André Luiz, especialmente com as crianças. A espontaneidade com a qual elas tratam os cuidadores e visitantes serve de estímulo para que eu procure, dia após dia, melhorar a minha conduta. Penso que a maior lição assimilada naquele lugar abençoado foi que o sorriso deve vir de dentro; não nasce na boca, portanto, mas no coração de quem o exhibe. Quem tiver paz de espírito que retribua a atitude, e faça disso um hábito por toda a Eternidade. Assim seja!

## NOÇÕES DE CIDADANIA, SEGUNDO ANNA WELBA.

Nos últimos tempos, tornou-se recorrente o imperativo “Preste atenção”. Ninguém jamais saberá quem foi a primeira pessoa que usou essa forte expressão, mas é certo que essas duas palavras encerram importante lição de Vida. Lembro-me da época da escola em que algum eventual erro tolo recebia do professor sábia reprimenda por escrito: “Falta de atenção”. Por conta disso, eu passei a reler as minhas respostas em cada prova que fiz. Por conseguinte, as notas aumentaram em idêntica proporção.

Todo início de ano, o meu coração aperta de saudade dos tempos dos bancos escolares. As incertezas de uma nova turma e os mestres ainda desconhecidos chegavam a causar ansiedade do tipo ‘frio na barriga’. Sempre gostei de estudar. Há tempos, a dedicação ao meu filho tem sido fator de alegria e de plena ocupação das minhas melhores horas familiares. Matheus tem 15 anos e passou para o Ensino Médio em 2019. Estudar ao lado dele tem renovado as minhas energias.

Muitos professores me impactaram positivamente e me auxiliaram na edificação do meu caráter. Existe, porém, uma ‘mestra’ que me ensinou a ser bom cidadão. Anna Welba lecionou matemática, mas as suas aulas eram repletas de ricos momentos de cidadania. O ano era 1977. Eu estava concluindo o antigo ginásio na EE Homero Rubens de Sá, em vila Galvão. A professora fazia

questão de memorizar o nome de cada um de seus pupilos. “Zé Augusto, atenção!”, ouvi dela várias vezes.

Outra lição fundamental do Código de Vida de Anna Welba dizia respeito à limpeza. A professora fazia questão de que o piso estivesse completamente limpo, sem um cisco sequer. Ninguém ousava deixar um papel de bala decorando o chão da sala, sob o risco de perder precioso ponto. Este ensinamento jamais abandonou a minha memória...

No domingo, dia 13, eu visitei determinado ponto turístico no interior do Estado. Latas, garrafas, papéis e cascas de frutas estavam por toda parte, a poucos metros de uma grande lixeira. Em homenagem à professora Anna, eu peguei um saco plástico (também descartado) e recolhi tudo que encontrei aos meus pés. A lixeira ficou totalmente cheia; o local, absolutamente limpo. No meu coração, eu mantenho a pueril esperança de ter conquistado ao menos um ponto positivo para este bimestre. Gratidão, professora!

## ‘SAÚDE E PAZ! O RESTO, A GENTE CONQUISTA’.

Verde, siga; amarelo, atenção; vermelho, pare. Essas informações básicas que disciplinam a boa conduta no trânsito são conhecidas por todo o mundo. Eu visito com frequência duas cidades do interior paulista, Serra Negra e Piratininga, nas quais não há sequer um semáforo. Por outro lado, existem vários em Vila Galvão. Somente para deixar a minha morada e rumar para a zona Norte da Capital, eu preciso superar cinco faróis.

No dia 21/12, ao transitar pela rua Sete de Setembro, eu observei acender a luz amarela; imediatamente, desacelerei o carro até zerar a velocidade. Ato contínuo, uma jovem senhora, com o seu filho no colo, veio ao meu encontro. Ela vive do auxílio generoso dos motoristas que param diante da faixa de pedestres.

Na ocasião, porém, aquela mulher foi minha professora na Escola da Vida. Ao ouvir dela a solicitação de uma moeda, eu percebi estar sem condições de atendê-la. “Não tem problema”, ela se adiantou. E emendou: “Neste período de festas, eu desejo ao senhor e a sua família ‘Saúde e Paz’, porque o resto a gente conquista”. Eu agradei os sinceros votos e os retribuí. O sinal abriu.

Aquelas palavras, porém, ficaram ecoando na minha mente. Foi quando concluí que o maior mérito da mensagem residia na situação vivida por quem a pronunciou. Lição 1) Não haveria novidade se as nobres palavras houvessem sido emitidas por alguém com sucesso material, cuja profissão lhe proporciona o sustento físico e também a realização de seus objetivos; e Lição 2) Saúde e Paz são valores imensuráveis, que exigem do seu beneficiário considerável empenho, e ainda dependem de fatores externos a viabilizá-los. Pode-se trabalhar por toda a existência terrena, sem que esses bens tão preciosos sejam alcançados.

‘O resto’, como ensinou a nossa irmã, conquista-se cultivando a empatia – que é a possibilidade de se enxergar na situação do próximo. Nas viradas de ano, costuma-se fazer planos; eu também tenho os meus para 2020: abraçar mais e enviar menos mensagens virtuais; interagir com as pessoas, em especial aquelas que eu ainda não conhecia (o aprendizado é imenso); ser generoso ao sorrir e melhorar o dia de quem eu encontrar pelo caminho; e, por fim, respeitar o verde da esperança, especialmente quando estiver dentro do coração de uma pessoa sábia e humilde.

## AS BOAS IDEIAS DEVEM SER COMPARTILHADAS

Sempre que eu fui agraciado por Deus com uma boa ideia, a minha consciência me disse: ‘se você não colocá-la em prática, de nada valerá essa Luz’. Passado algum tempo sem ação efetiva de minha parte, surgia alguém com a mesma ideia; com a diferença de que a pessoa em questão avançou, colocando em ação o que

estava no campo mental. Em outras palavras, eu creio que os ‘insights’ circulem entre as mentes que estão na mesma frequência.

O que distingue as pessoas ricas em intuições daquelas que são criativas, é que estas põem literalmente a mão na massa. O inventor da lâmpada elétrica, o norte-americano Thomas Alva Edison (1847-1931), dizia que “a genialidade corresponde a 1% de inspiração e a 99% de transpiração”.

No dia 6/11, eu tive a oportunidade de conhecer o Book Truck, da VR Projetos Culturais e Sociais, no CEU Cumbica. Trata-se de furgão que percorre as cidades brasileiras para disseminar conhecimento por meio do contato das crianças com a comunicação. No interior do veículo encontra-se uma bela e climatizada sala de leitura, cujo acervo alcança cerca de oitocentos títulos – inclusive em Braille. Na área externa, é montado espaço de convivência, onde ocorrem atividades lúdicas. Naquela apresentação, a bibliotecária e contadora de histórias Catia Lindemã deu verdadeiro show de interpretação e de animação do público de todas as idades.

Que ideia genial! Por que não colocá-la em prática em nossa cidade, tornando itinerante a iniciativa nos mais diversos espaços de Guarulhos? Aceito adesões de quem deseja sair da teoria e invadir o campo da proatividade. Sozinhos, nós podemos ir mais rapidamente; mas juntos, além da agradável companhia, nós podemos ir muito mais longe.

**JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO**

## CRÔNICA <sup>1</sup>

### RUÍDOS

Às vezes surgem ruídos no carro que são difíceis de ser identificados. Tanto suas origens, quanto o que podem representar. Mesmo para motoristas experientes. E muitos desses ruídos significam algum tipo de defeito.

Aquela máxima “uma coisa leva a outra” deve ser lembrada nesses casos, pois um defeito não eliminado costuma produzir mais. Isso, porque peças e componentes de uma máquina trabalham em conjunto, sendo interdependentes em relação ao sistema ao qual pertencem.

De uns dias para cá, o carro de Pécias estava emitindo um ronco. Por causa de uma intercorrência na semana passada, suspeitou-se que fosse um problema no câmbio.

---

<sup>1</sup> JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito - Crônicas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

Tudo começou devido à ineficiência da embreagem, decorrente de um grande desgaste do disco. Disco é um dos componentes da embreagem, a qual tem mais o platô e o rolamento. O veículo quase não andava mais. O motor dava muitos giros, mas pouco era transmitido para a tração das rodas.

Por isso, Pécias telefonou a um mecânico. E este o orientou (ou o desorientou?) a jogar um pouco d'água no orifício que há entre o motor e o câmbio, cujo propósito era o de atingir-se a embreagem para aumentar a aderência entre o disco e o platô, a fim de que o carro pudesse chegar à oficina.

Porém, o veículo de Pécias não tinha tal orifício para a embreagem, e sim para o câmbio. Desse modo, a água jogada foi direto para o compartimento de óleo. Este erro, só depois, fora corrigido pelo mecânico, quando fez a troca da embreagem.

Mas foi daí que veio a desconfiança de Pécias quanto à origem do ruído. Por causa da água, que por um tempo ficou misturada ao óleo dentro do cárter, pensou que houvesse alguma avaria no câmbio. Até que, ao retornar à oficina, dessa vez de outro mecânico, ficou sabendo que o problema do ronco tinha outra origem.

Um rolamento de roda traseira estava com jogo muito grande. Ao ponto de quebrar-se, se não fosse imediatamente trocado. E a consequência seria um travamento ou um desprendimento da roda, que, provavelmente, ocasionaria um gravíssimo acidente.

Com esta experiência, Pécias chegou a uma conclusão. A de que, diante de ruídos diferentes dos que fazem parte do funcionamento normal do veículo, o melhor não é andar assim mesmo para, com o tempo, tentar-se descobrir o que é. Mas, sim, recolher o carro, conforme o que se esteja suspeitando, e levá-lo à oficina correspondente — mecânica, elétrica, funilaria etc. — para a solução. Pois, o melhor ruído, às vezes, é exatamente aquele que não existe.



## POEMAS

UM TRÂNSITO QUE PRESERVA<sup>2</sup>

I - mu - ta - bi - li - da - de !  
É possível? Existe algo que não muda?  
Sim! Exatamente, a própria mudança!  
Só ela é permanente.

Pois tudo muda, tudo transita.  
Muito ou pouco, rápido ou devagar.  
Direta ou indiretamente a vida depende do trânsito.  
Sem trânsito, sem vida.  
Com trânsito bom, vida melhor.

Há o trânsito de substâncias e impulsos em nosso corpo.  
Há o trânsito de recursos que chegam onde estamos,  
por meio de veículos, como:  
tubos, cabos, fios, ondas invisíveis,  
carros, trens, barcos, aeronaves et cetera.  
Há o trânsito de gente. O nosso ir e vir.  
E nesse, como condutor, pedestre ou passageiro,  
nos transportamos a toda parte,  
cada qual com seu propósito.

Por isso que a educação de trânsito é essencial;  
faz parte da vida  
e deve formar a nossa consciência,  
para que o nosso comportamento  
seja coerente, lícito, seguro,  
a fim de que em todas as vias  
todas as vidas, quanto possível,  
sejam preservadas.

---

<sup>2</sup> JERÔNIMO, J.R. *Via e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

CALÇADAS, BEM CALÇADAS. <sup>2</sup>

Mais calçadas são precisas  
nas vias de todo lugar.  
As que faltam, indevidas,  
prejudicam o caminhar.

Em vez de carro, ônibus, trem,  
muitos gostariam de ir a pé  
se mais calçadas existissem,  
andariam quilômetros, até.

Além da quantidade  
de calçadas necessárias,  
é preciso qualidade  
pra não serem tão precárias.

Fazer calçada boa não é difícil,  
basta que se queira pensar antes:  
que nela deverão passar fácil  
usuários idosos e cadeirantes.

ISTO É UMA GRAVAÇÃO <sup>2</sup>

Alô, alô, quem fala?  
Isto é uma gravação,  
porque estou dirigindo,  
celular, agora não.

Peço tua compreensão;  
tão logo estacionar,  
te ligo em retorno,  
pra gente então falar.

---

<sup>2</sup> JERÔNIMO, J.R. *Via e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

Não uso o celular  
se dirigindo estou,  
não porque é proibido,  
mas porque prudente sou.

Dirigir é importante,  
requer toda atenção,  
focalize esse ato,  
elimine a distração.

Espalhe a boa ideia  
pra todo mundo ser  
mais ligado ao volante  
e assim se proteger.

Isto é uma gravação,  
logo mais te ligo,  
espere só um pouco,  
pois agora eu sigo.

### SOLSTÍCIOS <sup>3</sup>

Alguns dias escurecem  
certo tempo mais que outros.  
Inda bem que não são muitos,  
todavia, nem são poucos.  
É que o eixo vertical,  
que na Terra é normal,  
possui uma inclinação,  
que muda a quantidade  
da luz do sol que invade,  
conforme a translação.

---

3. Época do ano em que o Sol, em seu movimento aparente no céu, está mais afastado do equador, o que ocorre em 21 ou 23 de junho (solstício de inverno no hemisfério sul, e de verão no hemisfério norte) e em 21 e 23 de dezembro (solstício de verão no hemisfério sul, e de inverno no hemisfério norte).

<http://www.aulete.com.br/solsticio>

Dia vinte e um de junho  
é solstício de inverno.  
É um dia tão escuro,  
quanto duro é o aderno.  
Nele o sol nasce mais tarde  
e por pouco tempo arde,  
despedindo-se mais cedo.  
Inaugura uma estação  
d'outro lado do verão,  
com seus típicos folguedos.

Para trás ficou o outono  
abstraindo suas folhas.  
Para frente a primavera  
a brindar novas escolhas.  
Tendo estas estações  
entre invernos e verões  
dias claros medianos.  
Nem pouquinho nem bastante,  
razoável, radiante,  
mantendo os seus planos.

E depois vêm tempos claros  
com o solstício de verão.  
Dia vinte e um, dezembro,  
co'a maior insolação.  
Pois o sol nasce mais cedo  
e mais tarde faz arredo  
clareando muito o dia.  
Cada ano é desse jeito,  
cada passo é perfeito  
no balé da astronomia.

## SUA MARCA

Seja o que for que faça  
ponha sua qualidade,  
deixando clara a marca  
de que tem capacidade.

Qualquer atitude sua,  
postura, comportamento,  
querendo ou não, você,  
serve sempre de exemplo.

Em ambiente caótico,  
digamos, doente,  
precisamos de muitos mais  
indivíduos sãos,  
alheios à correria,  
à precipitação  
e à inconstância;  
gente de paz, sabedoria,  
de seriedade e coerência.

Que sua marca assim seja,  
só do bem e do plausível;  
que ela contenha a beleza  
das virtudes do apazível.

## UM ERA PRETO, O OUTRO, AMARELO.

Um era preto, o outro, amarelo.  
Um fazia peripécias que  
o outro não fazia de jeito nenhum.  
Ambos nos alegraram,  
ambos nos conquistaram;  
nos deram trabalho também,  
e alguns aborrecimentos, além,  
mas quem não dá?

Um, logo de pequeno,  
já sabia sentar-se e cumprimentar,  
deitar, rolar e em pé ficar.  
O outro demorou a aprender,  
porém, com o tempo,  
destas coisas, só não deitava e rolava;  
inclusive, ia pra casinha  
ao ser solicitado,  
e aquele um, fazia o mesmo.

Agora, objetos que a gente atirava,  
os dois não buscavam.  
Quando saíamos a passear,  
ao ser solto da coleira,  
um desembestava a correr pra todo lado,  
quase a perder-se nos caminhos  
e nas trilhas do mato.  
Já o outro, ah, o outro,  
era igual.

Então a gente chamava,  
ia atrás e bronqueava,  
de imediato, voltávamos para casa,  
pra ver se aprendiam a lição.  
Mas, nada.  
Na próxima vez, repetiam a confusão.

Um se chamava Neguinho,  
o outro, Franjinha.  
Um viveu doze anos,  
o outro, chegou a quatro.  
Os dois nos alegraram.

Um, quando resolveu partir,  
foi depressa,  
talvez porque tenha ficado mais tempo.  
O outro, foi lentamente,  
e mais sofrido,  
talvez porque tenha ficado tempo de menos.

Não chegaram a se conhecer,  
nem sei se isso acontecerá.  
Penso que tenho que fazer  
o melhor que posso nesta vida,  
para melhorar espiritualmente,  
para ser digno da amizade deles,  
onde quer que estejam,  
no céu dos cachorros.

Um era preto,  
o outro, amarelo.  
Ambos coloriram  
o viver em nossa família,  
quando por aqui passaram.

## FRASES <sup>4</sup>

O livro que foi escrito para promover a mudança necessária, se lido pelo que tem a capacidade de realizá-la, é o livro perfeito.

A maior parte das limitações que temos resulta da dedicação que não demos.

Sua iniciativa hoje pode gerar amanhã um você mais contente e agradecido de si mesmo.

Para ter-se uma cidade limpa, não é preciso um batalhão de garis, mas um esquadrão de bons pais e professores; a falta de educação é a maior imundície.

Mais se aprecia a arte, a estética e o trabalho bem feito, quanto mais se tiver a beleza do entendimento.

Reduziremos as injustiças à medida que aumentarmos o nível de consciência, suprimindo a ganância e os fisiologismos, pelo mérito do trabalho e da honestidade.

---

<sup>4</sup> JERÔNIMO, J.R. *As Mil Frases de J.R.Jerônimo*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.



**LINEU ROQUE ACEIRO**

## NOS TRILHOS DA CANTAREIRA

Assim como ainda hoje acontece, já em 1890 a falta de água assolava a capital paulistana. Os dirigentes então puseram os olhos sobre a grandeza florestal da Serra da Cantareira, lugar onde brotavam os mananciais daquela extensa e verdejante cadeia de montanhas. E para lá iriam...

Mas como levar até aquelas alturas o material necessário para a edificação de tão vultosa obra hídrica? Não havia na época outra condução senão carroças, carretões, lombos de burros, carros de boi. Resultaria num trabalho cansativo, demorado, difícil de suportá-lo pacientemente, sem queixumes, revoltas, incômodos.

Para essa empresa foi construída a Via Férrea que se estendia até a estação Cantareira, numa extensão total de 12,53 quilômetros, partindo da parada inicial zero, Tamanduateí. As locomotivas a vapor passaram a transportar todo o material necessário para a execução da represa, bem como equipamentos e levas de

trabalhadores braçais. Nesse tempo, ano de 1894, a ferrovia funcionava normalmente, deslizando sobre a bitola 16, momento em que se criaram os trens de fim de semana.

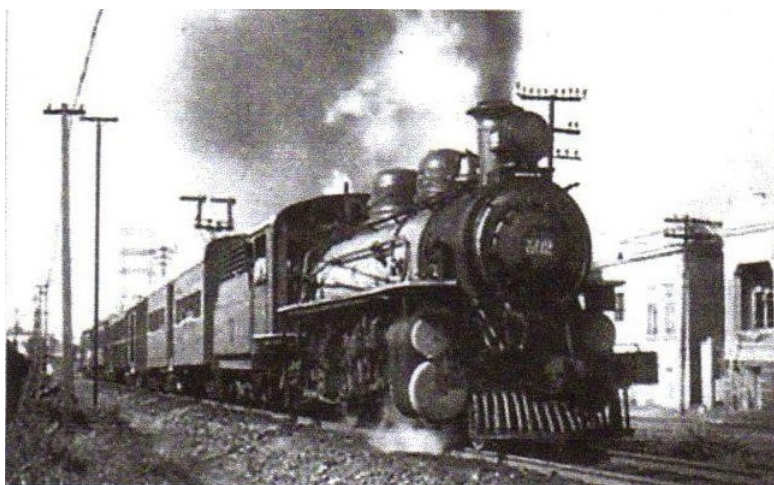
Na São Paulo daquele tempo, era grave o problema da mendicância, abandono de menores, doentes enfim; prejudicando a população mais carente. As autoridades paulistanas, sensíveis ao problema, manifestaram-se favoravelmente e o resultado foi a compra, em Jaçanã, da propriedade do Dr. Chiquinho Rabello – feita pela Santa Casa. A consequência benéfica para todos daquela região foi a construção do Ramal Terminal Cantareira, em 1902, até a Guapira (Jaçanã), para servir a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, naquele bairro construída, bem como o recém-instalado Hospital dos Lázaros.

“O que denominamos progresso é a substituição de um aborrecimento por outro”. São Paulo insistia em não parar de crescer e, com a chegada dos bravos imigrantes, as comportas da Cantareira já eram insuficientes para abastecer a grande e progressiva capital. O que disseram os estudiosos da época: “Vamos então estender a via férrea até Vila Galvão, Guarulhos, para assim, captar as cristalinas águas do bairro do Cabuçu”.

Em 1912, é iniciada a construção do Ramal Guarulhos, que partia da estação Areal, posicionada na Avenida Cruzeiro do Sul com Ataliba Leonel em Santana. Nunca esquecidas, as locomotivas percorriam bucolicamente 24,97 quilômetros de ferrovia e vaporosas paravam em treze estações muito bem acabadas, assim distribuídas: Tamanduateí, Carandiru, Vila Paulicéia, Parada Inglesa, Tucuruvi, Vila Mazzei, Jaçanã, Vila Galvão (12,50K), Torres Tibagi, Gopoúva, Vila Augusta, Guarulhos e Terminal dos Militares, denominada “Cumbica”, única que se resguardou com vigilância.



Fachada atual da Estação Cumbica



Trem da Cantareira

A companhia inglesa Tramway foi incorporada pela Estrada de Ferro Sorocabana em 31 de março de 1942, visando com essa atitude um melhor atendimento dos serviços públicos, assim como se processou o alargamento da bitola férrea de 60 cm para

um metro, sem que, entretanto, pudesse se evitar o que há tempos alertava a população e representantes da comunidade: o grande perigo do descarrilamento de comboios, devido à superlotação das composições, fato que realmente veio a acontecer em 25 de março de 1944. Nesse fatídico dia, apesar de sábado bonito e ensolarado, a máquina 18 puxava 9 vagões apinhados de gente, além de um vagão de bagagens, momento em que a locomotiva saiu dos trilhos entre as estações de Tucuruvi e Vila Mazzei. No dia seguinte, logo às primeiras horas, lia-se estampados nas primeiras páginas: “Trinta e três mortos no desastre da Cantareira; feridas aproximadamente oitenta pessoas”.

Ainda assim, a velha e extinta Maria Fumaça nos ofereceu muito mais alegrias, somados a momentos encantadores, do que tristezas como a que, constrangido, acabo de narrar. Porém, faz parte da nossa história, da história da Zona Norte – dos avelhados vagões da Sorocabana e parte da vida da Guarulhos de antigamente. O advogado e político Heitor Maurício de Oliveira, quando aluno da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, fez uso desse transporte coletivo inesquecível, que tanto progresso trouxe para nossa cidade...

Não bastasse tudo isso – quantas amigas efusivas desfrutou-se naquelas viagens matinais, quantos flertes, namoros e casamentos duradouros tiveram início no vai e vem diário da locomotiva fumarenta. Papai guardou, durante anos, um terno de casimira riscado muito elegante e bem cortado, do seu tempo de mocidade na década de trinta. Bem perto da lapela, ao lado de um “boton” chique colocado, via-se um buraquinho queimado – lembrança das fagulhas lançadas pela máquina à lenha que fazia andar o trem.

Finalmente, em 1945, alargada a bitola da ferrovia, foram colocadas locomotivas mais possantes, carros de passageiros maiores, mais confortáveis, com poltronas almofadadas e outras benfeitorias cujo material aplicado era todo oriundo da Cia. Sorocabana – essa mesma empresa que em 1954 estendeu a malha fer-

roviária do Ramal-Guarulhos até a Base Aérea de Cumbica, num total de 4 quilômetros, para servir aos soldados e militares daquele comando.

Nos moradores daquele tempo, ficaram marcas profundas de nostalgia, lembranças que não morrem, dos convescotes e bailes animadíssimos realizados no Horto Florestal e nos salões do exuberante Parque Balneário de Vila Galvão.

Tudo isso acabou: “O tramway da Cantareira nasceu para o progresso de São Paulo, o mesmo progresso que o fez desaparecer”. As locomotivas a diesel GE-Cooper Bessemer foram colocadas no lugar das “Vapoeiras”, o que praticamente acabou com o romantismo do resfolegante trem da Cantareira. O que fazer agora com aquele pessoal alegre, gente ordeira, animada, educada, e com as dezesseis estações solitárias esquecidas ao relento, aguardando a demolição? Ainda podia se ver bilhetes de passagens picadas espalhadas pelo chão dos pátios vazios. A invernoada decadente agoniza e morre esquecida no bairro do Tremembé.

Já não se ouvem mais os apitos chorosos, nem se sente aquele cheiro atraente da lenha queimada que saía de suas chaminés fumegantes. O fim, todos temiam, estava próximo!

A derradeira e melancólica viagem de São Paulo aconteceu em 15 de novembro de 1964. Em Guarulhos, o antigo transporte, então considerado deficitário, partiu da Estação Galvão no dia 31 de maio de 1965.

Apressado, ofegante, chegou o apaixonado chefe de estação e de trem, dizendo, emotivo: “Que pena! As pessoas se sentavam no mesmo vagão, no mesmo lugar e, nas estações seguintes a caminho de São Paulo, se sabia quem ia entrar e onde ia sentar. Havia respeito e a educação era muito mais refinada”. (Waldemar Villanova).

Uma desconsolada faixa foi colocada na frente da locomotiva: “Adeus, Cantareira, adeus, nunca mais ouvirei os apitos teus”.

## BENDITA ÁGUA

A água sacia, purifica, lubrifica...

O seu burburinho repousante nas matas virgens, no ribeiro dos campos, no encontro das pedras, na música triste das chuvas incessantes, no silêncio, na biquinha jorrando.

Se eu tivesse que escolher em toda natureza uma divindade para cultuar, escolheria a água. Tenho por esse elemento natural a mais comovida adoração. Nada existe na terra de mais generoso e humilde.

Quando ando pelos campos, ao encontrá-la nos caminhos, eu já fatigado sorrio agradecido. Ela me umedece a garganta ressequida, me restaura as forças, me banha o rosto suado e, se é um riacho, lava-me os pés, cantando sempre. Toldam-na os que a utilizam, e ela de novo se purifica rolando nos cascalhos lisos...

Ela revigora, em suma, o homem para o trabalho, rega as árvores que lhe dão o fruto, e lava, na sua caridade, os feridos mais repugnantes.

Vai rolando, fazendo o bem, e vai cantando alegre. Esse quadro nostálgico, vivenciamos anos passados nas águas límpidas do antigo Rio Cabuçu – que trazia além do frescor e muitos peixes, frutas maduras que caíam das árvores quando ventava forte.

Por tudo isso, bendita sejas, irmã água!!!

## BELAS COISAS NOS CIRCUNDAM!

Conta-se uma velha história paulista de um instrutor religioso que todas as manhãs, lindas manhãs, falava em palestras aos seus discípulos. Numa dessas manhãs alegres, o homem, subindo ao palanque, e quando ministrava, justamente na hora em que ia iniciar a falar, um colorido e contente passarinho pousou no peitoril de uma janela e começou a cantar, a cantar, com toda a alma.

Depois calou-se, limpou o bico, sacudiu-se e foi embora a voar. Absorto, o instrutor pastor disse então:

“Está terminado o sermão desta manhã”...

## VILA ROSÁLIA

Fechada a Indústria Cerâmica, Vila Galvão foi loteada em chácaras e quinhões menores, que eram vendidos pela empresa “Gonzaga e Vasconcellos”, derradeira firma do proprietário, senhor Francisco Gonzaga de Vasconcellos.

A parte que compreendia o Parque Balneário de Vila Galvão, onde se posicionava o extinto bosque, a casa da fazenda, o campo de futebol e o grande lago, foi adquirida pelo Dr. Luiz Manuel Pinto de Queiroz, época em que, em sua homenagem, o lugar passou a ser tratado carinhosamente pelo seu sobrenome: “Vila Queiroz”.

A região altaneira e nobre, hoje denominada Vila Rosália, foi a leilão por uma bagatela, arrebatada pela “Casa Bancária F.

Conde e Cia.” – depois “Banco de Crédito Nacional”. Decorrido pouco espaço de tempo, fundou-se a Companhia Mercantil F. Conde, que foi a responsável pelo lançamento do belíssimo loteamento residencial urbanizado na ocasião. Do feito, duas homenagens significativas aconteceram: Rosália era como se chamava a esposa do proprietário do loteamento – daí o nome “Vila Rosália” e a antiga rua dos vinte metros que se inicia defronte ao lago, passou a chamar-se avenida Francisco Conde.

## A GALINHA E O GALO

Na São Paulo de antigamente, duas senhoras distintas conversavam animadamente na janela da casa assobradada...

De repente, apareceu na ruazinha de paralelepípedos um galo esbelto, de crista vermelha, e uma galinha robusta, gorda, bonita. O galo então, se encantou por ela: e começa a perseguição. As mulheres atentas, observam! E o galo corre, a galinha foge. E corre pra cá, corre pra lá – agora quase: ela, cansada, consegue escapar.

Até que aproxima-se o bonde e mata a galinha: aborrecido, o galo desiste.

As mulheres na janela, uma olha para a outra e diz:

“Viu, comadre! Preferiu a morte...”



**MARLENE A. TORRIGO**

## PAZ DE ESPÍRITO - E O ELIXIR DA FELICIDADE

Certos momentos de felicidade podem ser enganadores. Muitas pessoas conseguem sentir (falsa) felicidade fazendo uso de drogas, sejam elas lícitas e/ou ilícitas. Certa mulher pediu para uma amiga levar aquela sua amiga no barzinho com karaokê, por ser a amiga da amiga uma pessoa muito animada. Sim, animadíssima... Após bons copos de cerveja!

Similar tipo de conduta não traz felicidade. No dia seguinte à bebedeira, segue-se ressaca e mal-estar. A pessoa fica deprimida, mal-humorada, irritadiça, rabugenta. Paz de espírito, aquela paz que gera felicidade dos sentidos, é algo que não se pode enganar ou alcançar com o uso de falsas emoções, como felicidade criada por subterfúgios existenciais.

Evidentemente que as tensões e frustrações do dia a dia são pontes de difícil travessia entre dias aborrecidos e dias gentis. Porém, se existem momentos sombrios, existem momentos bonitos, iluminados. Ter e sentir paz de espírito é um processo de difícil

busca. É o reconhecimento da nossa verdadeira condição psíquica, do nosso estado emocional. Trata-se de encontrar e armazenar as nossas melhores sensações, cultivando as melhores emoções no nosso âmago.

Algumas pessoas que pensam estar depressivas podem estar apenas precisando diminuir a ansiedade, amansar passos e pensamentos acelerados, respirar e inspirar serenidade, encontrar o estado pleno de paz espiritual, aquele estado que traz bem-estar onde quer que se encontre; seja na solidão do seu quarto, em passeios com a família, na festa de arromba, ou realizando um projeto tão sonhado.

Fortalecer-se de paz de espírito não é iludir-se com o uso de alucinógenos, não é ter muito dinheiro, não é procurá-la a qualquer preço. Também não a conseguimos da noite para o dia. É um processo longo, demorado. Requer algo de dentro, algo que brinca de esconde-esconde conosco, infiltrado no nirvana de nós, que uma vez alcançado permite que nos livremos dos nossos tormentos mentais.

Do amanhecer ao anoitecer o nosso coração nos pede a pureza da serenidade, da prece e da alegria. Busquemo-la. Será assim que o beber consciente de um vinho, de um licor, de um whisky, enfim, de quaisquer bebidas, atuará na essência humana como o elixir da felicidade.

## VERSOS PÓSTUMOS

Perdi-me de amores  
De amores sofri;  
Perdi-me de amores  
De amores morri.

De amores morri  
Nas fimbrias da rima;  
Em dores me perdi  
Endeusando a vida.

Endeusando a vida  
Singrei meu caminho,  
Em tépida guarida  
Sofri meu martírio.

Sofri meu martírio  
Quando terrena vivia;  
Em verdade vos digo,  
Sou alma aflita.

Sou alma aflita,  
Sou ave que voa;  
Na rota da lira  
Sou nada que ronda.

Sou nada que ronda  
Na noite bonita;  
Sussurra uma onda  
Que sou ventania.

Que sou ventania  
No mar tempestade;  
Amanhã serei brisa,  
Doce canto da tarde.

Doce canto da tarde  
Aquece meu ninho;  
Meu verso é saudade  
Pranteio o destino.

Pranteio o destino  
E preciso dizer-lhes,  
Que triste eu singro  
Nos muitos querereres

Nos muitos querereres  
Tive tudo e nada,  
Dominei os meus genes  
Tive a pele esfolada.

Tive a pele esfolada,  
Tremi no frio da noite,  
Dormi na fria calçada,  
Vi uma mão de açoite.

Vi uma mão de açoite  
Lacerando a ilusão;  
Perdi-me no horizonte,  
Pobre morto coração!

Pobre morto coração!  
Acabou-se a insolência  
Dessa tola ilusão  
De ser existência.

De ser existência  
No atroz pensamento  
Onde toda ciência  
Acaba em tormento.

Acaba em tormento  
Porque a gente morre  
A qualquer momento  
De um atroz golpe.

De um atroz golpe  
Nascemos fadados;  
À pena de morte  
Somos condenados.

Somos condenados  
A amar e sofrer;  
Somos destinados  
Porque dói morrer.

Porque dói morrer,  
Dar o último suspiro;  
Dói sentir e ver  
O fim d'um delírio.

O fim d'um delírio  
Cuja morte silencia;  
Acaba-se o suplício  
Da dor que desliza.

Da dor que desliza  
Arrogante nos versos  
Correndo na trilha  
De tristes reversos.

De tristes reversos  
Muito amor eu me dei;  
Na prosa e nos leros  
Por décadas cismeï.

Por décadas cismeï,  
Por um fio vivi,  
A velhice alcanceï,  
Morri por um triz

Morri por um triz,  
Último passo em falso  
Que dei e senti  
A morte de fato.

A morte de fato  
É tragédia bendita;  
Nos hilos do espaço  
Somos vida vencida.

Somos vida vencida,  
Acabou-se o fardo  
Da angústia maldita  
Lacerada no parto.

Lacerada no parto  
Da desgraça latente;  
Meu canto é trágico  
Porque dói na gente.

Porque dói na gente  
Ser gente viva, quase morta,  
Mas que ama e sente;  
É tudo o que importa.

É tudo que importa  
Querer feliz ser,  
Seguir pela rota  
De um bem querer.

De um bem querer,  
Querer ser feliz,  
Querer e morrer  
Na estrada sem fim.

Na estrada sem fim  
Quedo-me agora;  
Sou alma enfim,  
Sou triste história.

Sou triste história  
Nas rimas terçãs;  
Morreu-me a glória  
No clamor das manhãs.

No clamor das manhãs  
Sonhei tão somente  
Com amores quintãs  
Gravados na mente.

Gravados na mente  
Os sonhos que quis;  
É herança da gente  
Ser deveras feliz.

Ser deveras feliz  
Em horas serenas,  
E amiúde infeliz;  
Sofrer nossas penas.

Sofrer nossas penas  
Envoltos em tristeza,  
Mas nas horas plenas  
Rir da dor inteira

Rir da dor inteira  
Graça e desgraça;  
Rir-se dela com frieza,  
Co'o abismo n'alma.

Co'o abismo n'alma  
Dessa morte bandida.  
Rir-se dessa encantada,  
Voejando à doce brisa.



Voejando à la doce brisa  
Chegam-nos morte e dor  
Sufocando nossa vida  
Com gana e terror.

Com gana e terror  
Num momento ouvi  
Ruidoso labor,  
Então pressenti...

Então pressenti...  
Ó, eu havia morrido!  
E deveras não cri  
Que eu havia partido.

Que eu havia partido  
Sem saber para onde,  
Levara-me o destino  
No cimo d'um monte.

No cimo d'um monte  
Quedo-me agora.  
Nunca mais vi a fonte  
Que girava a roda.

Que girava a roda  
Do meu lindo viver;  
Virei gente morta  
Por assim dizer.

Por assim dizer,  
Sou hoje fantasma;  
Fim do meu ser...  
Agora sou plasma.

Agora sou plasma  
Vagando nas noites,  
Quando ectoplasma,  
Ah, eu amava as flores!

Ah, eu amava as flores!  
Como amava as rosas!  
Mas me perdi em ardores  
Vivendo das sobras.

Vivendo das sobras,  
De resquícios de vida,  
Enfrentando as hordas,  
Temendo a perfídia.

Temendo a perfídia  
Em nau de louvores,  
Ouvindo afã melodia,  
Perdi-me de amores.

Perdi-me de amores  
De amores sofri;  
Perdi-me de amores  
De amores morri.

(Ano 2000)



**MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA**

## A IMPORTÂNCIA DAS DIGITAIS

As digitais dos dedos das mãos não se confundem jamais.

As investidas pelo Universo da literatura nos fazem angariar conhecimentos múltiplos, que são aglutinados na nossa memória. Não importa o tempo decorrido em face de assuntos já registrados em nosso intelecto, pois, ao contato com matéria que nos chama a atenção de forma cativante, o que outrora ficou gravado no imaginário floresce, vem à tona. Tal assertiva se comprova por curiosidades que nos chamam muito a atenção e, nesta linha de raciocínio, passo a discorrer sobre um título que sempre me causou forte interesse: a forma de identificar o indivíduo.

Antes do advento da fotografia e da grafia atestada pela individualidade das assinaturas, o que caracterizava a existência do ser humano e o diferenciava de outro igual, ou seja, da mesma espécie, consistia, tão somente, na sua nacionalidade ou na relação de pertencimento. De onde você é originário ou qual a sua árvore

genealógica? Usualmente a confirmação da identidade era através de método altamente sacrificante pelo sofrimento atroz, pois produziam-se marcas pelo corpo humano com ferro em brasa, como se faz para identificar a propriedade de animais até os dias de hoje. Em priscas eras, sob o domínio do feudo, os escravos tinham as faces tatuadas com ferro incandescente, método nefasto que diminuía ainda mais a baixa autoestima daquele povo tão massacrado.

Essa mesma barbárie, por muitos séculos, perdurou na França onde os monarcas registravam seus símbolos no corpo daqueles que descumpriam as leis, cravando-lhes na pele uma flor de lis. Embora tamanha atrocidade caracterizada pelo sofrimento físico e psíquico perdurasse por longos anos, não produziu o efeito desejado e altamente necessário: a individualidade na identificação.

Noutros tempos, cognominados Idade Média, superada a fase da judiação dos escravos, a Aristocracia Real europeia, por seus reis e séquitos privilegiados, a distinção que servia de identificação eram os brasões e sinetes, chancelas usadas para autenticar documentos.

No Brasil, as primeiras soluções na individualização das identidades surgiram com o poder de mando da Igreja Católica, que emitia certidões de batismo. Durante cerca de uma década, o Registro Civil teve como parâmetro os documentos emitidos pelos párocos.

No ano de 1879, o criminologista francês Alphonse de Bertillon, radicado em Paris, criou o método da Antropometria, descoberta que passou a ordenar o sistema de Identificação por esta via, permitindo a emissão dos primeiros documentos em 1898. O método antropométrico consignava os seguintes dados: nome, altura, peso e cor dos indivíduos, registrando, também, as medidas precisas de diferentes partes do corpo. Com o passar do tempo, em

5 de fevereiro de 1903, foi instituído no Brasil, pelo insigne político Félix Pacheco, o método de identificação por Datiloscopia ou Papiloscopia, que usa como parâmetro as impressões digitais. Pacheco foi o fundador do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Distrito Federal, órgão que passou a usar a Datiloscopia como método para reunir dados de qualificação, exames e sinais particulares. A reunião desses dados possibilitava identificar não só os criminosos, mas, também, cadáveres e pessoas desconhecidas. A técnica revolucionária, embora descoberta em longínquo passado, persiste até a presente data e se perpetuará, pois comprovou-se cientificamente que não existe similitude entre as digitais.

## A BUSCA PELO DESCONHECIDO E A VONTADE DE DESVENDAR O INDECIFRÁVEL

Dia desses, deitei olhos em uma palavra, senão desconhecida, esquisita: “ouija”. Como a ilustração que continha a palavra estava um pouco distante da minha visada, escrevi em qualquer papel que consegui alcançar dentro do carro, prática corriqueira que, inevitavelmente, abarrota o porta-luvas, até que eu encontrasse tempo para examiná-los. Certeza que não compunha o idioma brasileiro, mas, ao balbuciá-la, soou bem aos meus ouvidos e eu prossegui na marcha em busca de meus afazeres. O tempo não tem tempo para nós, pretensos escritores. Uso desta metáfora para explicar que me enquadro dentre os escritores bissextos, aqueles que escrevem vez por outra e hoje, movido por uma vontade indômita de assentar palavras no branco destas folhas, retomei os trabalhos e conto, agora, a minha labuta.

Comecei perguntando ao além: Diga, espelho meu, haverá no Universo alguém mais dedicado do que eu? Resposta: Sim! O senhor Google! Eureka!!! Descobri! Com dois ou três toques no computador, veio a resposta que exauri em minutos e passo a discorrer sobre a palavra que prendeu minha atenção: “ouija”, que era precedida de outra, formando: tabuleiro ouija ou tábua ouija. Supõe-se que a tradução (não literal) seja “boa sorte” e, já que vamos dissecar a palavra, melhor acreditar.

A minha curiosidade me transportou para um quadro plano, colocado numa superfície reta, contendo símbolos, números e letras pretas, impressas num pano de cor clara e de regular tamanho. A curiosidade aumentou e o interesse em desvendar o enigma também. A mim pareceu algum tipo de brincadeira ou jogo para se distrair com parceiros, talvez coisa de criança.

A primeira descoberta esclarece que o tabuleiro ouija foi criado para ser usado como método de necromancia ou comunicação com os mortos. Ao confundir o tabuleiro com possível brincadeira de crianças, me equivoquei, pois descobri que respeitável parcela de pessoas que conhecem o método, atribuem ao Tabuleiro Ouija poderes sobrenaturais, buscando por esta via a arte de se comunicar com os mortos, embora esta prática remonte a tempos distantes.

Descobri, também, que algo parecido com o Tabuleiro Ouija foi encontrado na China, sob a influência da Dinastia Song, por volta do ano 1100, com fortes vestígios de misticismo. Intrigado com o material restrito sob o tema, aprofundei-me, descobrindo que na China a prática do Tabuleiro Ouija não era facultada a qualquer pessoa, considerando que o contato com os mortos tinha uma liturgia a ser seguida e esse tipo de comunicação, denominada Fuji (escrita espiritual), se consumava somente em rituais comandados por membros capacitados.

## A ROTA DA DISPARADA FRENÉTICA DAS LETRAS, NO UNIVERSO DA CULTURA.

### MODIFICAÇÕES SECULARES.

As letras foram o farol da humanidade desde os primórdios do Universo, uma vez que permitiram a comunicação e o relacionamento entre os indivíduos e, neste contexto, foram aplicadas, aprimoradas, exercitadas e objeto de estudos constantes e precisos, possibilitando, destarte, impulsionar a vida e o crescimento fantástico dos seres.

Os literatos que se dedicaram às letras nos cinco séculos pretéritos, talvez, não tiveram consciência de que faziam parte de uma casta privilegiada, responsável pela sinergia que movimentava tudo o que acontecia no mundo. Indubitavelmente, suas obras foram os primeiros passos que permitiram que a história do Ocidente se tornasse mundialmente conhecida por seus diversos movimentos.

Em priscas eras, século XVI, a dança das letras por seus mais ilustres ativistas, foi palco de um movimento, hoje, conhecido como Classismo. A arte greco-latina serviu de inspiração para a literatura do renascimento cultural, consagrando a vertente humanista e a razão através de poemas épicos, dentre eles, a obra de Camões denominada: Os Luzíadas, que atravessou os mares e se propagou por todo o mundo, transformando-se em domínio de universalidade. Também foram fontes de inspiração as peças teatrais, tomando como exemplo o clássico “Auto da Barca do Inferno” ou “Auto da Moralidade”, de Gil Vicente, cuja encenação ocorreu nos idos de 1517.

No século XVII, impulsionados pelos arrojos de seus antepassados, os impetuosos homens das letras, sob forte influência do

renascentismo e da imperiosa religiosidade da contrarreforma, abdicam da docilidade na escrita, enveredando pelo descomedimento, combate e instabilidade. A mudança radical percebe-se pelo movimento desencadeado pelos monstros da literatura universal: William Shakespeare, em sua obra “Macbeth”; Padre Vieira, autor do memorável “Os Sertões” e o festejado Miguel de Cervantes, que durante 10 anos, escreveu “O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha”. Este período de suma importância para a literatura foi o sustentáculo para a era que se determinou cancelar como Barroco.

No limiar do século XVIII, superada a fase denominada Barroco, marcada pelos excessos na implementação da decoração e dramaticidade, o iluminismo demonstra que não restauram saudades, embora se festeje, até hoje, alguns feitos daquele longínquo período. Desponta nova vertente denominada Neoclassicismo, trazendo a reboque a cultura da Antiguidade Clássica, com domínio absoluto, a ponto de influenciar, visceralmente, a aplicação das letras, mundo afora. A Alemanha destaca-se nesta trajetória cultural através de dois filhos da terra que se imortalizaram por suas obras, vivas e festejadas até os nossos tempos: o autor de poemas mundialmente conhecidos: Friedrich Schiller e Wolfgang Goethe, precursor de “Fausto”, publicado nos idos de 1808.

Passados 100 anos, enveredamos pelo frescor do início do século 19, embalados pelo movimento denominado Romantismo. Contrapondo o passado recente, eis que se anuncia a bonança e a cultura resplandece, por obra e genialidade de um poeta cansado de navegar por águas turbulentas, dando origem à oportunidade de se passear pela poesia pura, exaltando o amor, a candura e a docilidade. Da Inglaterra de glórias e encantos, exsurge o lirismo de um poeta que nasceu para escrever com a alma enlevada: William Blake, que entregou para o mundo a sua generosa obra, intitulada



“Canto e Inocência”. O inglês corajoso que retratou com minúcias o sofrimento amoroso e o heroísmo, não só inovou, mas, contrariou o racionalismo exacerbado que dominou o século findo. Derivaram daí, com destaque abrangedor, o francês Alexandre Dumas, autor da obra “Os três mosqueteiros”, história atualíssima até hoje; outro inglês: Lorde Byron e, para honra e glória dos brasileiros, os conterrâneos: Gonçalves Dias e José de Alencar, autor de “O Guarani”, clássico que muito orgulha o povo brasileiro...

E, como o tempo não para, sigamos nas lendas das letras, lembrando o caminho infundável da escrita, que tem como escopo disseminar o saber, o conhecimento e o prazer pela leitura, com a obrigação inexorável de cultivar, zelar, vigiar e cuidar da boa aplicação do vernáculo, como regra.

Como o século XIX surgiu desbravando o amor, creio que o Universo conspirou para a perpetuação deste sentimento que deve mover a humanidade. Diversos foram os registros que nominaram as múltiplas fases destes cem anos, onde expoentes da literatura perpetuaram os seus nomes de acordo com a importância que tiveram para a época em que viveram e que passo a retratar nos próximos relatos.

O início deste período foi rotulado como Simbolismo. Sendo a França berço de renomados escritores, lá foi o seu berço, com o objetivo de dar ênfase ao Romantismo, porém, não nos moldes da docilidade que o apresentou no passado. Havia a necessidade de se manter a ternura, mas adicionar algo mais instigante não alteraria a forma embrionária, contrário senso, notas místicas e fantásticas comporiam com o romance, despertando no leitor curiosidade diante de rebeldia e coragem para se convencer com impetuosidade. O escritor francês Charles-Pierre Baldelaire enveredou por este caminho, publicando sua obra denominada “As Flores do mal”. Diante da aceitação e, na mesma linha de raciocí-

nio, vieram os escritores Verlaine e Rimbaud, criando poesias sem obedecer regras literárias, no que eram chamados de “Nefelibatas” - escritores que vivem nas nuvens.

Esse século (XIX) foi pautado pelas inovações, sofrendo significativa ingerência do envolvimento político que se alastrava pela Europa. Preocupados com a rigidez imposta pela classe dominante, que ditava as leis, poetas franceses resolveram contrapor o massacre e iniciaram nova fase, intitulada Parnasianismo. Tomando a frente do movimento cultural, poetas de alto coturno como: Catulle Mendes e Alphonse Lemerre publicaram a revista “Le Parnasse Contemporain”, nos idos de 1866, fortalecendo e pregando a poesia pela poesia, priorizando busca incessante por rimas perfeitas. A atitude da nata da escrita francesa alastrou-se pelo mundo e podemos afirmar que no Brasil a excelência do Parnasianismo é, indubitavelmente, o escritor Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, mestre em poesias eróticas e autor da letra do Hino à Bandeira.

Os escritores do século 19 que preferiam outra vertente, que não a poesia, enveredaram por caminhos diversos, escrevendo nas mais variadas formas, podendo-se destacar: prosa, contos, peças teatrais, romances sociais e psicológicos. Esta fase promissora e de farta produção cultural que tomou o nome de Realismo, projetou na comunidade literária grandes vultos até hoje reconhecidos como mestres da escrita, valendo nominar: Fiódor Dostoiévsk, autor da obra “Crime e castigo”, e o memorável escritor francês Honoré de Balzac, autor do clássico “As ilusões perdidas”. Considerando que a literatura prima pela universalidade e que o movimento cultural vivia o seu ápice em terras brasileiras, no ano de 1882 o consagrado escritor Machado de Assis presenteia os amantes das letras como a publicação da obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”. O retumbante sucesso do livro, reconhecido pela in-

telectualidade literária, principiou um movimento para a criação de uma academia que os representasse e a ideia tomou corpo até que no dia 20 de julho de 1897 a Academia Brasileira de Letras consagrou a sua reunião inaugural, tendo como primeiro presidente o inextinguível escritor Machado de Assis.

A efervescência entre os escritores radicados mundo afora, dava a tônica nos acontecimentos culturais. Por volta do ano de 1885, a movimentação na escrita tomou novo rumo, pois alguns escritores dedicados às prosas foram responsáveis por um movimento denominado Naturalismo. Primando pela realidade objetiva, foram estruturando as suas ideias e estabeleceram regras, também para demonstrar que o ambiente de convivência tem influência sobre os humanos, comprovando a máxima que apregoa: “O homem é produto do meio”. Sobre este tema muito se escreveu pelas canetas de grandes autores, destacando-se como exemplo o francês Émile Zola, autor de: “Germinal”. No Brasil, seguindo a mesma vertente, lembramos com louvor do romancista de notório saber Aluísio de Azevedo que, no ano de 1890, dedicou aos brasileiros o livro: “O cortiço”.

No apagar das luzes do século 20, preocupados com o futuro do Brasil, grandes vultos da literatura brasileira associaram-se para traçar uma nova interpretação do país e discutir o seu futuro, usando como alavanca a cultura da terra. Estava despontando o movimento Pré-Modernismo, graças aos valentes escritores, dentre os quais, Lima Barreto, autor da preciosa obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”; Graça Aranha, criador da obra “Canaã”, além do festejado Euclides da Cunha que, com minúcias, descreveu o homem que vivia no sertão com o livro “Guerra dos Canudos”. A imortalidade da época conseguiu despertar o povo brasileiro para um amanhã melhor através da cultura e a desenvolver, maciçamente, o amor pela pátria, como a preconizar com muita

antecedência a célebre frase do escritor Monteiro Lobato, “Um país se faz com homens e livros”.

Controvérsia, fonte inesgotável de grandes descobertas, foi o ponto de partida para um grande passo na cultura brasileira, fazendo valer a máxima que não quer calar: Da discussão nasce a luz. Contrapondo a restrita arte parnasiana imposta pelos letrados em meados do século XIX, toma conta do Universo uma nova modalidade de escrita. O francês Stéphane Mallarmé, que reinou nos idos de 1890, desenvolveu método novo de praticar a poesia, diversa das formas convencionais para a época, dando contornos de singularidade, a ponto de permitir, inclusive, a figura da licença poética, sem o impositivo perfeccionismo. Nesta linha de raciocínio, vem a prosa sem nenhum cerimonialismo, fazendo imperar a cultura popular travestida de nacionalismo nos temas desenvolvidos em abundância, podendo-se destacar a tradicional obra: “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”, criada no ano de 1928 pelo Ícone da literatura brasileira, Mário de Andrade.

A arte da escrita não conhece limites e, para inovar e enveredar por este caminho, basta despontar o interesse por qualquer assunto, a ponto de sentir prazer naquela leitura. Necessário ler em profusão sem se importar com o tema, bastando, simplesmente, conectar-se com a história, aguardando ansiosamente o final do livro, na certeza de aumentar o conhecimento que permitirá expandir em tinta sobre folhas brancas até que possamos rotulá-lo como Livro.



PLÍNIO TOMAZ

## SUMÉRIOS

O universo em que vivemos foi formado há 13,5 bilhões de ano e a Terra há 3,8 bilhões. Conforme Yuval Noah Harari, o homo sapiens data de 150.000 aC, sua revolução cognitiva teve início em 70.000 aC, na África, no Quênia. Depois espalhou-se para o mundo inteiro. Há 12000 aC houve a revolução agrícola, quando o homem passou a plantar. Em 1.500 dC houve a revolução científica, que dura até hoje.

Desde que estudava no colegial no Roosevelt, os livros de história eram três: o do famoso Edward Macnall Burnes e dois, em espanhol, dos franceses Malet e Isaac.

A agricultura teve início mais ou menos 12000 aC. quando o homem conseguiu as sementes e plantá-las. Havia naquele tempo uma dúvida de qual civilização seria a primeira: os sumérios ou a egípcia.

Hoje se sabe que a primeira foi realmente os sumérios que surgiram 6000 a.C. Ninguém sabe realmente de onde vieram. Alguns citam que são descendentes dos mongóis, dos povos de cabeça negra, para diferenciar dos mongóis de cabelo avermelhado.

Os sumérios eram um povo que vivia na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, mais ou menos onde hoje é o Iraque. Outra informação intrigante é que Abraão nasceu na cidade suméria de

Ur e que trouxe muitas ideias religiosas que passaram para a Bíblia.

Na mesma região dos sumérios, houve vários nomes de civilizações, como acadianos, caldeus, babilônicos e assírios, mas todos adotaram a cultura dos sumérios.

Foram os sumérios que inventaram a primeira escrita, chamada cuneiforme. Os arqueólogos acharam na capital da Assíria a biblioteca de Assurbanipal, que tinha mais de 40 mil tabuinhas de argila, gravadas com escrita cuneiforme. Elas foram decifradas e cada vez mais se conhece melhor os sumérios.

Tinham estórias muito semelhantes ao que aprendemos na Bíblia, como Adão e Eva, o dilúvio, estória de Jô, o jardim do Éden, Caim e Abel, Torre de Babel e outras.

Os sumérios eram agricultores e os povos vizinhos eram nômades, havendo constantes guerras. Existia uma rivalidade entre Caim e Abel, pois um era agricultor e outro, pastor.

Conheciam o cobre e o bronze, bem como o betume e asfalto desde 3500 aC.

Na biblioteca de Nínive, a medicina tinha três partes: terapia, cirurgia e encantamentos. A biblioteca de Nínive foi a primeira do mundo, bem antes da Biblioteca de Alexandria e no museu britânico existem 30.943 plaquetas de argila.

Eles conheciam a astronomia, pois foram achadas lentes e supõe-se que tinham feito um telescópio bem antes de Galileu, pois conheciam o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Netuno, Urano e Plutão, que foi descoberto em 1830. Sabiam que o Sol era o centro do nosso universo e isto só foi descoberto por Copérnico em 1543.

O número 7 era mágico: notas musicais, pecados capitais, 7 virtudes, 7 demônios, 7 trombetas e, em Apocalipse, o corpo humano está dividido em 7.

Acreditavam que deuses vindos do espaço, os Anunaques, eram gigantes com 3m de altura. Golias da Bíblia tinha 2,92 m de altura.

Existem lendas e mitos dos sumérios, sendo uma delas o famoso Épico de Gilgamesch, torre de Babel. Gilgamesch procura toda a sua vida, sem encontrar o segredo da imortalidade.

Os sumérios inventaram um sistema baseado no número 60; daí, dividiram o dia em 24 horas, a hora em 60 minutos e o minuto em

60 segundos. Consideravam o ângulo da circunferência de 360 graus.

Sabiam fazer canais com comportas, com objetivo da irrigação e navegação, pois somente em 2000 aC é que conheceram o cavalo.

Faziam poesias sem rima, embora os estudiosos achem que havia uma espécie de rima nos sons das palavras. Gostavam também de música.

Com relação à agricultura e com a decifração da escrita cuneiforme, podemos mostrar, conforme equipe de arqueólogos de Washington, que a causa principal da queda dos sumérios foi o sal.

No ano 2400 aC, a produção de grãos era de 2344 litros/ha. Nessa época, 80% dos grãos eram trigo. Em 2100 aC, a produção de grãos caiu para 1400 litros/ha. Em 1700 aC, a produção caiu mais ainda e passou para 900 litros/ha. Nessa época, o trigo foi abandonado e substituído pela cevada, que tolerava o solo com muito sal.

O profeta Isaias em 715 aC profetizou o fim da Babilônia, que já estava ocorrendo com a salinização. Mais tarde praticamente acabou a agricultura e foi quando em 1400 aC, Abraão saiu com sua família de Ur. Creio que os Anunaques não ensinaram aos sumérios como não salinizar o solo.

Os sumérios ganhavam muito dinheiro exportando trigo e cevada. Para isto, tinham barcos que iam cheios destas mercadorias e voltavam com cobre, pedras e outros minerais. Acabando a agricultura, acabou a sua riqueza e, daí, veio a decadência. As cidades-estados que antes tinham até 50 mil habitantes, ficaram praticamente desertas.

A medicina era muito atrasada. Acharam uma tábua de argila que ensinava como ler os intestinos de um carneiro. Daí faziam previsões, mesma coisa que os romanos faziam. Usavam a astrologia para prever o futuro.

Os sumérios tinham escola para crianças e a melhor profissão era ser um escriba.

Faziam o pão do trigo e cerveja da cevada e faziam pão com cerveja. Já acharam 500 tipos de cerveja que os sumérios fabricavam. Conheciam o vinho também.

Havia vários medicamentos baseados na cerveja. A cerveja egípcia veio depois.

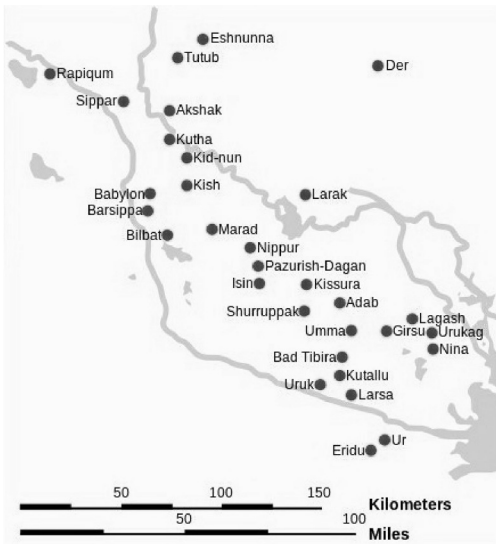
A virgindade da mulher era muito importante para eles. Os sumérios criaram o famoso Código de Hamurabi, em 1772 aC; diziam que tinha sido enviado pelos deuses deles e que foi achado gravado em uma pedra. Ideia muito conveniente e que não tinha sido feito pelo homem e sim pelos deuses.

Os sumérios adoravam vários deuses entres: Anu, Enlil e Marduk. A filosofia dos sumérios era determinista: acreditavam que sua sorte estava nas mãos dos deuses. Os povos vizinhos dos sumérios eram todos semíticos e na maioria pastores.

Cada cidade-estado suméria tinha entre 10 mil e 50 mil habitantes. As ruas não tinham pavimento e nem drenagem. No meio das casas, havia um local para captar as águas de chuva. Somente os ricos tinham casas de dois pisos.

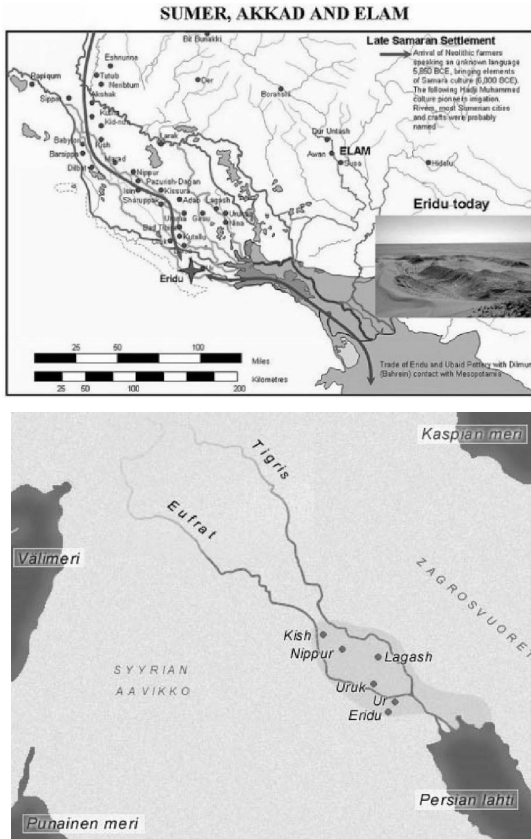
Tinham conhecimento da geometria, sempre ligado a problemas práticos, e não chegaram a ser como os gregos. Por motivos religiosos e de previsão do futuro, é que desenvolveram a astronomia. Não estudavam a natureza das coisas e nem suas propriedades.

Foi descoberto um vaso de argila, que estava em um pântano perto do Lago Titicaca, na Bolívia, com inscrições em sumério antigo e, por enquanto, ninguém conseguiu a tradução.



SUMERIAN			CUNEIFORM		Pronunciation	Meaning
Original	Turned	Archaic	Common	Assyrian		
					KI	Earth Land
					KUR	Mountain
					LU	Domestic Man
					SAL MUMUZ	Widow Woman
					SAG	Head
					A	Water
					NAG	Drink
					DU	Go
					MA	Fish
					GUD	Ox Bull Strong
					SHE	Barley





## O MARIDO DA SISSI COMEÇOU A 1ª GUERRA MUNDIAL

Quando jovem, lembro dos 3 filmes alemães sobre a Sissi. Ela chamava-se Elisabeth e era uma princesa da Baviera que se casou com um primo, que era o imperador da Áustria. O rei da Baviera Luidovico II era seu primo e foi ele que fez vários castelos.

A Sissi era a mulher mais linda do século XIX e era parecida com a princesa Diana da Inglaterra. O imperador era Francisco José e ninguém imaginaria que aquele jovem do filme iria começar a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Reinavam na Áustria os famosos Habsburgo e lembro que a mulher de D. Pedro I no Brasil era uma Habsburgo.

Em 8 de janeiro de 1867, o imperador Francisco José e a Sissi foram coroados reis na Hungria. Note a diferença: imperador na Áustria e rei na Hungria. Era a monarquia austro-húngara.

Francisco José (1830-1916) reinou por 68 anos, desde 2 de dezembro de 1848. O nosso imperador D. Pedro II reinou por 50 anos.

O seu reinado foi o maior da Europa que se conhece. Stefan Zweig escreveu que nas escolas era cantada pelas crianças a chamada Canção do Imperador. O autor disse no seu último livro escrito no Brasil antes do suicídio, “O mundo de hoje”, que, quando mataram Francisco Fernando, o fato causou a mesma comoção nacional do suicídio do arquiduque Rodolfo e ninguém esperaria que haveria uma guerra. Conta que saiu a passeio e depois teve que voltar abruptamente para a Áustria e, como era jornalista, tinha de fazer artigos sobre a guerra, só que era pacifista. No tempo de Hitler, Stefan fugiu para o Brasil e depois suicidou-se no Rio de Janeiro.

O sucessor de Francisco José seria o seu filho Rodolfo, que, juntamente com sua amante baronesa Maria Vetsera, cometeu suicídio. Então, o imperador Francisco José teve que arranjar o seu sobrinho Francisco Fernando como sucessor.

Só para comentar: o Rodolfo, filho da Sissi com Francisco José, era uma pessoa complicada e sabe-se que tinha feito um plano junto com húngaros de ser coroado rei na Hungria e deixando o seu pai somente com a Áustria. Existem até informações de que a polícia secreta do Imperador o matou, bem como a sua amante. Outro fato curioso é que a Sissi nunca ligou para o seu filho Rodolfo. Ela era muito diferente do que aparece nos filmes.

Em 10 de setembro de 1898, Sissi foi assassinada em Genebra, por um anarquista italiano, Luigi Lucchesi.

Na monarquia Áustria-Hungria se falava mais de 11 línguas e era uma confusão nas forças armadas. Os soldados tinham que aprender 60 palavras básicas usadas no exército e mesmo assim era o que se chamava uma torre de Babel, com tantas línguas diferentes.

O arquiduque Francisco Fernando estava passeando em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, junto com sua esposa, condessa Sofia, quando foram assassinados.

O imperador, antes de declarar guerra, quis ter certeza que a Alemanha o apoiaria e então deu início à invasão que provocou a Primeira Guerra Mundial. O seu motivo principal era defender a honra da Áustria (naquele tempo se guerreava por honra).

Primeiramente o Império Russo de Nicolau II mandou os seus exércitos, depois a Alemanha e todos foram entrando na guerra.

O reinado da Hungria era basicamente agrícola e com grandes propriedades. No fim da guerra, perdeu 35% da sua área. Na Áustria não existiam grandes propriedades agrícolas e, devido a isto, que mais tarde a Hungria virou um país comunista.

Os pequenos países dominados pelos húngaros tinham que fazer todos os documentos em húngaro e nas escolas aprendia-se somente o húngaro e as crianças não iam para o aprendizado.

Naquela época, a Áustria tinha 90% de analfabetos e a bicicleta estava em moda. As óperas eram o que havia de mais concorrido pela alta classe. A prostituição era imensa na Áustria e considerada normal. A nobreza era dividida entre alta nobreza e baixa nobreza. Eram da alta nobreza os descendentes dos 16 filhos de Maria Tereza e os 17 de Leopoldo II, da Áustria. A baixa nobreza era desprezada pelos Habsburgo, que não gostavam da mulher de Francisco Fernando e nem da amante do arquiduque Rodolfo.

No fim da guerra, em 3 de novembro de 1918, após a batalha de Vittorio-Veneto, vencida pela Itália, foi o fim dos Habsburgo. O meu avô, Giuseppi Forli, foi prisioneiro na Batalha de Capporeto de 1917 e foi para o campo de concentração na Áustria e na Alemanha. Em todos os anos no dia do armistício, meu avô punha um terno, gravata, medalhas e ia à igreja rezar.

O Brasil entrou na Primeira Guerra Mundial em 11 de abril de 1917, quase no final. Lembro que a situação econômica do Brasil era péssima. De imediato, o Brasil apreendeu 42 navios alemães que estavam nos portos brasileiros.

Foram mandados 92 médicos brasileiros para a França. A esquadra brasileira tinha partido para Gibraltar e no dia que chegou, acabou a guerra. Sorte nossa. Uma curiosidade é que o Brasil

participou da Conferência de Versallies, que deu origem à Segunda Guerra Mundial.

## APRENDIZADO DE POLÍTICA MUNICIPAL

Vou fazer como Maquiavel, que conviveu com os Borgias e que escreveu o livro “O príncipe”, sem ter nenhuma referência. Não copiou ou se inspirou em ninguém.

Eu tinha acabado de se passar nos exames finais na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e comecei a trabalhar na Prefeitura Municipal de Guarulhos em 18 de dezembro de 1966.

Um funcionário muito velho me deu um conselho que nunca esqueci: Em serviço público, há muita traição e isto é normal. Você conhece alguém quando este passa a ter dinheiro ou poder. Quem tem o dinheiro quer o poder e quem tem o poder quer o dinheiro. Esta dica já é velha, mas constatei na prática a veracidade do dito popular.

## MAQUIAVEL E FOUCHÉ

Também não sei quem me recomendou o seguinte: se você quer entender um pouco de política, tem obrigatoriamente que ler dois livros: “O príncipe”, de Nicolau Maquiavel (1469-1527) e “Joseph Fouché”, de Stefan Zweich (1854-1938). De modo geral, os políticos leem os dois livros, mas dizem que os desconhecem.

Li os dois, várias vezes. Uma vez estava com um prefeito e ele foi tirar uns papéis de uma mala e sem querer tirou os dois livros citados.

## QUANDO A CORRUPÇÃO CRIA CORPO

Outro fato que aprendi sozinho foi que a corrupção geralmente é localizada em uma secretaria ou duas. Quando ela é praticamente geral, o prefeito perde o controle e os corruptos passam a comandar a Prefeitura, sem que o prefeito perceba. Quem tentar impedir é afastado, é demitido ou assassinado.

A corrupção cria um corpo próprio, impossível de se quebrar, que segue dominando toda a administração. Nem Maquiavel pensou nisto.

## QUEM INDICA (QI)

Para os cargos de direção, o mais importante não é a capacidade gerencial, título ou conhecimento específico ou experiência. O importante é a pessoa quem indica, o que chamamos de QI.

## ESCOLHA DOS SECRETÁRIOS

Há prefeitos que almejam postos mais altos e pedem indicação para cargos de secretários a líderes partidários estaduais ou federais, que nem conhecem a cidade e nem têm compromisso com a mesma. Geralmente indicam uma série de corruptos.

Os prefeitos nem os conhecem, nem os dominam. Eles são servos do que os indicaram e não do prefeito. Logicamente o prefeito nunca conseguirá postos maiores.

## PECADO

Uma vez discutindo sobre o que é pecado, vi uma pessoa que disse que o pecado se aplica a todas as pessoas, mas não aos políticos. Eles podem roubar do governo à vontade e que não é pecado. Muitas pessoas pensam que roubar do governo é normal, não é pecado e nem deve ser punido.

## AS FAXINEIRAS SÃO INVISÍVEIS?

Há anos li em algum jornal de São Paulo, que um estudante noturno da USP tinha feito uma tese de doutoramento, provando que o faxineiro é invisível. Para isto, ele foi admitido para trabalhar como faxineiro, no mesmo prédio em que estudava à noite. Via vários professores durante o dia, mas à noite, de terno e gravata, ninguém o reconhecia.

Vou contar mais dois casos. Um deles aconteceu com um amigo ucraniano, que morou em Guarulhos e foi depois para os Estados Unidos. Formou-se engenheiro eletrônico e ficou especialista em fazer chips de computador. Chegou a ser vice-presidente de uma empresa na Pensilvânia.

Um dia, uma faxineira lhe disse que a firma estava sendo vendida para a concorrente de San Diego. Inconformado, foi falar com o presidente, que disse o que estava acontecendo. No final, toda a direção da fábrica adquirida foi demitida.

Outro caso foi do dr. João Ranali, que foi delegado de polícia e diretor-presidente da Folha Metropolitana. Escrevia sempre uns textos difíceis de entender, tendo eu várias vezes de consultar um dicionário de português.

Uma faxineira chegou perto do dr. João Ranali e lhe disse que a Folha Metropolitana estava sendo vendida para o professor Veronezi. Ele foi verificar e constatou que estava mesmo, sendo dado um prazo de 8 meses para pagamento integral; e caso isso não ocorresse, seria devolvida ao Paschoal Thomeu.

Toda a diretoria foi demitida, inclusive João Ranali, Martinho Risso e outros e cerca de 8 meses depois, o jornal voltou para o Paschoal Thomeu. Comentava-se na época que a venda era falsa e o objetivo era fazer uma demissão geral na Folha Metropolitana. O interessante é que João Ranali adorava o Paschoal Thomeu e cheguei a ver um rascunho de um livro seu sobre a vida do empresário, que nunca foi publicado. A arquiteta Virginia Ranali, filha do dr. João Ranali, me disse umas semanas antes de morrer que o seu pai já tinha perdoado todos os seus inimigos.

Esses relatos provam que as faxineiras são invisíveis.

**SÍLVIO RIBEIRO**

## PROVIDÊNCIA DIVINA

Assim como ocorre em outras partes do mundo, as pessoas por aqui vivem divididas em classes sociais, conforme suas condições de vida, preparo cultural, econômico, moral, de tal sorte que uns vivem na luxúria, usufruindo de tudo que desejam para satisfazer suas vontades e vaidades; outros se contentando com o necessário para a sobrevivência e uma grande parte vivendo na mais profunda pobreza, não tendo sequer o que comer diariamente.

Um desses exemplos tristes de vida humana foi a do Thiago, cidadão humilde, sem recursos de qualquer natureza, emprego, com instrução escolar totalmente deficiente, sem parentes que lhe dessem uma ajuda, qualquer que fosse, vivendo seus dias das coisas que encontrava pelo caminho ou de algum alimento que alguém por caridade lhe fornecia.

Por não ter residência fixa, um dia dormia num canto, outro dia em outro, pelos becos, bancos, portas de igrejas, etc...

Como vivia numa cidade litorânea, às vezes dormia pelas praias, principalmente nas noites de clima quente e que não exigiam o uso de cobertas e tapumes para lhe proteger do frio. Seus bens se resumiam num velho saco de pano que carregava por toda parte, onde guardava uma pequena caneca de plástico, duas camisas e uma calça, roupas usadas ganhadas de alguém, além de um surrado cobertor desses bem simples, que lhe cobria o corpo nas noites friorentas.

Numa dessas noites quentes de céu límpido e estrelado estava ele em uma escura e deserta praia, já tarde da noite, sentado em uma grande pedra, com os cotovelos escorados nos joelhos e as mãos espalmadas em ambas as faces, apreciando a imensidão do mar com suas ondas a esborralhar-se na areia, pensativo e lamentando a vida que levava neste mundo, indagando a Deus por que tudo tinha que ser assim para ele.

Era uma bela noite de lua cheia com raios brilhantes iluminando o horizonte, pintando nas águas do oceano uma coloração prateada, projetando belos efeitos nas ondas que se formavam seguidamente.

Nesta postura em momento de lamentação, seus olhos observaram que na areia da praia, cada vez que uma onda se quebrava por toda sua extensão e retornava para o mar, surgia um objeto muito brilhante de forma circular, que tinha mais ou menos uns oito centímetros de diâmetro, e que resplandecia aos seus olhos devido à intensidade do brilho. Tal que lhe despertou a curiosidade. O que seria aquele objeto? Talvez uma estrela do mar, mas uma estrela do mar não produziria tal brilho; não seria também um peixe, pois era de forma acentuadamente cilíndrica; talvez uma lata, ou um caco de vidro.

Por muito tempo ficou ali a visualizar, notando que seu bri-



lho parecia cada vez mais lhe ofuscar os olhos, até que, inconformado e curioso, além de cauteloso, pois tinha muito medo de que fosse um animal aquático que lhe pudesse picar qualquer parte do corpo. Aliás, muito pouco ele adentrava nas águas do mar, pois receava em muito ser vítima de algum animal marinho, principalmente tubarões ferozes, dos quais sempre ouvia comentários que lhe causavam espanto, bem como sua falta de habilidade para o nado.

Porém, sua curiosidade lhe venceu. Levantando-se e caminhando cautelosamente em direção ao objeto, quanto mais se aproximava, mais seu brilho se acentuava, até chegar bem perto e verificar que se tratava de uma estrela do mar, porém, de brilho intenso, a ponto de ofuscar-lhe as vistas. Curioso, pensou na possibilidade de tratar-se de um ser vivo que desconhecia e, pouco a pouco, foi aproximando a ponta do pé direito na coisa chegando a tocar-lhe com o dedão; o objeto nem se mexeu. Repetiu o gesto por várias vezes e notou que não correria nenhum risco. Então, abaixando-se, tomou-a em suas mãos e pôde constatar que se tratava de um tipo de estrela de formação calcária, toda incrustada de pedras transparentes que brilhavam intensamente. Era realmente uma peça rara e de uma beleza inigualável, da qual nunca em sua vida ouvira falar ou saber da existência.

De posse daquele objeto saiu a perambular pela praia escura, apenas sob o clarão da lua intensa, pensando agoniado o que fazer com aquele achado. Deveria mostrar para alguma pessoa? E se fosse uma peça de grande valor? Alguém poderia ludibriá-lo e tomar-lhe a estrela. O que fazer?

Com todos aqueles pensamentos e indagações, acabou passando a noite toda acordado; já clareava o dia e ele ainda pensava em quem confiar sua descoberta.

Cansado por ter passado a noite toda às claras, sentou-se numa mureta que circundava a praia, com os pés descalços a escavar a areia e o olhar esparramado no horizonte, onde as águas do mar tocavam as nuvens. Repentinamente, um senhor de cabelos esbranquiçados, cuja idade ultrapassava os cinquenta anos, sentou-se ao seu lado, cumprimentando-o e desejando bom dia. Thiago retribuiu a delicadeza do homem e pôs-se a observá-lo cuidadosamente, entabulou conversa para certificar-se de que não se tratava de um pilantra qualquer que, ao saber da sua descoberta, quisesse tirar alguma vantagem de sua humildade e bondade.

Thiago, a despeito de sua posição social, era um ser realmente desprovido de maldade e respeitava a todos com muito carinho.

Após conversar por um bom tempo e sentir a lealdade daquele senhor, Thiago resolveu indagar a ele:

– Como é mesmo seu nome, senhor?

– Meu nome é Gabriel, – respondeu-lhe o estranho.

– Eu gostaria de lhe perguntar: Se uma pessoa chegasse para o senhor e apresentasse um objeto interessante, perguntando se o identificava, e fosse positiva sua resposta, saberia valorar o objeto? Qual o seu comportamento com o interlocutor?

Sem querer saber o motivo de tal pergunta, imediatamente o senhor Gabriel respondeu-lhe:

- Senhor Thiago, uma coisa todo homem tem que cultivar consigo: nunca desejar mal ao próximo, e se não puder ajudar, que não atrapalhe, nem prejudique seu semelhante. A maldade somente ocasiona desgraça para os homens e entre eles.

Sentindo um certo grau de sinceridade naquele cidadão e confiante que ele pudesse ajudá-lo a solucionar o problema, apre-

sentou-lhe a estrela que encontrara na praia na noite passada, explicando-lhe o acontecido, para depois indagar:

– Senhor Gabriel, conhece ou já viu alguma vez um objeto igual a este?

– Senhor Thiago, é uma linda peça e jamais vi algo semelhante. Para mim parece tratar-se de uma joia rara, de aspecto inigualável e que deve valer muito dinheiro. Merece uma avaliação justa de uma pessoa entendida nessa área, talvez um joalheiro. Acredito até que essas pedras transparentes e de muito brilho possam ser brilhantes de alto quilate.

– Mas como devo agir se não conheço nenhuma pessoa com esse gabarito?

– Se o senhor quiser, poderemos ir juntos a um joalheiro muito honesto, de minha confiança, chamado Ananias. Com certeza, ele irá lhe ajudar e o senhor terá uma boa resposta para solução de suas dúvidas.

O Sol já estava alto, com seus raios escaldantes e lá se foram os dois consultar o tal joalheiro, senhor Ananias.

Chegando à joalheria, o senhor Gabriel tratou das apresentações e Thiago exibiu ao joalheiro o curioso objeto, pedindo-lhe que o avaliasse, que estimasse o seu valor.

Tomando a peça em suas mãos, o senhor Ananias enrubescceu as faces e, espantado, decretou:

– Isto é uma joia de muito valor. À primeira vista, estas pedras são brilhantes puros!

Examinando mais a fundo a estrela, realmente se convenceu de que se tratava de uma peça valiosíssima, estimando o seu valor em mais de quinhentos mil reais

– E como eu poderia vender essa joia, senhor Ananias? O senhor faria isso para mim?

– É claro que eu venderia para o senhor, apenas descontaria uma pequena importância relativa ao meu trabalho e o restante lhe repassaria tão logo efetuasse a venda. Não é muito fácil tal empreitada, pois depende de aparecer uma pessoa com interesse e que possa desembolsar tal quantia, mas, por ser uma joia muito rara e bonita, tenho certeza que a venda não demandará muito tempo. Somente uma pergunta: essa joia é mesmo do senhor, não é?

– Sim, senhor Ananias, certamente é de minha propriedade.– respondeu Thiago, sem lhe revelar detalhes de seu achado.

– Então, fique com a estrela sob vossa responsabilidade e veja se consegue vendê-la – concluiu.

– Muito bem, eu vou lhe fazer um pequeno recibo da estrela e procurarei comerciá-la o mais breve possível, pois entendo que o senhor realmente necessita do dinheiro da venda, não é mesmo?

E lá se foi para a sua rotina o humilde Thiago.

Tal era a sorte, que parecia rondar o caminho de Thiago, que não demorou muito a espera para que o senhor Ananias saísse à sua procura. No mesmo dia em que ficara com a estrela sob sua responsabilidade, conseguiu vendê-la para um grande colecionador de joias, que passara por acaso na loja do senhor Ananias.

Com toda sua habilidade de bom comerciante, o senhor Ananias alcançou a cifra de oitocentos mil reais, tamanha era a beleza e pureza dos diamantes encravados na joia.

Após perguntar para um e para outro, das pessoas que pareciam conhecer o Thiago, sobre seu paradeiro, conseguiu localizá-lo sentado na mesma mureta da praia, exatamente no local onde encontrara a estrela.

– Senhor Thiago, senhor Thiago, o senhor está mesmo com sorte, acabei de vender a sua estrela para uma pessoa que se impressionou com a beleza da joia e acabou me pagando a importância que lhe pedi, ou seja, bem acima do que lhe falei: oitocentos mil reais, que trago comigo e quero lhe passar neste momento.

Foi um espanto para Thiago, pois nunca em sua vida vira tanto dinheiro, de tal sorte que não sabia se chorava, abraçava o senhor Ananias, ou se saía à procura do senhor Gabriel, seu fiel amigo. Atônito, começou a derramar lágrimas de emoção, ajoelhando-se ao chão e agradecendo a Deus por aquele feliz momento.

– Senhor Ananias, quero que retire desse total sua porcentagem pela venda e o que o senhor destinar para mim, aceito de bom grado.

– Está bem senhor Thiago, para compensar o meu trabalho vou retirar apenas o correspondente a dois por cento do total da venda e o senhor ficará então com setecentos e oitenta e quatro mil reais. Está bom assim?

– Claro que está, senhor Ananias. O senhor foi para mim um santo ajudando-me dessa maneira. Não sei como lhe agradecer pela empreitada.

– Não precisa me agradecer, peço apenas que o senhor tome muito cuidado com todo esse dinheiro e que seja muito feliz no seu aproveitamento, pois vejo que na realidade o senhor necessita, e muito, acertar sua vida. Eu estarei sempre à disposição. – Abraçou o Thiago e despediu-se, partindo para sua loja.

– Obrigado, meu Deus! O que farei com todo esse dinheiro? Ilumina-me o pensamento para que eu consiga gastá-lo da melhor forma possível, bem como guardá-lo em lugar seguro. – Continuou em seus pensamentos quando, sem que percebesse, lhe apa-

receu à frente novamente o bom senhor Gabriel.

– O que faz aí tão pensativo, caro Thiago?

– Senhor Gabriel, meu amigo, acredita que o senhor Ananias conseguiu vender minha estrela e já me entregou o dinheiro? Está todo aqui e eu não sei como vou administrá-lo agora.

– Tenha calma, Thiago. Se você quiser, eu poderei ajudá-lo, dando-lhe algumas ideias que na certa serão úteis na solução desse impasse.

– Antes de tudo, senhor Gabriel, quero lhe recompensar com parte deste dinheiro, pois, se não fosse o senhor, não sei o que poderia ter acontecido com a minha estrela.

– Thiago, você não me deve nada. O que eu fiz foi por pura amizade e carinho e se vou continuar a lhe ajudar, será pelo mesmo motivo. Nada quero de você, somente que tenha muitas felicidades daqui para frente.

– Então como faremos?

– Primeiramente, vamos ao banco depositar com segurança todo esse dinheiro. Lá abriremos uma conta-corrente em seu nome. Por ser uma quantia considerável, será suficiente para estabilizar financeiramente a sua vida daqui pra frente, permitindo tranquilidade e conforto em todos os aspectos. Depois cuidaremos das necessidades, tudo por etapas.

Tendo aberto uma conta num importante banco do local, Gabriel sugeriu ao Thiago a compra de uma casa nas proximidades em que vivia a perambular ou, talvez, em outra localidade, conquanto que fosse cômoda e que pudesse, doravante, fixar residência; o que se consumou em curto espaço de tempo. Com fatura econômica, móveis e utensílios foram adquiridos e, em breve tempo, Thiago instalou-se confortavelmente na sua casa.

Os dias foram passando e a nova vida era administrada por Thiago, com o auxílio do bom senhor Gabriel, orientando na condução de uma vida feliz. Thiago transformou-se em outro homem. Já não mais se lembrava dos dias angustiantes vividos antes de seu encontro com a bela estrela. Não passava fome, não sentia frio e não era mais discriminado. Era realmente uma nova vida.

Um fator muito importante o acompanhava: apesar de rico, conseguiu manter a simplicidade, o seu amor à vida e às pessoas, além do desejo de poder, de alguma forma, ajudar outros que, como ele, não tiveram a mesma sorte e que viviam à mercê do destino, sofrendo pela vida afora.

Alguns anos se passaram desde seu grande achado, seu progresso de vida era acentuado, sempre com a inestimável ajuda do senhor Gabriel. Tendo se dedicado ferrenhamente aos estudos, chegou a concluir o nível médio de ensino e já se preparava para ingressar numa universidade. Estabilizado na vida, sentiu a necessidade de constituir uma família, com mulher e filhos.

Apesar de ter sofrido muito, Thiago tinha bons traços fisionômicos e, como andava sempre bem-vestido e apresentável, não foi muito difícil conseguir conquistar uma bela moça, a Maria de Lourdes, que lhe devotando carinho e simpatia, conquistou o seu amor e, em pouco tempo, casaram-se para viver felizes na casa que Thiago adquirira.

Suas economias, ao invés de diminuir, cada vez mais eram acrescidas de juros pelas aplicações que aprendera a fazer com o grande amigo.

Por ter tido uma vida humilde e simples, Thiago nada sabia fazer em termos de produtividade, mas havia a necessidade de realizar algo, um trabalho e, por dispor de boas condições econômicas, Gabriel lhe sugeriu a abertura de um estabelecimento

comercial. A concretização da ideia culminou com a instalação de uma boa e bem montada padaria, para atender toda a vizinhança. O sucesso foi tão grande que, em pouco tempo, o casal não dava conta do trabalho, obrigando-se a ficar somente na administração, após contratar alguns funcionários para um bom atendimento à clientela.

Sendo um homem caridoso e considerando a boa produção de sua padaria, passou a separar uma parte dos pães, doando-os, diariamente, para uma instituição de amparo a idosos daquela região, além de destinar, também, a mesma quantidade de leite para reforçar a alimentação dos velhinhos ali internados. Para Thiago era motivo de grande felicidade visitar, de vez em quando, a instituição e ver aqueles idosos contentes, alimentando-se dos pães e do leite que para ali mandava todos os dias.

Contava dois anos de seu casamento com Maria de Lourdes, quando, com muito carinho, recebera a vinda do primeiro filho, o belo e robusto Messias, que viria, realmente, coroar toda sua felicidade. O nome fora-lhe dado devido à sua grande crença em Jesus Cristo.

Para culminar essa real história de vida, Thiago impôs ao senhor Gabriel a obrigatoriedade de ser padrinho de seu filho, como eterna gratidão por toda a ajuda prestada, sem exigir qualquer retribuição, pois, dessa forma, estariam amarrados para sempre com laços de grande fraternidade.

E assim, todos viveram felizes por muitos e muitos anos.



**TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA**

## JONNY

Conheci o Jonny em 1992, na Academia, quando ele foi agraciado com o título de acadêmico efetivo. Não tenho certeza, mas acho que ele foi o acadêmico mais idoso que tomou posse. No começo da sua efetividade a sua esposa o levava para as reuniões, pois ele não dirigia. Como ele começou a se ausentar do convívio acadêmico, telefonei para saber a razão. Fui informada que a sua esposa havia começado a trabalhar num local que não lhe possibilitava levá-lo às reuniões. De pronto, me candidatei à função de motorista e, a partir dali, passei a buscá-lo em sua casa e após a reunião levá-lo de volta para a residência. A família do Jonny frequentava a minha casa e eu e o Laerte frequentávamos a casa deles. Certa noite, durante um jantar em famílias, fiquei sabendo pela Irene que eles se mudariam para um apartamento. A casa em que moravam era grande e os cinco filhos, ou já haviam casado ou moravam n'outro lugar. Num desses encontros, Irene me confidenciou que anunciaria a venda de parte de um jogo de jantar que ganhou como presente de casamento, pois era grande demais.

Nessa época, eu montava a minha casa de praia e, aproveitando a oportunidade, perguntei? O jogo é grande, mas, existem peças que são únicas, tais como: sopeira, bule, manteigueira, etc.. Quem comprar metade deste jogo fica com estas peças? Ela disse que sim, que não se incomodaria, pois, durante 50 anos de casada, não as havia utilizado e não seria agora que as colocaria em uso. Então eu lhe disse: não precisa anunciar; já está vendido! Eu fiquei com metade do aparelho de jantar da Irene e do Jonny.

O Jonny gostava de prostrar. Além de ser espírita ferrenho, acreditava em Deus de maneira especial, segundo a doutrina que professava. Porém, não sei o motivo, mas, no final da vida ficou meio descrente. Quando eu ia apanhá-lo e ele entrava no carro, a primeira coisa que falava era: Você sabe que Deus não existe? Eu respondia: Sim, E a prosa mudava de rumo...

## PASSAGENS...

### MENINA – simplesmente uma menina

Nunca mediu esforços para ajudar a mãe. Começou a trabalhar cedo. Com nove anos se ativava como babá de uma recém-nascida em uma casa próxima da sua. Todos os dias, ia para a escola no período matutino e após o almoço, por toda a tarde, tomava conta de uma das gêmeas da dona Maria. Essa família era procedente do Sul, mais precisamente de Florianópolis. Não tinha parentes em São Paulo. O marido trabalhava em uma transportadora e foi transferido para a cidade de São Paulo. Quando os conheci, o casal tinha dois filhos, de cinco e três anos, e dona Maria estava grávida de duas meninas. Era costume, na época, quando

nascia uma criança, os vizinhos irem visitar a família e levar de presente uma lata de doce. Quase sempre de marmelada. Quando minha mãe foi visitá-la, eu fui junto, pois sempre gostei muito de criança. Enquanto os adultos conversavam e as pequenas dormiam, eu brinquei com os maiores. Sempre fui curiosa. Brincando e prestando atenção na conversa dos adultos, flagrei a mãe das gêmeas explicando porque havia dado o nome para as meninas de Gladys e Gleyce: Como Gleyce era a mais bonita, recebeu o nome mais feio e Gleyce, a mais feia, recebeu o nome mais bonito. Esta explicação da dona Maria me deixou muito incomodada. Eu não podia acreditar que uma mãe pudesse fazer diferença entre os filhos ou achar um mais bonito do que o outro. No meu entendimento, tudo bem que diferenciasse, mas, nunca poderia exteriorizar a sua estranha opinião. A partir desse dia, eu passei a frequentar a casa da dona Maria e tudo o que eu podia e conseguia fazer pela Gleyce eu fazia: dar mamadeira, trocar, brincar. No meu entendimento de criança, eu protegia a Gleyce da mãe, para que ela cuidasse da mais bonita. Frequentei tanto a casa da família, que um belo dia a dona Maria disse que faria um pequeno salário para mim, para ajudar com os materiais escolares e mais algumas coisinhas. Permaneci ajudando essa família até o momento em que voltaram para o Sul do País e nunca mais eu soube deles. Eu tinha por volta de 11 anos.

## TIRADAS RÁPIDAS...

Durante uma visita fui informada que o Vinicius não poderia usar o celular.

Vovó pergunta para o Vivi: por que você está proibido de usar o celular?

– Porque eu fiz uma fórmula mágica!

– Não entendi. Você faz uma fórmula mágica e perde o direito de usar o celular? O que continha essa fórmula?

– Shampoo, sabonete líquido, perfume, xixi, etc. O problema foi que eu deixei no banheiro que divido com meu irmão e não avisei que era uma fórmula mágica; meu irmão usou e eu estou de castigo: uma semana sem poder usar o meu celular!

– Vivi, por que você está dormindo em colchão no chão?

– Porque quebrei a cama do Daniel.

– Como?

– Pulei na cama dele e quebrei. Daí o papai disse que a minha cama ficaria para ele e eu dormiria com o colchão no chão.

– Vivi, porque não quebrou a sua?

– Porque a dele estava mais perto!

Mais uma semana sem usar o celular.

Vinicius está na escola e na hora do recreio entra na fila da cantina para comprar um lanche.

Um colega de sala atrevido e com os cabelos pintados de branco entra na frente do Vinicius dizendo: Vou ficar aqui! Alguém tem coragem de me tirar?

Vinicius diz: tudo bem pode ficar! Os idosos têm preferência.

No dia 24/04/17 visitamos os meninos; como sempre, uma vez por semana. Nem sempre no mesmo dia da semana, pois hoje

vamos quando a minha filha tem mais necessidade. Neste dia, segunda-feira, tivemos audiência pela manhã, às 10h30. Por 3 horas e meia, ficamos retidos no Fórum. Enfim saímos de lá às 13h50. Tínhamos que ir neste dia, pois a semana seria corrida e, se não fôssemos na segunda, restaria somente a sexta-feira. Com o prenúncio de paralisação geral, nós não podíamos arriscar e às 14h15 saímos daqui. Chegamos às 15h30. Segunda é um dia pesado, pois o Vivi estuda até as 12h30, almoça no colégio, tem psicóloga às 13 horas e inglês às 14h30. Portanto, sai às 7 horas da manhã e só retorna às 16h30. Falei para a minha filha que eu iria buscá-lo no inglês. Quando retornamos, enlaçando eu e o Titu pela cintura, na garagem, ele disse: – Eu já falei para a mamãe, mas, vale para vocês também, Vovó e Titu: quando vocês ficarem pequenininhos, eu vou cuidar de vocês. – Vivi, eu não vou ficar pequenininha, eu já cresci tudo o que podia! – Eu sei, mas vocês pararam de crescer e agora quem vai crescer sou eu! Eu vou ficar grandão e vou cuidar de vocês!

## MAIS UMA DO VINÍCIUS

O Vinícius é um menino difícil de convencer: se ele achar que está certo, desista, pois, certamente, você não vai convencê-lo. Ele é esportista desde muito cedo; hoje tem 11 anos e pensa que sabe tudo a respeito de qualquer esporte. Durante uma aula de educação física, contestou o professor de tal maneira, que acabou suspenso por três dias naquela matéria. A mãe, ex-professora e que já conhece o filho que tem e o quanto ele é polêmico quando acredita que está certo, ficou muito brava e tirou dele tudo o que ele mais gosta, ou seja, celular, X-Box, tablete e mais algumas coisas,

explicando qual o motivo daquela providência. No dia seguinte, ele já havia esquecido o ocorrido e foi pedir para a mãe deixá-lo brincar com os seus pertences, mas a mãe não havia esquecido e o lembrou: você está sem os seus pertences por causa do que aprontou na escola. Você esqueceu? Ao que ele respondeu: Mamãe isso nunca aconteceu comigo, foi a primeira vez, você não pode me tirar tudo. Eu sou réu primário...

## VIAGEM PARA RIBEIRÃO PRETO

A família do meu primeiro marido reside em Ribeirão Preto. Ele faleceu, mas, eu mantive o elo familiar e um belo dia fui convidada por Carolina, uma das filhas da minha sobrinha Adriana, para ser sua madrinha. Muito feliz, aceitei de pronto. Quando ela, Carol, completou 15 anos, fui convidada para a festa. Empolgada com o convite, comprei passagens de avião com antecedência, só que confundi as datas, marcando o embarque para um mês antes do aniversário. Quando confirmei a minha ida, fui questionada: Tia, você vai ficar um mês aqui? Eu respondi: não posso, o Daniel irá comigo, só posso ficar um final de semana! Mas Tia, meu aniversário é no dia 30 de novembro! Puxa, que confusão eu fiz, mas, não se preocupe, eu remarco a viagem. Consegui mudar a data de 29 de outubro para 29 de novembro. Meu neto Daniel, então com quatro anos, viajaria comigo. Combinei com a minha filha que eu iria buscá-lo no dia 28, após a saída da escola para que ele não perdesse mais de um dia de aula.

No dia 27 eu estava com tudo arrumado: malas, documentos, presentes, etc. Além de várias atividades, exerço, também, a

advocacia. Uma semana antes do embarque, surgiu um problema em um processo que patrocino e que deveria ser sanado antes da viagem. Sem outra solução, nos dirigimos para o Foro Central, eu e o Dr. Mauro. No retorno, por volta das 17h30, mais ou menos, nas imediações da Vila Maria, fomos abordados por meliantes armados que, só não levaram o carro, mas, o mesmo destino não ocorreu com os nossos pertences. Relutei em entregar a bolsa, pois, todos os meus pertences estavam lá dentro e eu viajaria no dia seguinte acompanhada por uma criança. Sob a mira de arma de fogo e mediante ordens de um ladrão nada cortês, ainda relutei, mas, finalmente ele ganhou. Lá se foi a minha bolsa nova e todos os meus documentos pessoais, mais talonário de cheques, cartões de crédito e outros badulaques que compõem meus artefatos. Apesar de estarmos com o carro do Mauro, as chaves do meu carro estavam também na dita bolsa; portanto, fiquei com o carro e as chaves reservas.

Tentamos fazer o B.O. numa delegacia abarrotada de vítimas, porém, a primeira providência era fazer uma relação dos documentos e cartões roubados para possibilitar o bloqueio. Enfim, foi uma noite tumultuada. Como diria Caetano Veloso, sem lenço e sem documentos, fui de carro até Jundiaí buscar meu neto Daniel na escola e, como único documento, passei a andar com o passaporte, pois, não havia tempo para providenciar outros. Aqui cabe um parênteses: não mencionei a fatídica ocorrência para a minha filha e nem para o meu genro. Achei que se soubessem ficariam preocupados e deixei para contar com mais tranquilidade e pessoalmente, na volta. No assalto levaram, também, o meu celular e o do Mauro. Para justificar a ausência do celular, disse a minha filha que ele estava quebrado e que ela não se preocupasse que eu ligaria quando chegasse no destino.

Partimos para Ribeirão Preto no dia 29 em viagem de mais ou menos uma hora, nos hospedando na casa da minha sobrinha, com telefone fixo e outros tantos celulares, então não haveria problema com a comunicação. O final de semana foi esplendoroso. O Daniel se divertiu com as primas e com um amiguinho que arranjou durante a festa de 15 anos de minha afilhada. Finalmente, chegou domingo, hora de retornar para casa. Marquei o embarque para as 16 horas, pois, chegando a São Paulo, tinha que levar o Daniel de volta para Jundiáí. Cálculo rápido: uma hora de avião até Guarulhos, mais uma hora de estrada do aeroporto até Jundiáí e mais uma hora para retornar para a minha casa em Guarulhos, plano perfeito e ajustado.

Minha sobrinha Adriana, mãe da minha afilhada Carol, nos levou ao aeroporto e aguardou a nossa entrada no avião, assim como a decolagem com aquele tradicional abano do lenço e tchauzinhos. Quando as portas foram cerradas, o avião levantou voo rumo a Guarulhos e, tão logo estabilizou, Daniel pegou no sono. Notei algo estranho no ambiente, Aeronave pequena, uma só uma aeromoça, que logo percebi que chorava. Fiquei apreensiva e percebi que outros passageiros se abanavam, enquanto a aeromoça continuava em prantos. Refleti: o avião está com problemas, está caindo e ninguém fala nada. Era como se o ar do mundo houvesse acabado. Eu coloquei a mão no peito do meu neto e não conseguia sentir o batimento do seu coração. Neste momento, o piloto entra no ar e diz: em 15 minutos desceremos no aeroporto de Ribeirão Preto. Eu pensei: este voo é tão rápido que o piloto se enganou, estamos chegando a Guarulhos e não em Ribeirão, mas, ele repetiu a mesma mensagem.

Todos os acontecimentos anteriores a esta viagem vieram de repente a minha cabeça: A passagem comprada com um mês de antecedência; o assalto na véspera do embarque, eu sem docu-



mentos. Conclusão: eu deveria ter desistido desta viagem! Deus tentou me avisar e eu não dei confiança, agora o avião vai cair e eu e meu neto vamos morrer e tudo isso porque eu não entendi que era para desistir desta malfadada viagem! Com os panfletos que encontrei nos assentos do avião, comecei a abanar com rapidez o meu neto, pensando: se eu estou me sentindo mal, o Daniel, tão pequeno, já morreu! Entrei em pânico, colapsei e, quando recobri a consciência, estava no colo de um bombeiro sendo retirada do avião e, desesperada, queria saber do Daniel. Num rompante de vida, vi o menino de pé, em cima de um banco, sendo abraçado por uma senhora: desmaiei novamente. Na segunda vez que acordei, já estava dentro de uma ambulância a caminho do hospital, acompanhada pelo meu neto e pela bendita aeromoça que, agora, chorava comigo.

Novo apagão, agora para acordar somente no hospital, já medicada, e para não desmaiar mais. Lembro-me de estar num quarto branco, com o Daniel sentado em uma cadeira do meu lado, com uma carinha de apavorado e um representante da empresa aérea fazia a escolta. Eu carregava uma bolsa pequena junto ao corpo, com os telefones anotados da minha sobrinha Adriana, do pai dela, meu cunhado Luiz, uma vez que, quando fui assaltada, levaram o celular com todos os contatos. Durante o meu apagão temporário, fizeram algumas perguntas para o Daniel, tais como: Vocês moram em Ribeirão? Não, eu moro em Jundiá e a vovó em “Gurulhos”. Vocês estavam passeando aqui? Sim! Vieram para a casa de alguém? Sim, para a casa da tia Adriana! Na bolsa que estava junto ao meu corpo, eles encontraram o telefone da Adriana, ligaram para ela dizendo que eu estava no hospital e que eles precisavam de alguém para ficar com o Daniel. Foi um susto tremendo para a minha sobrinha que apavorada lhes disse: Pelo amor de Deus, liguem para alguém de São Paulo, pois, em estou em

Ribeirão Preto! Obtendo como informação: eles também estão em Ribeirão. Adriana retrucou: – Não estão, não! Eu os levei ao aeroporto e esperei o avião levantar voo! Sim, mas, o avião teve que retornar por um problema mecânico – despressurização – e a dona Teresinha passou mal e está internada no hospital. A Adriana há pouco mais de 10 dias havia recebido um telefonema de um preso que tentou ludibriá-la e, escolada, não acreditava nesta possibilidade e assim pediu para que o meu cunhado Luiz a acompanhasse ao hospital achando estar sofrendo outro golpe. Lá chegando, constatou que era verdade: eu estava internada e o pobrezinho do Daniel sentado em uma cadeira ao lado da cama.

Com a presença das primas, ele se animou e foi para a recepção desenhar com elas. Depois de medicada, recebi alta e voltamos para a casa da minha sobrinha. Nossas malas chegaram à noite na residência da minha cunhada e a nossa passagem foi remarcada para o dia seguinte. Em São Paulo, ninguém sabia de nada, nós deveríamos chegar às 17h e já eram 22h quando eu consegui ligar avisando que só iríamos no dia seguinte e explicando mais ou menos o acontecido. O Mauro queria sair de Guarulhos e ir nos buscar em Ribeirão Preto; eu não deixei, o acalmei dizendo que a nossa passagem havia sido remarcada e que iríamos no dia seguinte. O aeroporto de Ribeirão é pequeno e quando chegamos no dia seguinte parecia que o mundo nos conhecia, pois sabiam o nosso nome. A volta, desta vez, foi tranquila. Chegamos no horário estabelecido e o Mauro nos aguardava no saguão. O Daniel, quando o viu, correu ao seu encontro e interpelado pelo tio sobre o que tinha acontecido, respondeu: Titio, o avião estava quente, mas tão quente, que a vovó pensou que eu “tava morrido”.

**VALDIR CARLETO**

## ASSIM COMEÇOU MINHA BRINCADEIRA NA COMUNICAÇÃO

Meus pais eram católicos praticantes. Quando eu estava para concluir o curso primário, matricularam-me no Catecismo Santa Inês, um cursinho preparatório para as crianças receberem a Primeira Comunhão na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima e São Roque, no bairro do Sapopemba.

A sede do cursinho era na casa do catequista Francisco Plaza, que tinha apenas dez anos mais do que eu. Ele havia ficado cego na infância, devido a ter contraído sarampo. Tinha três irmãs, Luíza, Carmen e Joana. Luíza, a mais velha, era quem mais o acompanhava.

Nossas famílias ficaram amigas. Algum tempo depois de minha primeira Eucaristia, recebemos a visita do Chico e da Luíza. Vieram oferecer números de uma rifa, cujo objetivo era obter dinheiro para que ele pudesse comprar aparelhagem de som, para montar um Serviço de Alto-Falantes, com o qual pretendia obter

alguma renda, já que naquela época quem tinha qualquer tipo ou grau de deficiência não podia contar com quase nenhum auxílio. Nem tínhamos ideia de como ele faria isso, mas meu pai colaborou comprando alguns números.

Quando o Plaza conseguiu pôr seu projeto em funcionamento, eles foram nos convidar a ir lá conhecer. Por curiosidade, fui ver o que era aquilo. Chico havia mandado instalar dois postes no quintal da casa da família e entre eles uma escada bem comprida, no alto da qual foram colocadas duas cornetas de alto-falantes.

Numa sala, um amplificador de som, com microfone e um toca-discos. Fiquei fascinado quando vi o amigo cego mexendo com maestria nos diversos botões daqueles equipamentos. Plaza conseguia discos como divulgação nas gravadoras. Os discos da época eram de um material pesado, 78 rotações por minuto e tinham uma música de cada lado. Algum tempo depois, surgiram os long-plays de vinil, com seis faixas de cada lado; e os compactos simples, com uma música em cada face e os duplos, com duas em cada lado.

Era como se fosse uma emissora de rádio, que só podia ser ouvida por quem morava por ali. Por outro lado, os vizinhos eram ouvintes obrigatórios. Como Chico Plaza era querido pela vizinhança e o funcionamento era só nas tardes de sábado e nos domingos pela manhã, as pessoas toleravam.

Alguns vinham até lá, escolhiam uma música e ofereciam para alguém: para a namorada, a mãe, um aniversariante. Isso era gratuito. Uma padaria próxima, um depósito de material de construção e um ou outro estabelecimento pagavam para ter seu nome divulgado pelos alto-falantes.

Chico lia os comerciais das papeletas escritas em braile. Eu não me conformei de apenas presenciar aquilo: precisava partici-

par, falar naquele microfone. Propus-me a ir ajudar aos sábados. Lia os anúncios, anunciava músicas, ditava os nomes dos cantores e das músicas para que Chico fizesse etiquetas em braile e assim pudesse identificar os discos quando estivesse sozinho. Mais visitas a gravadoras, novos discos obtidos, mais etiquetas para preparar.

Uma coisa que logo chamou minha atenção é que aquela engenhoca rudimentar que o privilegiado cérebro de Plaza havia bolado tinha utilidade pública. Alguém precisava de um remédio, vinha até lá, ele anunciava o pedido pelos alto-falantes e logo aparecia alguém ofertando o que era solicitado. Uma cadeira de rodas, por exemplo... um par de muletas... Alguém tem em casa e não está usando? Tem gente precisando!

Eu havia feito curso de datilografia porque pretendia trabalhar logo que fizesse 14 anos. Então, pude ajudar em algumas tarefas, assim como outros jovens que haviam concluído a catequese se juntaram. Chico criou, então, o Círculo de Amizades do Serviço de Alto-Falantes do Catecismo Santa Inês. Eu e alguns colaboradores tínhamos até carteirinha.

Na Copa do Mundo de 1966, quando eu tinha 13 anos, percebemos que podíamos ampliar a participação do público. Plaza comprou um par de radiocomunicadores sem fio. Eu ia com um dos aparelhos até a porta de um bar ou onde houvesse pessoas conversando na rua e as entrevistava, transmitindo a distância os palpites sobre os resultados dos jogos. Os participantes ficavam encantados ao ouvir a própria voz ecoando nos céus daquele pedaço do bairro do Sapopemba.

Esse foi o começo da carreira radiofônica de Francisco Plaza. Ele sempre estudou, frequentando salas de aula comuns e conseguindo acompanhar o desempenho dos demais alunos e até

se destacando. Concluiu o curso ginásial e o colegial no bairro do Brás, nas escolas estaduais Anne Frank (onde também estudei anos depois) e Caetano Pinto. E cursou estudos sociais numa faculdade particular no bairro do Ipiranga. Não havia obstáculos que o limitassem: com a bengala articulada, andava de ônibus e não se acanhava em pedir ajuda para atravessar avenidas e para que lhe indicassem o caminho para onde quisesse chegar.

Além do Círculo de Amizades, fundou a Sociedade Amigos de Bairro local. Encaminhava reivindicações e percorria gabinetes públicos em busca de melhorias. Promovia shows e quermesses, sempre pedindo apoio ao comércio local. Participei de vários desses eventos e agradeço a ele pelas oportunidades que me proporcionou. Eu era muito tímido, mas consegui desinibir-me ao falar ao microfone, cantei em shows e ele até me permitiu dividir com ele o cerimonial de inauguração do Centro Educacional e Esportivo Vila Prudente, atual Arthur Friedenreich.

Chico teve programas em emissoras de rádio no ABC e em São Paulo, como a Tupi AM, Capital e Trianon, transmitidos por telefone diretamente do estúdio que instalou em sua casa. Fez parte da produção do programa Aqui Agora, do SBT. Aprovado em concurso público da Polícia Civil, atuou na radiocomunicação, com destaque, auxiliando na busca de pessoas desaparecidas e na retaguarda do setor de combate ao roubo a bancos. O jornalista Caco Barcellos dedica a ele diversas páginas de seu livro Rota 66 – a história da polícia que mata, relatando o quanto ficou impressionado com a desenvoltura do repórter e policial cego no manuseio de uma incrível parafernália eletrônica, que funcionava em verdadeiro bunker improvisado, no mesmo endereço onde cursei o catecismo e onde dei meus primeiros passos na área da comunicação. No livro, Caco comete um equívoco: cita que Chico mudou-se com a mãe e as irmãs para o Sapopemba com o falecimento do

pai. Na verdade, conheci lá o sr. Torquato Plaza e sei que ele viveu por ali um bom tempo ainda.

Chico Plaza faleceu em 2007, com 64 anos, vítima de complicações com o diabetes. A reportagem que reproduzo contém uma citação do então delegado Romeu Tuma, na qual diz que Plaza foi o policial mais preparado para a área de telecomunicações que ele conheceu.

Mas, minha história no Jornalismo impresso também começou com ele. Na novela da minha vida, é assunto do próximo capítulo.

## O PRIMEIRO JORNAL DA MINHA VIDA

Francisco Plaza promovia, pelas entidades que fundara, alguns eventos como gincanas, shows e campanhas. Chegamos à conclusão de que era necessário levar as informações para mais residências, além das que eram “atingidas” pelo som dos alto-falantes.

Foi assim que surgiu a ideia de lançarmos um informativo. Nessa época, eu já havia feito curso de datilografia, trabalhava como office-boy e havia conhecido uma pequena empresa chamada Gioielli, que produzia mimeógrafos a tinta. Pesquisei o preço, sugeri a ele que comprasse e venderíamos anúncios no comércio do bairro para custear o papel e recuperar aos poucos o investimento que ele faria.

Plaza foi comigo à Gioielli, na Ladeira da Memória, em São Paulo; negociou com o dono, e saímos de lá, orgulhosos, carregando o que para nós era a última maravilha em tecnologia.

Foi isso que nos permitiu lançar O Plazinha. Eram duas ou três folhas de papel sulfite grampeadas, que só continham textos. Publicávamos informações sobre reivindicações do bairro, receitas, dicas úteis, poemas. E alguns poucos anúncios dos comércios que concordaram em colaborar.

Como eu trabalhava o dia todo e estudava à noite, restava-me pouco tempo e, não tendo aparecido quem assumisse o trabalho, o jornalzinho não durou muito. Mas, o mimeógrafo foi útil ao Chico em outros serviços. Infelizmente, não guardei nenhum exemplar d'O Plazinha.

É provável que boa parte dos leitores não saibam o que é um mimeógrafo. A maioria conhece os que imprimiam a álcool, para pequenas tiragens, muito utilizados por professores para imprimir provas. Para imprimir “O Plazinha”, precisávamos de um a tinta, que utilizava uma matriz, chamada estêncil, que parecia um papel de seda, porém coberto por um material que lhe dava consistência. As teclas da máquina de escrever perfuravam o stencil, que era posto em volta de um rolo, em cujo interior era colocada a tinta. Pacientemente, girava-se uma manivela e as folhas de papel sulfite entravam brancas por um lado e saíam impressas do outro.

Não encontrei na internet imagem de um mimeógrafo daquele tipo para mostrar aos leitores que não tenham ideia de como seria esse equipamento.

Descobri que, em um episódio do “Cocoricó”, Vovovico ensina como usar um mimeógrafo a álcool. Quem tiver curiosidade de ver pode acessar o link [http://tvcultura.com.br/videos/50578\\_vovoteia-e-vovovico-mimeografo-01-12-2015.html](http://tvcultura.com.br/videos/50578_vovoteia-e-vovovico-mimeografo-01-12-2015.html)



## EU, QUEM DIRIA, NA FOLHA DE S.PAULO!

Depois da Lorenzetti, meu pai foi operário em outras metalúrgicas, como a Máquinas Piratininga, a Termomecânica e a então Willys-Overland, que fabricava o Jeep e depois foi comprada pela Ford. Porém, como ele era muito bom em cálculos, meu tio João, que trabalhava na sede social do Jockey Club de São Paulo, na rua Boa Vista, conseguiu uma vaga de “adicionista” para papai. Esse profissional era quem fechava as contas dos clientes do restaurante do Jockey. Incrível: não usava máquina de somar. Armandão ficou lá até aposentar-se. E depois de aposentado, trabalhou em mais três empresas, por mais de 20 anos.

Em 1967, eu havia me matriculado no Instituto Universal Brasileiro, para fazer um curso de desenho artístico e publicitário por correspondência. Tinha vontade de saber desenhar, mas não tinha jeito para a coisa. Os Correios não entregavam correspondências no Sapopemba; então, as lições iam para o Jockey Club. Um colega perguntou ao meu pai qual curso eu estava fazendo. Diante da resposta, comentou que um diretor da Folha de S.Paulo, Calazans Fernandes, frequentava o restaurante da sede social. Prontificou-se a falar com ele.

Completei 14 anos em julho. Em agosto, comecei a fazer um estágio não remunerado na seção de Arte do Departamento de Suplementos Especiais da Folha (SEF). cursava o ginásial pela manhã, no Colégio Estadual Prof. Wolny Carvalho Ramos, na Água Rasa. De lá, ia de ônibus até a praça Clóvis Bevilácqua (vizinha à praça da Sé) e seguia a pé até o prédio 401 da alameda Barão de Limeira, nos Campos Elíseos. Era uma boa caminhada.

Subia a avenida São João a passos largos, olhando no relógio, para ver se dava tempo de parar no Rei do Mate para reabas-

tecer. Às vezes, sim; outras, não. Tinha de entrar às 14h. Então, às 13h55 precisava estar na praça Júlio Mesquita. Nunca mais esqueci que os 400 metros na alameda consumiam 5 minutos.

O “SEF” funcionava no sexto andar. No quarto andar, era onde trabalhava Maurício de Sousa, que publicava tiras da Turma da Mônica na Folhinha de S.Paulo, que era encartada no jornal de domingo. Tive a felicidade de cruzar com ele pelos corredores ou no elevador algumas vezes. Não foi tão feliz, porém, estar no elevador junto com o Zé do Caixão e suas enormes unhas. Ele frequentava o prédio, porque lá era a Redação do Notícias Populares, jornal do Grupo Folha que as pessoas diziam que, se espremesse, saía sangue.

Residia ali minha esperança de transformar aquele estágio em emprego de verdade e assim, talvez, tivesse chance de trabalhar com Maurício de Sousa ou na Redação da Folha. Ficava ali observando o trabalho dos competentes Zbigniew Campioni e Adeir Rampazzo, que vieram a brilhar posteriormente em renomadas agências. Campioni recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais de publicidade.

Pouco tempo depois, o office-boy do setor pediu demissão. Em vez de contratar outro, passaram a se valer da minha presença para os serviços que ele fazia. Mesmo trabalhando de graça, foi um baita aprendizado. Tinha de ir todos os dias à gráfica, no 425, prédio ao lado. Lá conheci as máquinas de linotipo, onde eram compostos os textos dos jornais em pequenas chapas metálicas. Conheci a fotomecânica, onde fotografias eram transformadas em clichês de metal, montados a seguir em placas, junto com as composições de textos feitas pelo linotipo.

Antes que eu entendesse esse processo, Campioni e Rampazzo me aplicaram uma pegadinha. Disseram para eu ir à gráfica

buscar uma rotativa e me alertaram que era um pouco pesado. Pelo ramal telefônico, combinaram com a linotipia para embrulhar e me entregar três calandras, umas barras de chumbo que eram derretidas para compor os textos. O pacote era mesmo pesado para o menino franzino que eu era, mas cheguei orgulhoso ao SEF, por ter conseguido cumprir a tarefa. Eles riram muito, dizendo que se eu dissesse a alguém que havia carregado uma rotativa, seria chamado de mentiroso. Foi assim que aprendi que rotativa era uma impressora gigante, maior que um caminhão, e com a capacidade de imprimir milhares de jornais por hora.

Eu fazia serviços de bancos, compra de materiais, buscava fotos em um estúdio na rua Augusta e fiquei conhecendo bem as ruas da região central de São Paulo. Uma curtição era pegar na quinta-feira um exemplar da Folhinha, que só iria circular no domingo, e mostrar para alguns mais chegados já na sexta-feira. Conviver naquele meio também era minha praia.

Porém, o que havia motivado meu estágio não vinha surtindo o efeito desejado. Até tentava desenhar alguma coisa, manuseava materiais, mas não desenvolvi como queria, até porque ficava a maior parte do tempo cumprindo tarefas totalmente estranhas à arte.

Quando estava sendo preparada a edição do suplemento especial de Aviação, fiz o desenho de um avião e os chefes me disseram que seria publicado. Fiquei eufórico, contei para a família e amigos. No domingo, logo cedo, corri à banca de jornais para comprar um exemplar da Folha. Retirei com ansiedade o suplemento, folheei e nada do meu avião. Na segunda-feira, perguntei a respeito e me deram uma desculpa qualquer, mas o fato é que o desenho não atingira o padrão necessário. Foi frustrante.

Um dia, criei coragem e perguntei se não iriam me contra-

tar. Um gerente disse se eu aceitaria ganhar meio salário mínimo, que era o que se pagava para aprendizes. Topei na hora. Ele falou para eu levar a carteira profissional, o que fiz no dia seguinte.

Quando chegou o dia do pagamento, em dezembro, entrei na fila do guichê, mas quando chegou minha vez, meu nome não constava lá. Fui até o gerente e meu documento continuava na gaveta dele. Considerando que os objetivos que me levaram a fazer todo aquele sacrifício não vinham sendo atingidos, que o aprendiz de desenho tinha virado office-boy gratuito, tomei uma decisão que talvez tenha sido precipitada: pedi minha carteira profissional de volta e não mais compareci.

Tudo poderia ter sido diferente? Minha vida poderia ter sido outra, caso tivesse optado pelo diálogo, se tivesse insistido, dado tempo ao tempo. Enfim, não adianta chorar pelo leite derramado.



↳ 41 Anos ↻  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE II**  
**SINOPSE DAS ATIVIDADES**  
**RECENTES DA AGL**



## SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS: DE SETEMBRO DE 2018 A JUNHO DE 2019.

A Academia Guarulhense de Letras prepara-se para mais um evento que já faz parte da cultura da terra, o tradicional lançamento da Revista da Academia – 2019 que, anualmente, é distribuída para toda a população que aprecia a leitura como lazer e cultura. Seus membros, erigidos à supremacia da imortalidade, por mérito e reconhecimento lastreados no cabedal cultural acumulado ao longo da vida, preparam trabalhos que ilustrarão o conteúdo da obra coletiva. Novo ano, nova Revista que, sucessivamente, a cada mês se fortalece nas notas oficiais dos relatos compreendidos nas reuniões festivas que decidem o destino da Confraria, permitindo assim o relato para a continuidade da história iniciada nos idos de 1978 por nossos ancestrais. Feitos estes esclarecimentos, pedimos vênias para assentar com a mais robusta fidelidade os atos, os fatos e os retratos da vida acadêmica vivida pelos letrados escritores que empunham a bandeira do saber e do conhecimento, como apêndice do Livro Histórico, responsável por não se perder no tempo.

O Sodalício congrega escritores de vários matizes, uns enveredam por estórias trazidas do inconsciente, outros retratam o cotidiano e há, também, aqueles que deixam fluir a alma e o coração nos contos e nas poesias. Porém, todos, indistintamente, mantêm a fidalguia, a elegância, a finesse e o elevado respeito e consideração por seus pares, o que se pode depreender nas notas seguintes. Esta imorredoura sensibilidade, acima de tudo, não se presta para deixar passar ao largo atos cometidos e discrepantes com o que reza nossa Carta Magna, observe as duas vertentes trazidas à baila com a mesma docilidade e com consequências distintas

- Em 26/09/18 - O presidente Augusto Pinheiro iniciou a reunião solicitando ao confrade e mestre Bismael que proferisse palavras de estímulo, de mansidão e de incentivo, augurando uma reunião profícua e produtiva.

- O presidente, sempre solícito e prestativo, rendeu, mais uma vez, homenagens à Secretaria do Sodalício pela presteza, prontidão e justiça com que trata dos assuntos acadêmicos.

- Ainda, o presidente discorreu sobre os membros faltantes, particularmente, sobre os adoentados, estes passíveis de visitas e acompanhamento pelo grupo, movido pelo amor, pelo respeito e pela comiseração.

- O confrade Clovis trouxe à baila os Estatutos que regem a nossa Instituição, notadamente, em seu artigo 3º, parágrafo 4º que prevê, nos casos de ausência durante seis meses, em reuniões e/ou eventos da Academia sem justificativas aceitas pela maioria que o (a) faltoso (a) seja convocado (a) para, na próxima reunião mensal apresentar as justificativas que tiver e ser submetido (a) a concordância ou não do plenário. A decisão final, após ser-lhe concedido o direito da ampla defesa, dar-se-á na reunião mensal imediata a essa, sendo que no caso de ausência ou justificativas não aceitas, a cadeira se tornará vaga e será emitido um comunicado aos demais pares sobre a decisão.

- O confrade Jerônimo esposou ponto de vista sinalizando que os acadêmicos que demonstram desinteresse pela causa que juraram defender esperavam retribuições em contrapartida do serviço prestado em nome do Sodalício, lembrando, também, que os imortais nada podem esperar da Academia, mas deverão contribuir de todas as formas para o engrandecimento de tão respeitável Instituição.

- Submetida ao crivo do Colegiado, a matéria foi exaustivamente debatida e, colocado em votação o destino dos membros ausentes aos compromissos do Sodalício, o resultado foi unânime



em oficiá-los em oportuno tempo.

- O acadêmico Augusto Pinheiro comunicou que participou de reunião da coordenadoria do Salão do Livro, observando aspectos não alvissareiros, mas de conotação singela na participação do Sodalício. Propôs à mesa que no dia 5 de dezembro, às 20 horas, no ambiente cultural do Salão do Livro, a confraria se reúna para que, ordinariamente, festeje o seu quadragésimo ano de existência, promova o lançamento da Revista 2018 alusiva ao esplendoroso evento e, também, encerre os trabalhos desenvolvidos durante o ano andante.

- Graças à interveniência providencial da confreira Antonia, recebemos nesta reunião alguns alunos do Colégio Portal, devidamente capitaneados pela professora Patrícia Hradec. A presença de jovens em espaço tão solene honrou, sobremaneira, os vetustos escritores que representam a cultura guarulhense e que, compenetrados assistiram a algumas apresentações do alunado, guardando respeito, admiração e incentivo à geração que, possivelmente, nos sucederá.

A reunião do mês de outubro anuncia, dentre as matérias regulares, as movimentações dos acadêmicos em saraus e palestras, o evento patrocinado pela Prefeitura Municipal e de maior projeção no cenário cultural, a Bienal do Livro 2018. Sendo a AGL instituição maior na representatividade do saber e do conhecimento em nossa urbe, coube-lhe, por seus pares, a honra de ocupar um espaço privilegiado no festejado evento. Diante da magnitude da incumbência carreada para a Confraria, durante a semana destinada para a exposição que receberá mais de 200 mil visitantes, o Sodalício transferirá temporariamente a sua sede para o pavilhão preparado para receber os amantes das letras. Portanto, a reunião do mês de dezembro será realizada nas dependências da Bienal do Livro. Observe as próximas notas.

- Em 31/10/18 - Às 14 horas o presidente Augusto Pinheiro iniciou a reunião solicitando ao confrade Bosco Maciel que proferisse palavras de enlevo espiritual, buscando excelência na condução dos trabalhos.

- Como ato tradicional, o confrade Colacioppo orientou os pares na execução do Hino Acadêmico.

- O confrade Augusto sugeriu que a reunião do mês de novembro seja antecipada para o dia 21, considerando que a agenda da Confraria, já atribulada, carece de prazo maior para a perfeita adequação, recebendo a concordância dos pares.

- O presidente José Augusto lembrou que no dia 10 de novembro, por orientação do confrade Valdir Carleto, ocorrerá um sarau na Escola República da Venezuela. Informou, também, que evento do mesmo porte será realizado no dia 1º/11 no Colégio EE Conselheiro Crispiniano, onde a Academia será representada pelos confrades: Ivo, Bismael, Fernando e Jerônimo.

- Concernente ao evento festivo do dia 5 de dezembro, em sede de “Bienal do Livro”, as atividades culturais da confraria, reunião, lançamento da Revista 2018 e sarau, obedecerão ao seguinte horário: entre 18h e 19h30, sendo que a publicidade do evento estará a cargo dos confrades Valdir e Fábio.

A Confraria vive em constante movimentação e a sua organização fica a cargo de uma diretoria que, bienalmente, se renova. Além do protocolo que rege a ordem dos trabalhos em reunião, a Secretaria lembra aos pares que a vigência do mandato atual expira em breve e devemos providenciar a substituição do comando que será exercido por novos componentes. Prestes a completar 40 anos de existência, o Sodalício se prepara para comemoração de significativo relevo, pois, a instituição caminha a passos largos sempre para a frente e para o alto. Nada mais justo do que consagrar a efeméride com ato que permanecerá para sempre na lembrança

da comunidade cultural. Neste diapasão, o combativo escritor e acadêmico Augusto Pinheiro sacou de seu intelecto a memorável frase: “ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS, 40 ANOS DE HISTÓRIA CULTURAL NA CIDADE”. Foram tratados e determinados os atos preparatórios para a participação da nossa Confraria na Bienal do Livro 2.018, conforme se pode depreender nas próximas fitas.

- Em 21/11/18 - Às 14 horas o presidente Augusto Pinheiro orientou o início dos trabalhos solicitando à senhora Isabel, esposa do confrade Ivo, que proferisse palavras de alento e incentivo para um encontro feliz e profícuo.

- O confrade Colacioppo, como costumeiro, conduziu o coral acadêmico para uma saudável apresentação do Hino do Sodalício.

- O secretário Mauro advertiu os confrades acerca da premente necessidade de se compor uma diretoria (12 membros) para o próximo biênio. Asseverou que o corpo diretivo deve ser formado até o dia 1º de dezembro, conforme determina o Estatuto vigente. Alguns acadêmicos manifestaram-se acerca deste assunto, inclusive, com indicações, porém, sem objetividade. Diante das controvérsias e possíveis concordâncias, o presidente Augusto determinou prazo de dez dias para que sejam apresentadas chapas concorrentes, que poderão ser enviadas por e-mail para a Secretaria.

- O confrade Valdir discorreu sobre a revista 2018, procedendo a correções com a colaboração dos confrades Mauro, Teresinha e André. O confrade Augusto, encarregado pela criação de uma frase para consagrar os 40 anos de existência do nosso Sodalício, anunciou a seguinte pérola: “Academia Guarulhense de Letras, 40 anos de História Cultural na Cidade”, sendo referendado por todos e cumprimentado pela magnífica construção.

- Acerca da organização do evento cultural do dia 5 de dezembro na Bienal do Livro de Guarulhos, obedecerá ao seguinte rito: apresentação pelo presidente Augusto; entoação do Hino Acadêmico pelos pares, sob a batuta do maestro Colacioppo; sa-rau; orador oficial; e o lançamento da Revista 2018. A representatividade acadêmica neste evento ficará a cargo dos confrades: Jacques, Augusto, Isabel e Fernando.

Evento de primeira grandeza toma conta da cidade de Guarulhos, cartazes espalhados pela cidade anunciam a inauguração da Bienal do Livro 2018, com público estimado de 200 mil pessoas, que se deliciarão com uma farta quantidade de livros que serão oferecidos por várias Editoras que irão se estabelecer no pavilhão montado pelo órgão público. Daquela espaço, onde se pode respirar cultura, a Academia Guarulhense de Letras promoveu a sua derradeira reunião do ano de 2018 e, além do corpo acadêmico contou com convidados de renome, dentre eles, o secretário de Educação e Cultura, senhor João Pannocchia, coordenador do evento, e o pároco da igreja Santo Antonio de Pádua, José Ferreira Borges. A reunião com contornos de festividade teve a parte cívica, ecumênica, lítero-musical, além da participação de escritores guarulhenses e acadêmicos que desfilaram músicas, contos, prosas, poesias, etc... AS homenagens proferidas foram levadas a efeito em consideração à data magna dos 40 anos de existência da nossa Agremiação que, altaneira e guardiã, se esmera na vigília da boa aplicação do vernáculo brasileiro, herança herdada da nossa ancestralidade. Observe as notas seguintes.

- Em 05/12/18 - nas dependências da Bienal do Livro, Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza, na Avenida Transguarulhense, 100 – Parque Continental, Auditório 2 - Menino Maluquinho realizou-se a tricentésima nonagésima sétima reunião ordinária da

Academia Guarulhense de Letras. Às 18h, pontualmente, o presidente José Augusto iniciou a reunião anunciando o quadragésimo aniversário do nosso Sodalício para os acadêmicos e convidados presentes.

- Composta a mesa dos trabalhos, o presidente solicitou ao padre Borges que orientasse religiosamente o encontro festivo, o que foi feito de forma harmoniosa, com votos de louvor e bem-aventurança.

- O confrade Augusto solicitou que os pares se perfilassem à frente do palco para que, sob a batuta do maestro Colacioppo e, à capela, entoassem o Hino Acadêmico, pois o pavilhão já compunha o adorno do ambiente. O Coral Acadêmico mostrou-se jubiloso e afinado, na singela apresentação, que agradou aos presentes.

- O presidente, com a pompa e a capacidade que lhes são inerentes, proferiu palavras de gratidão e louvor para registrar o quadragésimo aniversário da Academia Guarulhense de Letras. Ressaltou a missão destinada aos confrades, que se obrigam a zelar e incentivar o exercício cívico e correto do nosso dialeto. Relembrou os audazes ancestrais citando, nominalmente, o presidente vintenário Dr. Gasparino José Romão, como forma de gratidão a todos os imortais que lutaram para a existência da nossa Confraria.

- O mestre Bismael, na figura de orador oficial, brindou aos ouvintes com palavras de ordem e conforto, enaltecendo os membros fundadores e de saudosa lembrança.

- A acadêmica honorária Wilma Colacioppo convocou a acadêmica Isabel para declinar um poema musicado.

- O historiador Silvio Ribeiro apresentou um trabalho autoral denominado "A Catedral".

- O confrade Fernando declamou "O Sol de Eterno Fulgor".

- O confrade Jerônimo recitou o poema "Nossa Academia", alusivo à Confraria.

- O confrade Bosco Maciel apresentou obra de cordel intitulada "Aboio para Quintino".

- O acadêmico Valdir Carleto declamou a letra da música “Sinal Fechado”, do compositor Paulinho da Viola.

- O confrade Ivo de Souza, de visão cultural apurada, magistralmente, apresentou o poema autoral “Cadê o Sol?”.

- O secretário de Educação João Pannocchia, coordenador geral do evento “Bienal do Livro em Guarulhos”, teceu elogios ao Sodalício, agradecendo o empenho e a colaboração no acontecimento cultural.

- Augusto presenteou-lhe com um exemplar, firmando a transmissão do tradicional lançamento da Revista 2018 para ser distribuída aos presentes.

Desta feita a AGL inovou: de comum acordo, os acadêmicos resolveram quebrar o protocolo e dar ares menos formais na reunião de dezembro. Escolheram um recinto gastronômico e nominaram-no como sede temporária, convidando os partícipes para um conagraçamento em restaurante do Município. Confortavelmente instalado, o Colegiado, formado por 15 membros, passou a debater o único assunto da pauta: Eleição da nova diretoria que comandará a Confraria, no biênio 2019/2020. O presidente Augusto, sob a égide da nossa Carta Magna, consultou os pares e, sem maiores delongas, a chapa estava formada e o futuro do Sodalício bem orientado, considerando o núcleo duro que se propôs assumir as rédeas da cultura, para gáudio da sociedade guarulhense. Observe o inteiro teor da Ata que apresentamos com força de Lei.

- Em 13/12/18 – A Academia Guarulhense de Letras – AGL – CNPJ nº 59.649.178/0001 - com sede na Rua Francisco Gonzaga Vasconcelos, nº 42, Vila Galvão – Guarulhos/SP, CEP 07074-040, se reuniu nesta urbe, na Rua Força Pública, Restaurante Choupana que, durante o encontro e por decisão estatutária, tomou o nome de sala Dr. Laerte Romualdo de Souza, para realizar a tricentésima

nonagésima oitava reunião ordinária, com a presença dos acadêmicos: José Augusto Rodrigues Pinheiro, Mauro dos Santos Oliveira, Teresinha Silva Maltez de Souza, Antonia Conceição Vaz Duarte, Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, Isabel Borazanian Macedo de Oliveira, Bismael Batista de Moraes, Fernando Canto Berzaghi, Fábio Cardoso dos Santos, João Carlos Biagini, José Roberto Jerônimo, Jacques Miranda de Oliveira, Gil Campos de Farias e Valdir Carleto.

- Às 12 horas, o presidente José Augusto Rodrigues Pinheiro, cumprimentou aos pares reunidos para uma despedida fraternal do ano que se finda. Após momento festivo e de congratulações, iniciou os trabalhos com a pauta destinada para a eleição da Diretoria que reinará no biênio 2019/2020. Consultou a mesa para saber se havia chapa formada para a promoção do escrutínio, restando infrutífero. Neste compasso, sob o manto dos artigos 7º, parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º e artigo 10º dos Estatutos Sociais, o presidente colheu manifestações acerca do pleito e, sopesadas as indicações e referências, chegaram ao consenso maior sobre a constituição definida, a saber: presidente – Antonia Conceição Vaz Duarte; vice-presidente – Valdir Carleto; secretária geral – Teresinha Silva Maltez de Souza; primeiro secretário – Mauro dos Santos Oliveira; segundo secretário – José Roberto Jerônimo; tesoureiro geral – Fábio Cardoso dos Santos; primeiro tesoureiro – José Augusto Rodrigues Pinheiro; segundo tesoureiro – Jacques Miranda de Oliveira; Conselho Fiscal: Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, Bismael Batista de Moraes, Fernando Canto Berzaghi.; suplentes: João Carlos Biagini, Isabel Borazanian e Gil Campos de Farias. O Conselho Fiscal fica sob a Presidência do componente mais idoso, acadêmico Armando Attilio Colacioppo Sobrinho; orador oficial - José Augusto Rodrigues Pinheiro. A Diretoria, que recebeu o referendo do agosto Colégio, iniciará o seu mandato bienal no dia 1º de janeiro de 2019, reinando até o dia 31 de dezembro de 2020.

Nada mais havendo, lavrou-se a presente ata que, acompanhada pela lista de presença, será devidamente assinada e registrada no Cartório Civil de Pessoa Jurídica respectivo, para os seus efeitos regulares e observadas as formalidades legais, encerrando-se esta reunião às 14 horas, firmando-se as assinaturas do presidente José Augusto Rodrigues Pinheiro e da futura presidente Antonia Conceição Vaz Duarte, secretário geral Mauro dos Santos Oliveira e da advogada Teresinha Silva Maltez de Souza.

O espírito elevado do escritor que ascende à imortalidade, além das letras, deriva pelos caminhos da consideração, da piedade e da solidariedade ímpar, guardando instantes de silêncio em respeito às vítimas da tragédia suportada pelos irmãos da cidade de Brumadinho, rincão das Minas Gerais. Nas formalidades, dentre as quais, a passagem do malhete, simboliza resignação, completude e a vontade indômita de ver florescer nova aurora, pois, aquele que sai não vai embora e aquele que assume já fazia parte, representando a união indissolúvel pelo mesmo objetivo: cuidar, vigiar, venerar, incentivar e bem conduzir o vernáculo brasileiro. A passagem do comando da nossa instituição simboliza o ato de soltar com uma mão e segurar com a outra, considerando que somos todos defensores das letras e, irmanados, buscamos semear a vontade e a necessidade de aprimorar o conhecimento.

- Em 30/01/19 - Às 14 horas o confrade Augusto Pinheiro iniciou a reunião, convidando aos pares para guardarem um minuto de silêncio em homenagem às vítimas de Brumadinho – MG. Lembrou que hoje se comemora o Dia da Saudade, o que nos leva à lembrança dos nossos pares ausentes.

- A confrreira Teresinha leu o teor das duas últimas atas que, corroborada por todos, recebeu o crivo das assinaturas. Leu, também, ata de reunião extraordinária levada a efeito no dia 13/12/18,



formalizada no restaurante “A Choupana”, culminando com a eleição da diretoria que regerá o Sodalício no biênio 2019/2020.

- Augusto Pinheiro rememorou seu magistral comando à frente da AGL, pontuando com maestria solenidades vivenciadas sob a sua gestão. Ato contínuo, solenemente, transmitiu a posse do cargo majoritário para a congreira Antônia Conceição Vaz Duarte que, no próximo biênio, estará à frente da nossa Instituição.

- O confrade Mauro uniu-se aos presidentes para desejar passagem que não separa, contrário senso, une e impulsiona para a frente e para o alto o destino da AGL.

- Emocionada, a congreira Antônia, emérita conhecedora da alma humana, com os olhos marejados, agradeceu a confiança e elegância dedicadas pelos confrades.

- Como primeiro ato, a presidente orientou o maestro Colacioppo para ordenar a apresentação do Hino Acadêmico, entoado pelo coral de escritores.

Como toda instituição que luta para sobreviver sem nenhuma ajuda monetária dos cofres públicos, a Academia Guarulhense de Letras, embora reconhecida pelo poder governante como órgão de Utilidade Pública e ser a única entidade que representa a cultura do nosso Município, tem compromissos pecuniários e a solução para solvê-los outra não é senão a colaboração de seus membros. Quando chegam as contas, os acadêmicos que têm suporte financeiro se cotizam para arcar com o dispêndio necessário, situação que obriga a constante procura por meios que possam trazer algum rendimento para ajudar nas despesas, restando sempre infrutífero. Mas, não esmoreceremos nunca, pois, desta penúria já sofriam os nossos ancestrais, aos quais lembramos sempre em nossos encontros, pelos feitos notáveis que marcaram as suas trajetórias. O reconhecimento pelos serviços prestados também motiva os incansáveis confrades que ao fim e ao cabo de cada presidência recebem home-

nagem e são entronizados em lugar de destaques na galeria dos que dominaram a cadeira mor. Assim explicam as notas abaixo.

- Em 27/02/19 - Às 14 horas a presidente Antonia iniciou a reunião saudando os presentes com votos de louvor e bem-aventurança.

- Augusto discorreu sobre o grupo formado para orientar assuntos financeiros, conclamando os partícipes para sugerirem ideias e maneiras de se conseguir angariar fundos para a manutenção das despesas da Instituição.

- O confrade Mauro alertou aos presentes sobre uma dúvida que paira acerca da denominação “Laerte Romualdo de Souza” nos locais onde a confraria se reúne. Fez remissão à página 101, in fine - do Livro Histórico com a seguinte redação: Por sugestão do acadêmico Espedito e aclamação dos pares a sala da sede da AGL, passará a chamar-se “Sala de Reuniões Acadêmico Laerte Romualdo de Souza”. Esta denominação é considerada perpétua e nominará a sala de reuniões onde quer que ela se instale.

- Momento solene sob a égide da presidente Antonia anunciando a entronização do quadro fotográfico que identifica o acadêmico José Augusto Rodrigues Pinheiro, presidente na gestão 2016/2018, e que, doravante, se perpetuará na galeria dos membros que comandaram o Sodalício.

- Visivelmente emocionado, o homenageado assumiu o púlpito para agradecer a honraria e usando as armas do mister que abraçou, teceu palavras de gratidão e de louvor aos pares, aos ilustres visitantes e, particularmente, à mãe, à tia, à esposa e ao filho do coração. Lembrou e reverenciou o saudoso e amado pai, que já não se encontra mais no plano físico.

Os compromissos inerentes ao mister da confraria se sucedem e, ao longo do ano em curso, as tarefas são distribuídas entre

os acadêmicos. As demandas têm origem em cada reunião, quando a presidente Antonia convida um dos presentes para orientar os trabalhos, proferindo palavras de alento e conforto, objetivando sentido reto, claro e produtivo. Também, a cada encontro na sede, o inextinguível maestro Colacioppo promove a regência do coral acadêmico na entoação do nosso Hino, retrato de harmonia, civilidade e de cultura. Na mesma linha de raciocínio, um grupo de escritores toma para si a incumbência de acompanhar e ordenar as matérias enviadas para a composição da Revista 2019. Outro acadêmico anuncia o lançamento de mais uma obra de cunho essencialmente social, enquanto um terceiro traz a boa notícia sobre o tombamento do prédio onde se situa a nossa sede. Há, ainda, confrades artistas que representam de acordo com o mote escolhido e, dominando a arte promovem festejos para regozijo dos munícipes. A presidente Antonia inovou e, deixando fluir feminilidade, incitou os pares a manifestarem-se sobre as coisas da alma e do coração. Êxito total que, doravante, se repete a cada final de reunião. Aprecie as notas que se seguem.

- Em 27/03/19 – A presidente Antonia fez soar o cumprimento inaugural de mais uma reunião deste Sodalício e, como regra, convidou o confrade Jerônimo para proferir palavras de conforto e alento para um encontro produtivo.

- Quanto à matéria “Revista 2019”, o trato e acompanhamento serão realizados pelos confrades: Valdir, Fábio, Clovis, Jerônimo e Augusto.

- Bismael anunciou lançamento de mais uma obra – “Elementos de Prevenção Criminal” - no dia 9 de abril, das 17 às 20h, na Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da USP, na rua Riachuelo, 185 – 4º andar.

- O acadêmico Fernando informou que o tombamento do sítio em que se encontra edificada a sede do Sodalício, “Complexo

Cultural João Cavalheiro Salem”, foi aprovado pelo órgão competente.

- O acadêmico Bosco anunciou evento denominado “Procissão do Fogaréu”, consistente num cortejo sacro-folclórico que ocorrerá no dia 18/04/19.

- A inspirada presidente Antonia sugeriu que os presentes se manifestassem de alguma forma sobre temas que lhes saíssem da alma e/ou coração, de improviso. A resposta foi esplendorosa, com pérolas que agradaram a todos. O gesto de inovação consagrou o ato que, salvo melhor juízo, encerrará os futuros encontros.

A solidariedade, a fraternidade e o espírito de congregação movem o relacionamento entre os pares. A formalização de uma diretoria para comandar a Confraria não torna o corpo diretivo privilegiado entre os demais. A corroborar esta assertiva está o fato de que as decisões acadêmicas são firmadas pelo Colegiado, cuja votação não distingue importância de cargo, obedecendo regiadamente os princípios da isonomia. Neste compasso, diante da impossibilidade da presidente Antonia comparecer a esta reunião, o vice-presidente, Valdir Carleto, assumiu a direção dos trabalhos e, com o brilhantismo que lhe é inerente, inaugurou, dirigiu e encerrou o encontro fraterno e cultural. Pode-se depreender pela leitura da ata que ora anuncio a falta de interesse e responsabilidade que o Poder Público (leia-se Secretaria da Cultura) destina às letras de nosso Município, pois, em que pese a AGL ocupar um prédio público há 37 anos, quando necessita de pequenos reparos na nossa sede, tem que arcar com as despesas, como se pode perceber no texto da ata. Para suprir o número essencial de membros – 40 – é publicado edital de convocação custeado pela Confraria, o que foi realizado recentemente e, restando infrutífero, devem os membros efetivos responsabilizarem-se por apresentar escritores para este mister. Ressalte-se que os confrades se movimentaram em diversas

frentes para divulgar a cultura, uns apresentaram-se em bibliotecas, outros em escolas e até em instituições do Sistema “S”, destacando-se, também, aquele que promoveu lançamento de mais uma obra no mercado livreiro. Observe o registro das notas seguintes.

Em 24/04/19 – Na ausência da presidente Antonia, o vice-presidente, Valdir Carleto, iniciou os trabalhos orientando os pares a guardarem um minuto de silêncio, enlevando pensamentos positivos em prol do acadêmico Castelo e do amigo Antonio (esposo da presidente Antonia), que se encontram acamados.

- O maestro Colacioppo assumiu, como sempre, a regência do coral acadêmico na execução do Hino do nosso Sodalício.

- O secretário Mauro comunicou aos acadêmicos as benesses providenciadas pela congreira honorária Wilma e pelo confrade Fábio que, graciosamente, providenciaram a troca das lâmpadas e a instalação de um ventilador, melhorando, sensivelmente, a iluminação e a refrigeração do ambiente acadêmico.

- Concernente ao edital para convocação de novos membros, o ato restou infrutífero, sem nenhum aspirante à imortalidade. Diante do fato negativo, o confrade Mauro rogou aos pares o esforço no sentido de indicarem escritores de seus conhecimentos para concorrerem às cadeiras vacantes.

- O confrade Valdir consultou à mesa para se manifestarem quanto à participação no projeto SELIBI – Semana do Livro e da Biblioteca Escolar na Rede SESI, a se realizar no mês de maio, tendo o confrade Ivo se comprometido em representar o Sodalício naquele evento.

- O confrade Jerônimo teceu comentário sobre a palestra que apresentou no CEU Jardim Cumbica, EPG Hamilton Félix de Souza, sob o título “Leiam todos porque é bom”. Concentrou o seu trabalho literário no sentido de conscientizar uma centena de alunos sobre o valor da leitura e o objetivo da apresentação que

foi incentivar o produtivo e saudável hábito de ler, inclusive, selecionando os livros que contribuirão para o progresso de cada um, lembrando que este processo vem ocorrendo desde a FLEG, quando a Academia distribuiu muitos livros, sempre com o cuidado de representar o Sodalício com a dignidade que merece.

- O acadêmico Bismael discorreu sobre o lançamento do seu 21º livro, tendo como mote a paz social, luta que empreende desde o ano de 1973, asseverando que a cada morte provocada por disparo de arma de fogo, o governo federal é quem recebe os louros, pois é remunerado a cada projétil disparado por armas mortais que infestam o Brasil de Norte a Sul.

- O confrade Clovis relatou que foi convidado a retratar a biografia de um amigo e solicitou aos presentes subsídios para que possa executar um trabalho de primeira grandeza, inclusive, aceitando ponderações quanto ao valor com que deve ser remunerado nesta empreitada.

- O confrade Jerônimo assumiu a tribuna e teceu comentários sobre a sua apresentação na EPG Hamilton Félix de Souza. Sob o tema “Leiam todos porque é bom”, provocou a movimentação entre mais ou menos cem alunos e o corpo docente e diretivo da casa municipal de ensino.

A Academia, por seus pares, recebe convidados em suas reuniões ordinárias para que conheçam a rotina da vida acadêmica e, também, acolhe aqueles que demonstram curiosidade em saber um pouco da lida em busca do saber e do conhecimento. Desta feita apresentou-se em nosso encontro o professor Edson Oliveira que ministra aulas em Escola Estadual do nosso Município para o ensino médio. O bravo professor idealizou um trabalho denominado “Projeto Campeonato do Saber”, já com várias edições pretéritas e, este ano, após conhecer o livro “História da Academia Guarulhense de Letras”, resolveu homenagear alguns Acadêmi-

cos, vivos e tombados, escolhendo-os, aleatoriamente, pinçados nas páginas do livro eleito para o evento cultural – “Guarulhos – História e Desafios para o Século 21”. Através de ofício endereçado ao atual secretário de Cultura do Município, Vitor Souza, pela Secretaria, ele tomou conhecimento das diversas dificuldades por que passamos e prometeu presença nesta reunião, onde relataria de que forma pode auxiliar o Sodalício em sua dificultosa marcha. Não compareceu e nem mandou representante; tampouco, dignou-se justificar a falta deselegante. A nossa Confraria sente-se honrada em, através de apadrinhamento, possibilitar a fundação de uma coirmã em terras paraibanas. Por empenho e dedicação do nosso confrade Bosco Maciel, que não mediu esforços, emprestando o seu conhecimento e a sua cultura, recentemente, foi oficializada no Município de Cajazeiras (PB) a Academia Cajazeirense de Artes e Letras, mais um polo de cultura naquele longínquo estado. Assim explicam os assentamentos que se seguem.

- Em 29/05/19 - A nobre presidente Antonia Vaz Duarte iniciou a reunião dando boas-vindas aos pares e convidando o confrade Jacques para proferir palavras de alento e estímulo para um encontro profícuo e produtivo.

- Com ares de civilidade e respeito, o maestro Colacioppo assumiu o púlpito e regeu, magistralmente, o Coral Acadêmico na entoação do Hino do Sodalício.

- Ato contínuo, a presidente anunciou o convidado e professor Edson Oliveira para que fizesse a explanação sobre a sua presença perante o Colegiado. O artífice do ensino que exerce o seu mister na Escola Francisco Milton de Andrade – EE Parque Continental III, é autor do “Projeto Campeonato do Saber”, que congrega alunos do ensino médio e, em sua 6ª edição, este ano tem como mote “Guarulhos – História e Desafios para o Século 21”. A ideia de propagar a cultura levou o professor a homena-

gear a Confraria, pois conheceu a obra que conta a sua história, elegendo como inspiração para o seu projeto o livro “História da Academia Guarulhense de Letras”, cujos autores faziam parte da mesa, confrades Mauro e Teresinha. Da obra escolhida e como forma de render homenagens à imortalidade guarulhense, Edson leu e pinçou dentre os seus partícipes alguns nomes de vulto, vivos e tombados, a saber: Adolfo Vasconcelos Noronha (in memoriam); Antonia Conceição Vaz Duarte; Aristides Castelo Hanssen; João Ranali (in memoriam); José Augusto Rodrigues Pinheiro; Silvio Ribeiro; Teresinha Silva Maltez de Souza e Valdir Carleto. Sobre os vultos tombados, cabe revelar parte de seus legados; já, os vivos, vivenciar a história, presencialmente. Na partida, carregando alguns livros ofertados pela secretária Teresinha, o jovem professor revelou orgulho e emoção em conhecer um pouco mais sobre o Sodalício, convidando a todos para marcarem presenças no evento.

- A Secretária Teresinha deu publicidade a um ofício solicitado pelo senhor Secretário de Cultura que prometeu estar presente nesta reunião, para debater os itens elencados no referido documento, porém, não cumpriu a promessa.

- Leu, também, ofício destinado à fundação da ACAL – Academia Cajazeirense de Artes e Letras, tendo o acadêmico Bosco Maciel representado a AGL, considerando que também será erigido à imortalidade como membro fundador daquela Casa do Saber.

-A presidente franqueou a palavra para manifestação dos pares, brindando-os com palavras de conforto, apaziguamento, incentivo e louvores.

-O confrade Ivo informou que representou a AGL em evento escolar no Município, denominado “Projeto Selibe” – Semana do Livro e da Biblioteca Escolar, na rede SESI, distribuindo livros e promovendo palestra.

-Fernando declamou as poesias “Mãe adotiva dos Sonhos” e “Porque Deus estava lá”.



- Jacques homenageou Olavo Bilac ao declamar a poesia “Ouvir estrelas”.

- Teresinha trouxe à lembrança o saudoso escritor Adolfo Vasconcelos Noronha, lendo a poesia “Atalhos da vida”, asseverando que acompanhou, de perto, a construção da sua magnífica obra.

- O mestre Bismael declamou “Quando o pássaro canta”, presenteando os pares com a frase: “O direito é uma ciência que nasceu do saber e do espírito nas inúmeras vidas por ele vividas”.

- A congreira Isabel Borazanian sugeriu a criação de um documentário sobre as atividades da AGL, para divulgação nas escolas, órgãos públicos e comunidade em geral.

As atividades acadêmicas se multiplicam de acordo com o surgimento de eventos culturais no seio da sociedade. O encontro ordinário no mês das festividades juninas teve condão de pluralidade de matérias envolvendo a necessidade de participação de escritores em diversos polos do Município. Percebe-se nos registros da ata que motivou este preâmbulo o elevado número de acontecimentos artísticos que exigem o exercício do múnus acadêmico. A festejada congreira Isabel Borazanian anuncia evento tradicional em Vila Galvão, demandando empenho de vários confrades no entretenimento de um público amante das letras durante um final de semana. Relembrou, também, a necessidade da criação de um vídeo publicitário versando sobre a AGL enfatizando a história de seus membros e respectivos legados, cuja veiculação deverá abranger escolas públicas, comunidades periféricas, dando publicidade à informação de que em Guarulhos existe uma Academia de Letras que luta em prol do saber e do conhecimento. Isabel teceu comentários sobre um grupo de músicos que formam a “Orquestra Coração da Viola”, eméritos defensores da música raiz brasileira, sugerindo a outorga da Medalha de Mérito Cultural

João Ranali aos componentes, como forma de incentivar o exercício do cancionero da terra. Destaque-se com louvor a bravura de um professor de escola dos arredores de nossa urbe, Edson Oliveira, criador do projeto “Campeonato do Saber”, envolvendo o alunado do ensino médio e que, na sua 6ª edição, homenageou o Sodalício em nome de seus pares, vivos e tombados. Cumprindo promessas pretéritas, o secretário de Cultura do Município, Vítor Souza, compareceu nesta reunião em visita de cortesia. Assumiu o púlpito e demonstrou generosidade pela causa cultural, prometendo esforço hercúleo no sentido de agraciar a nossa Instituição, ao menos, na edição da Revista da Academia prestes a ser lançada, seguindo a tradição imposta por nossas ancestrais. Afirmou o secretário que pretende estreitar os laços culturais entre a Pasta que dirige e a nossa Confraria. Foi-lhe entregue um ofício com algumas solicitações atinentes às necessidades prementes para suprir, basicamente, o desenvolvimento das atividades corriqueiras. Agradecemos o empenho de vários autores que se articulam na produção de livros e que se superam na difícil missão de escrever para homenagear os amantes das letras. As próximas notas demonstram o nosso comentário.

- Em 26/06/19 – Excepcionalmente às 14h30 a presidente Antonia proclamou a reunião que ora se inicia, incumbindo a confrreira Isabel de proferir palavras de alento e de conforto, iniciando os trabalhos.

- Cumprindo a liturgia, o maestro Colacioppo orientou o coral acadêmico na entoação do Hino do Sodalício.

- A confrreira Isabel anunciou evento cultural que se realizará nos dias 13 e 14 do mês andante, no Complexo Cultural de Vila Galvão, convidando os pares para participarem do acontecimento. Lembrou, também, da sugestão sobre a criação de um vídeo versando sobre a AGL, suas ações e história de seus membros, buscando com este meio de comunicação mostrar maior visibilidade da nossa Instituição.

- Isabel teceu comentários sobre a Orquestra de Violeiros Coração da Viola, sugerindo que o Sodalício preste homenagens a estes defensores da música raiz, outorgando-lhes a Medalha do Mérito Cultural “João Ranali”.

- O secretário Mauro discorreu sobre a visita que fez, juntamente com a congreira Teresinha e o confrade Valdir em evento realizado na Escola Estadual Francisco Milton de Andrade, em bairro periférico do Município de Guarulhos. Adremente convidados pelo professor Edson Oliveira, autor do movimento Campeonato do Saber, em sua sexta edição, foram representar a Confraria, num ambiente festivo, composto de um eficiente corpo docente e uma plateia com mais de cem alunos do ensino médio.

- O confrade Valdir brindou aos presentes exercitando com maestria pérola pinçada de sua vasta obra, instigando o alunado a exercitem a educação na escola, além da escrita e da leitura como meio de alcançarem projeção de respeito junto à sociedade.

- O acadêmico Bosco Maciel registrou o avanço cultural da nossa coirmã ACAL, prestes a lançar a primeira obra concluída por seus membros. Saudou os pares com a poesia “As Três Filhas de Maria”.

- O confrade Clovis comunicou lançamento de livro no dia 25 de agosto, no Tendal da Lapa, espaço tombado e que hoje acolhe o Centro Cultural daquele bairro.

- O secretário de Cultura Vitor Souza compareceu em visita nesta reunião, sendo saudado e convidado a fazer uso da tribuna livre. Como detentor da pasta que trata de assuntos correlatos à cultura, iniciou sua fala considerando fundamental o estreitamento entre a Secretaria que dirige e a AGL. Marcou data e hora para receber uma comissão de acadêmicos com o objetivo de debater sobre ofício que ora recebe, onde constam reivindicações necessárias para o bom andamento do Sodalício. Dos itens elencados no ofício que leu perfunctoriamente, vislumbrou grande chance de colaborar com o custeio da edição da Revista da Academia 2019, prometendo se empenhar neste projeto.

- A presidente Antonia agradeceu a visita e a manifestação do empenho prometido. - O confrade Jerônimo leu o poema “Nossa Academia”.

- A confeitira Teresinha, em momento de confraternização, serviu guloseimas e sucos ofertados pelo aniversariante do mês, confrade João Biagini.

- A confeitira Isabel declamou poesia autoral intitulada “A Arte”.

- O acadêmico Biagini teceu comentários sobre os feitos e desenvolvimento da Instituição União dos Juristas Católicos de São Paulo-UJUCASP, como membro operante.

- O mestre Bismael enfatizou a temporaneidade e a relação direta com problemas que afligem a sociedade, do seu livro, “Elementos de Prevenção Criminal”, recentemente lançado, apresentando seus pares com um exemplar da obra.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e extraordinárias implementadas entre os meses de setembro de 2018 e agosto de 2019. Com este trabalho ajusta-se para conhecimento geral, a história da AGL, em cujos anais se assentarão todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.

*Mauro dos Santos Oliveira*  
*Acadêmico Efetivo*

*Teresinha Silva Maltez de Souza*  
*Acadêmica Efetiva*



*41 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

PARTE III  
MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL  
JOÃO RANALI



MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL  
JOÃO RANALI

Fundadores:

GASPARINO JOSÉ ROMÃO  
OSCAR GONÇALVES  
ARISTIDES CASTELO HANSEN  
ARY BADDINI TAVARES

In memoriam:

JOÃO RANALI  
JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ  
NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos Efetivos:

CLOVIS DOMINGUES  
ARMANDO ATILIO COLACIOPPO SOBRINHO  
BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista:

OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporação Musical:

BANDA LIRA DE GUARULHOS

Empresária:

VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico Honorário:

EDMILSON SOUZA SANTOS







*41 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE IV**  
**HINO DA AGL**  
**LETRA E PARTITURA**

## HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro dos Santos Oliveira*

### 1ª estrofe

Somos todos arautos de luz  
Semeamos as letras e os versos  
E o que falta, a escrita conduz  
E a cultura inunda o universo.

### 2ª estrofe

E ao plantar letras pelas aldeias  
Em processo de semeadura  
Cultivando os livros à mancheia  
Promovendo o saber e a cultura.

### Refrão (Bis)

Honrando sempre os ancestrais  
Os seus legados são eternos  
Conferindo a paz aos imortais.

# HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro Santos de Oliveira*

Introdução

7  $\%$   
Canto - 1ª estrofe

So-mos to - dos A-rau-tos de lu - uz, se - me-am-mos as letras e os ver - sos, e o que

13 2ª estrofe

fal - ta a es-cri-ta con-du - uz e a cul - tu - ra i-nun-da o u-ni-ver - so E ao plan-tar le-tras pe - las al - dei - as em pro -

19 Coro - Refrão

ces-so de se - me-a - du - ra cul-ti - va-do os li-vros à man-che-ia, pro-mo-ven-do o sa-ber e a cul-tu - ra Hon-ran - do

26 Bis - Dal  $\%$

sem-pre os an - ces - tra - is e os seus le-ga-dos são e - ter - nos, con-f-e - rin - do a paz aos i-mor - tais

33 Coda Finale

Estúdio / Gravação: *Acadêmico Bismael Batista de Moraes*

Edição: *Dr. Euclides Tadeu Shergue*





✧ 41 Anos ✧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE V - GALERIAS**

**PRESIDENTES  
ATÉ O ANO XLI**



Gasparino José Romão  
Gestão 1978 - 1998

---



João Ranali  
Gestão 1998 - 2000

---



Flávio Cleto Giovanni Trombetti  
Gestão 2000 - 2001

---

Adolfo Vasconcelos Noronha  
Gestão set/2001 a mar/2002  
O presidente faleceu e a gestão foi concluída  
pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes.

---





Bismael Batista de Moraes  
Gestão 2006 - 2008

---



Milton Luiz Ziller  
Gestão 2002 - 2003

---



Ary Baddini Tavares  
Gestões 2003 - 2004 e 2014 - 2016

---



Aristides Castelo Hanssen  
Gestão 2004 - 2006

---





Armando Attílio Colacioppo Sobrinho  
Gestão 2008 - 2010

---

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira  
Gestão 2010 - 2012

---



Clovis Domingues  
Gestão 2012 - 2014

---

José Augusto Rodrigues Pinheiro  
Gestão 2016 - 2018

---





## HOMENAGEM GRATIDÃO

*Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.*

*Entre tantos desdobramentos que nos inspirou a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.*

*“NA ACADEMIA EXISTE VIDA.”*

*Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo primeiro ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.*

*Clovis Domingues  
Acadêmico Efetivo*

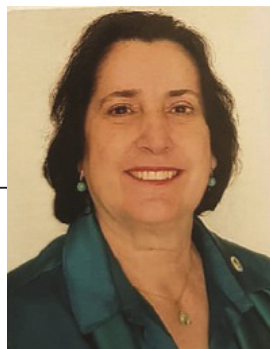
GALERIA DOS OCUPANTES DAS CADEIRAS  
NESTE ANO XLI

Alexandre Gargano Cavalheiro



André Figueiredo Rodrigues

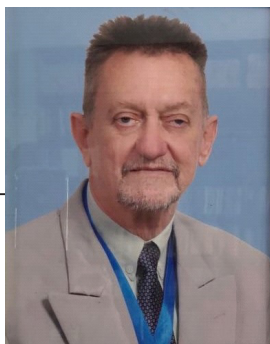
Antonia Conceição Vaz Duarte





Antonio Darci Pannocchia

---



Aristides Castelo Hanssen

---



Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

---



Ary Baddini Tavares

---

Aura Gold

---



Bismael Batista de Moraes

---

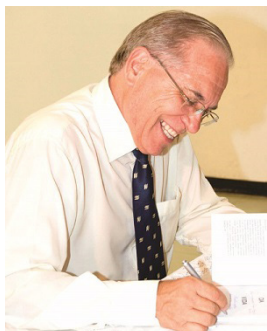
Clarimundo Oliveira Aguiar

---



Claudemir Pedroso da Silva

---



Clovis Domingues

Edison Evaristo Vieira Júnior



Espedito Pinheiro de Souza

Fábio Cardoso dos Santos



Fernando Canto Berzaghi



Gil Campos de Farias

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira



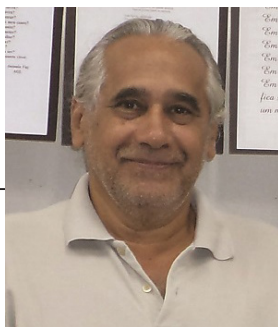
Ivo de Souza





Jacques Miranda de Oliveira

---



João Bosco da Silva

---



João Carlos Biagini

---

José Augusto Rodrigues Pinheiro

---





José Roberto Jerônimo

---

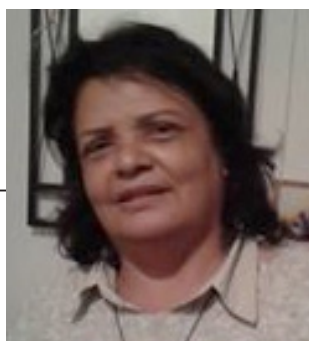


Lineu Roque Aceiro

---

Marlene A. Torrigo

---





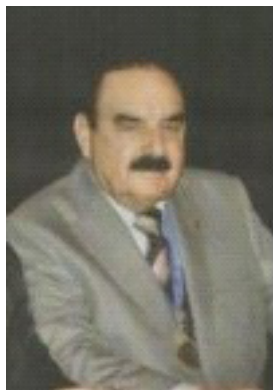
Mauro dos Santos Oliveira

---



Plínio Tomaz

---



Sebastião Dácio de Moura Montans

---

Sílvia Ribeiro

---



Teresinha Silva Maltez de Souza

---

Valdir Carleto

---



Este livro foi composto e diagramado  
nas fontes: Arial corpos 8 e 11, Times New Roman corpo 11.  
Miolo em Papel Off-set 75 g/m<sup>2</sup> - 1 Caderno em Couchê 115 g/m<sup>2</sup>  
e capa em Cartão Triplex 300 g/m<sup>2</sup>  
Impresso pela Navegar Gráfica e Editora em novembro de 2019.